# Revista LiteraLivre©

Ano 1 - Edição 04 - Julho de 2017



Literatura com Liberdade




Ano 01 - Edição 04 - Julho de 2017

Jacareí - SP - Brasil

**Expediente**:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Editora-chefe**:** Ana Rosenrot

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Quintal do Secretinho – SP
Foto de Marina Costim Fuser
https://www.facebook.com/marina.sedova

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.

Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.






Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

# Editorial

Estamos completando 6 meses de existência e já engatinhamos com coragem pelos caminhos nada suaves do mundo literário. A cada edição nos surpreendemos com a qualidade e diversidade dos trabalhos que recebemos de todo o Brasil e também da Europa e da África, num delicioso mix de estilos.
Nossos números são promissores para uma publicação tão jovem: tivemos mais de 500 inscritos para esta edição, com um total de 731 trabalhos. Contamos também com 2312 assinantes da revista (até o momento) no site e um alcance de mais de 1000 pessoas por dia em nossa página do Facebook, sem utilizar nenhum tipo de patrocínio.
Estes números provam que com perseverança e união podemos vencer as barreiras do mercado editorial, proporcionando oportunidades iguais para todos, com liberdade de expressão, de forma justa e gratuita.
Espero que aproveitem bem nossa 4ª edição (a maior até agora), que traz os mais diversos textos de todos os lugares; também temos belas imagens e uma matéria especial e muito importante sobre a Campanha de Doação de Sangue “O Dia dos Vampiros”.
Muito obrigada aos amigos que se inscreveram, a todos os selecionados e aos nossos queridos leitores que tornam nossa jornada possível!!

**Ana Rosenrot**
**Editora-chefe**

## Neste número

***25 de Julho***




**Parabéns aos que transformam sonhos em palavras!!**

***Feliz Dia Nacional do Escritor!!***



# CULTíssimo

Ana Rosenrot




O que nos define como seres humanos? Será a capacidade de sentir, pensar e sonhar? De respirar? De

Um robô doméstico chamado Andrew(Robin Willians) fará de tudo para encontrar uma resposta para essas perguntas enquanto busca sua própria humanidade.

O filme que trago nesta edição: *"O Homem Bicentenário"* de 1999, inicia com a visão "futurista" e otimista do ano de 2005, onde a prosperidade e a tecnologia possibilitam que as pessoas adquiram "robôs domésticos", uma espécie de versão futurista de uma empregada doméstica, que tem capacidade para durar, no mínimo, quatro gerações. Mas ao ser tratado como pessoa pela família que o comprou, o robô Andrew adquiri um "defeito": o livre arbítrio; embora continue fiel às três leis da robótica, presentes em sua configuração inicial.

Baseado no livro homônimo escrito pelo mestre da ficção científica *"Isaac*

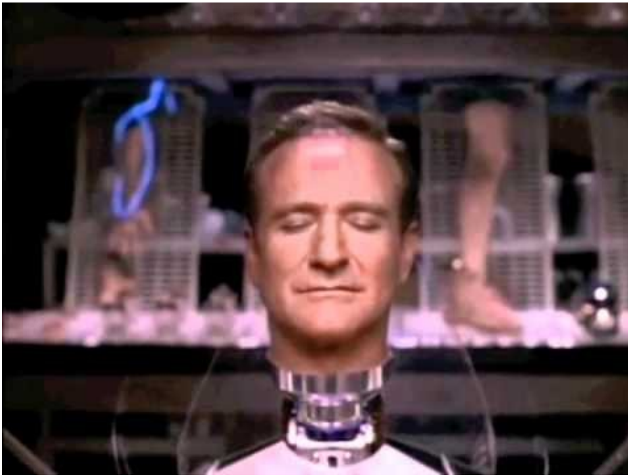
*Asimov"* (também autor de "Eu, Robô") , dirigido por *"Chris Columbus" e estrelado pelo* saudoso *"Robin Willians"*(falecido em 2014), O Homem Bicentenário é um filme instigante e filosófico, mas, ao mesmo tempo, simples de acompanhar e carregado de emoção e sutileza.



Conforme a capacidade de aprender e sentir do personagem Andrew aumenta, passamos a questionar junto com ele onde os princípios e singularidades humanas de um ser inteligente começa de fato, tornando-o humano.
No porão onde vive, Andrew aprende a fabricar e consertar relógios complexos, numa sábia alusão a manipulação do tempo, algo incompreensível para um ser imortal, que não envelhece, nem precisa comer, dormir ou descansar.
A incrível habilidade e o sucesso com os relógios o torna um robô rico e independente e assim ele começa uma incessante busca pela humanização, numa saga que dura 200 anos, cheia de encontros, desencontros, lutas contra o preconceito, surpresas e um amor improvável que resiste ao tempo; tudo tratado de forma delicada e humilde, visto através da inocência e da pureza de Andrew; um robô com "alma" capaz de nos dar grandes lições de vida.
Um filme que supera as expectativas, prendendo o expectador por seu enredo dramático e inteligente e sua abordagem corajosa e provavelmente realista sobre a evolução da robótica, o futuro e como tudo isso afetará a organização e as regras humanas.



Com interpretação magistral de *Robin Willians*, que consegue mesclar drama e comédia na medida exata, sua interpretação contida se enquadrando perfeitamente no personagem robótico, os diálogos emocionantes e reflexivos, cenas muito bem-feitas e principalmente as mensagens sobre a importância de viver da melhor forma possível, buscando a felicidade e a plenitude, fazem do filme *"O Homem Bicentenário"* um filme para ver e rever com a família.
Espero que tenham gostado e usando uma frase de Andrew eu me despeço:
*"Isto fica feliz em ser útil!"*






**Sinopse:** O Homem Bicentenário (Bicentennial Man - U.S.A. - 1999) - Uma família norte-americana compra um novo utensílio doméstico: um robô chamado Andrew programado com as Três Leis da Robótica, para realizar tarefas domésticas simples. Entretanto, aos poucos o robô vai apresentando traços característicos de um ser humano, como curiosidade, inteligência, emoções e personalidade própria.

O filme mostra a saga de Andrew em busca da liberdade e de se tornar, na medida do possível, um ser humano.

**Gênero:** Ficção Científica.

**Classificação:** Livre



Para contato e/ou sugestões:
anarosenrot@yahoo.com.br

https://www.facebook.com/cultissimoanarosenrot

# A Duna

**Alberto Arecchi**

**Pavia - Itália**

O sol deslumbrante brilhava queimando, no alto do céu. As camadas de ar flutuando sobre as areias quentes criavam miragens com mares inexistentes. Parecia mesmo que o solo e o ar que entrava nos pulmões ardessem, devorando com chamas inextinguíveis. Na base de uma alta duna, o pé do dromedário afundou em um buraco. O beduíno prorrompeu em uma saraivada de maldições. Se o seu deus tivesse ouvido, o teria incinerado no instante mesmo.

O dromedário tinha a perna travada em uma fenda, abaixo da qual havia uma espécie de abismo. O homem procurou acalmá-lo, a fim de evitar que com os movimentos se causasse um dano maior. O dromedário estava sofrendo, emitindo altos bramidos. Mais se agitava, mais afundava. O homem começou com cuidado a alargar aquela espécie de mordaça. A areia escorria e andava perdendo-se em profundidade, formando um alargamento em forma de funil. Um sumidouro escuro, assustador. Finalmente, depois de muito trabalho, a abertura foi bastante grande para permitir o dromedário levantar a pata. Sangrando, despojado, ferido e dolorido, mas o osso tinha resistido. Prontamente, o beduíno urinou na ferida para desinfetá-la e sacudiu a pata em uma bandagem. A perna ferida exigia um par de dias de folga. O homem buscou um refúgio contra o sol escaldante, na base da duna. Em seguida, a curiosidade o fez voltar ao local do acidente, para perscrutar o abismo que se abrira. A areia tinha descoberto uma rocha de conglomerado que embrulhava varetas de ferro, como betão armado. Era uma espécie de um *bunker* subterrâneo. O tempo tinha enfraquecido o concreto, até causar a formação de lesões, que se alargaram, até ser a causa do tropeço do dromedário. O beduíno Ahmed percebeu que estava sobre um teto. Sob ele se abria uma sala, cheia parcialmente de areia e profunda uns três metros.

Ahmed amarrou uma corda nos ferros, no lado da abertura. Fixou seu cinturão à outra extremidade da corda e saltou. Aterrissagem suave, na areia. Poucos minutos, para adaptar os olhos à escuridão. Estava em um local de forma de paralelepípedo, bem construído. A areia caindo não havia entulhado o

ambiente. Viu duas portas que deveriam dar acesso a outras salas. Ahmed e se dirigiu para a direção que lhe parecia a mais promissora.

A construção, linda e arrumada, se revelava ser uma estrutura artificial. Estranhamente, não havia nenhuma forma de vida animal, nem sequer mofo ou líquen. O jovem beduíno sentia uma crescente apreensão em caminhar sozinho por aquele porão. Explorou três túneis que ramificavam-se a partir do primeiro quarto, encontrando apenas alguns furos nas paredes. Finalmente, no último quarto além do último túnel, descobriu algo diferente. Umas caixas lisas, feitas de um material acinzentado. Nenhum sinal de corrosão para indicar a idade. Tudo ao redor, estavam espalhados objetos metálicos, oxidados e desgastados pelo tempo. Em um canto, havia uma pequena pilha de objetos, de um material semelhante ao das caixas cinzentas. Estes, no entanto, tinham uma aparência ainda mais intrigante. Redondos, com um buraquinho central, como para enfiá-los a fazer gargantilhas, o como antigas moedas perfuradas. Ahmed nunca tinha visto objetos semelhantes, nem sequer conhecia o misterioso material de que eram feitos. Segredos militares? Vestígios de uma civilização antiga o até de seres extraterrestres? O jovem beduíno sabia que o clima e a aridez do deserto podem manter os rastos por milhares de anos, mas também sabia que o vento de areia mói as rochas, cobre as pegadas, gasta e desfigura os objetos. Ahmed apanhou um punhado de aqueles discos, envolveu-lhos no *cheche*, o pano comprido usado para cobrir a cabeça, e subiu para o ar livre. Naquela noite, sob o céu estrelado, o jovem imaginou ver mil corpos celestes viajando nas profundezas do espaço, até se tornar mais densos que as caravanas ao longo das rotas do deserto. Seu coração sugeria que os objetos misteriosos, finos, brilhantes e nítidos, fossem o legado de visitantes misteriosos, chegados de outro mundo, em tempos antigos. O deserto, onde ele viajava com o seu dromedário, já fora o centro de uma região fértil, sulcada por rios, com campos férteis e florestas. O porão misterioso guardava os escritórios técnicos e os arquivos de uma antiga cidade.

Os beduínos sabiam que alguém tinha vivido no deserto antes deles e suas lendas contavam que outra vez aquelas terras foram férteis e irrigadas. Eles achavam nas rochas desenhos de animais que não existiam mais, como os elefantes e hipopótamos, que só poderiam viver perto de muita água e tinham que devorar grandes quantidades de grama. As salas enterradas nas dunas guardavam objetos de alta tecnologia, talvez um arquivo de conhecimentos

secretos. A notícia da descoberta se espalhou rapidamente e Ahmed tornou-se um guia, o mais apreciado do deserto. Estudiosos e curiosos procuravam-no para os guiar até às “caves dos discos”, como tinham sido batizados os porões enterrados nas dunas.

Os discos translúcidos foram recolhidos e protegidos detrás de um vidro, no pequeno museu local, e classificados como “objetos de material desconhecido, provavelmente relacionados com os cultos de uma antiga civilização desaparecida”. Nas décadas que se seguiram, muitos arqueólogos e lingüistas “de fronteira” desenvolveram suas tentativas para decifrar as pequenas estrias, quase invisíveis que decoravam a face dos discos. Um eminente físico tentou mesmo fazer passar raios de luz através de elas, para estudar os efeitos da refração. Os discos permaneceram um mistério e a atenção dos estudiosos diminuiu. Apenas continuaram a falar deles os devotos dos eventos misteriosos e os proponentes de teorias esotéricas sobre as origens da civilização. Ninguém nunca veio a descobrir que alguns deles continham os arquivos de uma grande empresa petrolífera, outra parte contendo enciclopédias, manuais técnicos e uma rica antologia da literatura mundial, a partir da era antiga até à altura dos computadores.

A decifração destes arquivos poderia abrir descobertas interessantes sobre a história do homem, a evolução espiritual, cultural e os desafios tecnológicos de um período que durou cerca de dez mil anos. Ninguém, porém, na altura, era dotado de um computador para decifrar aqueles arquivos. Ninguém sequer sabia que tais instrumentos nunca tivessem existido, nem quais características tivessem.

Um evento desconhecido tinha destruído grande parte dos recursos e da vida no universo, cancelando os arquivos da inteligência humana. As bibliotecas com livros de papel, assim como os milhares de milhões de dados armazenados em memórias eletrônicas, tudo fora perdido. Depois da grande catástrofe, novos homens tinham repovoado o planeta, aprendendo a usar paus, a atirar eixos, a cultivar os campos, chegando a derreter os metais. A pedra era pensada ser “o corpo dos deuses”, enquanto aqueles discos de material transparente, que parecia eterno, ainda frágil, levavam consigo uma mensagem do passado, mas cada vez mais ilegível.

O dromedário de Ahmed começou a decair. Assim mesmo seu mestre sentia um fogo ardendo-lhe dentro. Ambos foram ficando mais fracos, perdendo o

cabelo. Tornaram-se como espectros, e moviam-se com dificuldade. Finalmente se apagaram, no meio de terríveis sofrimentos. Houve rumores de uma maldição secreta, ligada aos lugares que o jovem beduíno havia descoberto. As tribos da região, desde então, cultivaram um santo terror contra os mistérios do submundo, que consideravam ter a marca de uma maldição, por antigos antecessores.

O mundo não tinha nenhuma maneira de saber que, há vários séculos, a humanidade tinha quase destruído a si mesma e o planeta Terra, em um holocausto nuclear massivo. Apenas um mito das origens tinha guardado uma vaga lembrança, nos livros sagrados e nas lendas dos povos sobreviventes. Os arquivos encontrados por Ahmed foram fortemente contaminados pela radioatividade, e isto explicaria a ausência total de formas de vida animal, ou de plantas. Mas esta é uma explicação compreensível para nós, não seria uma boa explicação para Ahmed, nem para o seu dromedário.

www.liutprand.it



# A Gata Da Foto

**Fernando Jacques de Magalhães Pimenta (JAX)**
**Brasília/DF**

Era uma morena, jovem e bonita, como tantas outras da cidade do Rio de Janeiro. Bonita a ponto de fazer pensar que já deveria ter sido anteriormente publicada sua foto, ora estampada na primeira página da edição daquele dia do jornal. A contemplação da imagem certamente suscitou reações e indagações das mais diversas. Muitos devem haver acreditado que a moça parecia mais jovem do que a matéria do jornal indicava e até mesmo colocado em dúvida a veracidade da informação jornalística. Vários leitores perguntavam-se como era possível aquela menina ter chegado aonde chegou, enquanto outros se renderam à beleza cristalina e exclamaram, em seu íntimo: "que gata!" ou "que desperdício!" Alguns poucos não resistiram à dureza humana para refletir na suposta lógica do destino, sentenciando que cada um colhe o que semeia e que beleza não basta para o sucesso na vida.

Com um olhar mais atento e certa dose de imaginação, podia-se perceber que, apesar de fechados no instantâneo da foto, os olhos da jovem estavam abertos e assustados. Miravam, quase com horror, as disparidades e as contradições daquele Brasil dos anos sessenta, em que a intolerância e a falta de amor ao próximo manchavam conquistas como o bicampeonato mundial de futebol no Chile e a genialidade da Bossa Nova. Quanto desencanto transmitia aquele olhar sobre as mazelas brasileiras!

O corpo, estendido meio de lado sobre o terreno arenoso, com as pernas ligeiramente cruzadas, contribuía para reforçar a convicção de que a moça era mesmo muito bonita. Uma gata, sem dúvida! As mãos e os braços estendidos também impressionavam. Pareciam estender-se em determinada direção,

como se a menina quisesse alcançar algo ou alguém. Com boa capacidade de observação, seria possível notar que as unhas, bem cuidadas, estavam cobertas de sangue (de sangue de verdade, nada daquele esmalte horroroso que virou moda alguns anos mais tarde).

Havia sangue igualmente no corpo, mas pouco perceptível em razão da blusa e da calça escura que ela trajava. Arrematando a cena, uma pistola automática jazia próxima, sem que se saiba se chegara a ser usada. Uma foto triste, em que beleza, sofrimento, revolta e selvageria se mesclavam de modo patético. Que destino mais lamentável o seu, gatinha! Vê-la assim, após tanto tempo, provoca um confuso turbilhão de ideias e sentimentos.

Quem a viu brincando com outras crianças de sua idade na calçada da rua Antônio Basílio não podia imaginar o que ocorreria mais adiante. Você era ágil e esperta, gostava de brincar de pique-bandeira, de jogar queimada, de rir, fazer pilhéria, na mesma medida dos demais à sua volta. Dos que participavam daqueles folguedos infantis, talvez ninguém saiba exatamente quando e como a despreocupada alegria da infância cedeu lugar à ansiedade adolescente e às primeiras manifestações de inconformismo. A maior parte de sua história ocultou-se dos que a conheceram. Nem mesmo os dossiês dos serviços de inteligência conseguirão elucidar todas as questões que podem ser levantadas quanto à trajetória seguida.

Parece evidente que você se juntou a uma causa radical e às pessoas erradas, quem sabe até por motivo sentimental. Naquele país ansioso por resolver-se, pleno de conflitos sociais e de diversa índole (boa parte dos quais perdura até os dias de hoje, ainda que com intensidade e roupagem variáveis), a jovem escolheu seu caminho, minado pela violência de parte a parte, violência brutal, descabida, infrutífera e crescente até a aniquilação do contendor mais fraco. Sua esperteza não foi capaz de ver além da insana ideologia que conduziu seus passos. Sua agilidade foi insuficiente para evitar

as balas que a colheram e deixaram sua bandeira ao sabor do adversário, num jogo nada infantil. Sua decantada beleza não seduziu o destino, nem causou qualquer hesitação a seu algoz sobre a necessidade de executá-la ao oferecer-se o momento propício.

Aí restou você, gatinha, nessa foto que o tempo cuidará de descolorir e fazer esquecer, exceto somente para seus pais amargurados, bem como, talvez, algum outro parente ou eventual amigo que a tenha conhecido melhor. Seus braços estendidos parecem buscar a bola das queimadas que você nunca mais jogará ou a bandeira que você traria para seu lado do campo, dando vitória à sua equipe. Apesar de todos os erros que você possa ter cometido no jogo mais complexo da vida, prevalece o sentimento de um genuíno pesar, aliado ao desejo de que possa existir, de fato, outra dimensão em que, expurgada dos seus possíveis pecados, você tenha nova oportunidade de reencontrar a paz.

in Traços e Troças (2015)
Editora Lamparina Luminosa, S. Bernardo do Campo, SP



# À prenda, Aprenda

**Márcia Gabrielle Brito Mascarenhas**
**Ilhéus/BA**

Prenda, doce renda
Me ensina e aprenda
Nessa nossa casa a venda
O que restou foi a merenda
Pois o jantar não mais terá
Nem aquela sala de estar.
Prenda, doce renda
Não se contente com a lenda que o amanhã é uma fenda,
De que seu pôr do sol vai se formar.
Afinal, minha prenda, tu não aprendeu a sonhar,
Cada estrela seu luar,
Cada sol seu caminhar.
Dependendo do lugar
Mais de um pra olhar.
Prenda, doce renda
As rimas se findaram
Os ritmos se calaram
Seus dias se esgotaram
E as coisas, nem as trago comigo
Pois, querida, seu amigo
Está indo ser estrela
Ver as luas que enseja
Sendo tudo que deseja,
A-prendendo a se desfazer.

https://www.facebook.com/mahmascarenhas

# Amor Desfasado

**A. M. Mondas**
**Évora - Portugal**

Que interesse teria acordar contigo todas as manhãs, e sofregamente procurar em ti os restos dos cheiros da véspera? Que encanto haveria em tomar contigo o café matinal, ajeitar-te o cabelo enquanto fumássemos o primeiro cigarro? Que milagre seria esse, de ouvir bater com mais força o coração ao fazer-te um gesto de ternura, dizer-te uma palavra sem nexo? Que graça encontraria em te ajudar a escolher a roupa para enfrentares o teu dia de trabalho?

Antes morrer de saudade todos os dias um pouco. Deixar de comer. Não dormir. E escrever-te cartas que não te envio. E, quase morta, rever-te por fim, depois de tanto tempo passado sobre o último encontro, o estômago às voltas, o nó na garganta que não deixa passar as palavras ternas que gostaria de te dizer ao ouvido ou olhando-te nos olhos, porque temo que me aches ridícula se as disser como as quero dizer, e depois saírem-me como se eu não me importasse de quase nunca te ver, como se me fosses indiferente, e nem isto te devia dizer, porque não, nunca te pedirei o que gostaria que me desses, que não é muito, apenas que me prendas a mão, mas que ainda assim é de mais. E, depois da tua longa ausência, comportar-me como me comportei no último encontro, como se fosse mentalmente inabilitada, uma verdadeira imbecil, incapaz de articular duas palavras com sentido, apressada em te ter junto de mim, dentro de mim, nada mais, que raio fiz eu?, comecei a vestir-me, e tu não me impediste porque não sabias se eu queria ficar mais tempo contigo, e eu vesti-me rapidamente porque não sabia se querias que ficasse mais tempo contigo...

Assim, amantes longínquos no espaço e no tempo, evitaremos que se instale a repetição monótona das mesmas coisas, a prática constante, a rotina: ficaremos com a maravilhosa poesia do estranhamento, do encontro raro, da antecipação do momento desejado, metodicamente preparado. Não diremos mais uma vez o que já dissemos, as mesmas palavras reditas: procuraremos incessantemente sinônimos inusitados, inusados, assuntos novos, histórias fantásticas, sempre interessantes, de preferências engraçadas. Não comeremos as coisas singelas, banais, da cozinha familiar: haverá sempre à mesa um prato requintado feito por ti,





difícil de confeccionar, de pronunciar, que deverá ser comido com elegância, nunca à mão. Não faremos amor à pressa, missão de corpo presente: em vez disso, deixaremos que o desejo adolescente, incontrolado, repentista, nos una, e eu trarei para casa o cheiro do teu corpo, guardando-o comigo o tempo que o decoro e a higiene permitem.
Estranhos um do outro, poderemos inventar-nos todos os dias; sermos um para o outro o que cada um de nós quiser que o outro seja, sem precisarmos de nos explicar, de nos desculpar. Nunca nos conheceremos realmente, e nisso residirá a atração mútua. E tu nunca me cativarás, e eu nunca te cativarei. Não precisaremos um do outro. Nenhum de nós chorará nunca a partida do outro. E eu ficarei no meu canto a fazer o que tenho de fazer e a preparar-me para o próximo encontro contigo, a desejar que o tempo passe depressa. E tu ficarás no teu canto a fazer o que tens de fazer e a escrever-me, talvez, uma carta que não enviarás, porque receias que seja tola por efeito do enamoramento. E eu serei infeliz e escreverei um grande romance que nunca será publicado. E tu serás talvez feliz porque foste fiel ao teu princípio universal, o da escassez.
É isto que queres que eu queira?
E se, por outro lado, quisesses, antes, que eu achasse interessante acordarmos juntos, de manhã? Uma manhã qualquer, depois de uma noite em que tu, cansado de trabalhares, te deitavas por fim junto a mim, acordando-me, para juntos fazermos o que os nossos corpos mandassem, e, depois, a tua cabeça no meu peito, a minha mão no teu cabelo, tu dormirias realmente mais do que as três horas diárias que te impões… E se víssemos encanto num café matinal? Se os corações batessem desordenados ao ajeitar-te o cabelo, ao roçares meigamente um dos teus dedos na minha mão? Se tivesse graça um banho a dois, antes de começarmos o dia? E se? Assim. Por vezes. Sem exaustão, sem esgotamento.
(É isto prender a mão!)



# Ao Morrer

**Bruno Ribeiro Marques**
**Divinópolis/MG**

Ao morrer,
comi formiga.

Demorei pra perceber o som da terra
e o cheiro de escuro que dos olhos me escorria.

Brotou
em minha carne quase apodrecida
um bicho de semblante liquefeito
esvaziando
gota a gota do meu peito
a dor
o sebo
o som
o sumo
o medo
o dom
a vida.

Ficarei com as unhas mais compridas.

https://www.facebook.com/brunorybeiromarques/

# Aponteiros

Gabriel Piazentin
Piracicaba/SP

O hoje é uma foto
que amanhã desbotou.
Amanhã é hoje
que ainda não chegou.
O ontem é rocha,
já se consolidou.
O agora...
o agora acabou.



# Artista do Mês

**Márcio Apoca**
**Campo Mourão/PR**

## Charles Bukowski

Escritor Alemão

(texto Ana Rosenrot)

Heinrich Karl Bukowski nasceu em Andernach, na Alemanha, a 16 de agosto de 1920, filho de um soldado americano e de uma jovem alemã, mudando-se para os Estados Unidos com apenas três anos de idade. Viveu uma vida pobre e cheia de vícios (sendo várias vezes internado devido ao abuso de álcool) e publicou seu primeiro conto em 1944, aos 24 anos de idade. Seus romances e poemas possuem linguagem forte e de caráter autobiográfico, carregados de humor negro, sexo, violência e temas marginais, sendo considerado "O Último Escritor Maldito".
Como a maioria dos escritores precisou exercer outra profissão para viver, trabalhando nos Correios por 14 anos.
Seu legado polêmico e obsceno incluem as obras: "Notas de Um Velho Safado", "Pulp", "Crônicas de Um Amor Louco", Hollywood, "Numa Fria", "Cartas na Rua", entre outros.
Charles Bukouwski faleceu em São Pedro, Califórnia, no dia 9 de março de 1994 de Leucemia; em sua lápide está escrita a frase: "Don't Try", "Não Tente".



Arte: Márcio Apoca

https://www.facebook.com/apocamarcio

https://www.facebook.com/apocastudios

# Atravessando a Rua

**Paulo Emílio Azevedo**
**Rio De Janeiro/RJ**

Fui ao banco, mas não havia nem mesmo uma cadeira para sentar. Banco é um iate de luxo para quem tem paciência que a vida vai melhorar e ajoelha no invisível fazendo promessa econômica. A paciência, por sua vez vai mudando cada vez que não há banco e a fila estando todos de pé somente aumenta sua trilha mais distante da rua - a rua é o lugar sonhado para quem está dentro do banco. Atravesso a rua, presságio da liberdade; do outro lado o destino pretendido, mas não encantado - o Fórum. Esse é o irmão gêmeo do banco, mas curiosamente não tem mãe. O Fórum é a cama da Justiça onde a infidelidade mora, se se chamasse Motel seria mais digno. Depois de três horas nada resolvido, a poesia morre por alguns minutos nestes instantes. Mas, nem tudo está perdido.

Entro num táxi e tocava "Infinito Particular" na voz sublime de Marisa Montes. Volto a sonhar. O motorista diz: _música chata demais né!?

Essa cumplicidade entre taxista e passageiro no Rio de Janeiro é um blefe da euforia pensando que existe amizade à primeira vista - se há amor não sei, mas amizade é córrego se tornando oceano no fim da vida.

Não satisfeito, ele completa: _o senhor me dá licença, mas eu vou ouvir notícia do FlaxFlu para ver se o Flamengo barra a liminar.

Como eu disse: é a Justiça.

Times de futebol são patrocinados por Bancos.

Saí do táxi e sentei num banco de praça. Estou na rua. A liberdade é um encontro tardio consigo próprio, sem constrangimentos.

# Bob Dylan: Inevitável Interseção Entre Lírica Musical E Literatura

**Gilmar Duarte Rocha**
**Brasília/DF**

Sou suspeito em dizer que para mim foi mais do que justa a premiação do Nobel de Literatura deste ano para o compositor, cantor, poeta e escritor norte-americano Bob Dylan. A suspeição decorre do fato de acompanhar a carreira desse músico e poeta desde o meu tempo de adolescência, quando passei a colecionar seus discos e a acompanhar a sua carreira, ou melhor, resgatar um fecundo legado que ele já havia produzidos nos torrenciais, fecundos e caudalosos culturais anos sessenta.

Como morava à época no interior da Bahia, no tempo em que a internet ainda residia na cabeça de algum marciano, não era nada fácil conseguir obra de artista ou escritor de vanguarda: tinha-se que realizar autênticas peregrinações pelos centros urbanos onde se respirava algum tipo de cultura.

Com a mudança para a capital, e o consequente envolvimento com jovens colegas universitários também interessados em tudo que se denotava novo e avant-garde, fui compreendendo, que, por trás das baladas temperadas com blues, rock & roll e música americana de raiz, existiam letras complexas, bastante distintas de tudo aquilo que entendíamos como lírica de uma melodia. Havia fogo por trás daquela fumaça intrigante.

Pois bem, após o anúncio da láurea deste ano, ponderei sobre um depoimento do periódico católico L'Osservatore Romano acerca da premiação: "... compositor de música popular não é literato...".

O prestigiado veículo de comunicação do Vaticano talvez tenha as suas razões em proceder tal asseveração. No entanto, cabe salientar que Bob Dylan, cujo nome de batismo é Robert Allen Zimmerman, filho e neto de judeus imigrantes russos, não é o primeiro melodista a ser contemplado com o renomado prêmio. Rabindranath Tagore, músico e poeta prosador indiano, já amealhou tal titulação na edição de 1913. E não foi contestado por ninguém pelo que eu saiba.

Independente da polêmica do estereótipo, se compositor popular é ou

não escritor, jogo as cartas na mesa e ponho em cheque até mesmo a justificativa da Academia Sueca para a concessão do galardão: “... por ter criado novas expressões poéticas dentro da grande tradição da música americana”

Achei falto nessa alegação do júri de Estocolmo. Penso que, para ter premiado Bob Dylan com uma honraria que um Guimarães Rosa, um Jorge Amado, um Manuel Bandeira, um Graciliano Ramos – apenas para citar alguns expoentes das letras brasileiras – não tiveram a graça de obtê-la, poder-se-ia ir além, na justificação, talvez fazendo referência às aleias brumosas de Paris, no tempo de Rimbaud, de Baudelaire, de Verlaine, de Mallarmé, do simbolismo francês onde o nosso personagem americano bebeu água da fonte quando jovem.

Ou até mesmo revisitar os anos sessenta, percorrendo os becos de Greenwich Village, os pubs e bares sombrios do Soho, do sul da ilha de Manhattan, do Chelsea, onde o músico e poeta iniciante Robert Zimmerman conviveu com expoentes do movimento poético chamado beat (ou beatnik) como Allen Grinsberg, Lawrence Ferlinghetti, Gregory Corso e Michael MacClure, e absorveu toda a efervescência daquela emergente e multiforme poesia como uma verdadeira esponja humana, amalgamando versos de extrema inspiração com o ritmo frenético da música americana de raiz negra.

Talvez aqui resida uma explicação melhor para a distinção do Nobel. Tem-se de um lado um oceano de ideias em forma de letras. De outro, um rio caudaloso pleno de versos musicais. Deduz-se, por corolário, que o estuário desse fluxo represente toda a riqueza que o espírito literário requer.

Enfim, outro dia, queimando os meus neurônios para dar vida a um personagem do meu próximo romance em progresso, dei de encontro com os versos de uma música de Bob Dylan intitulada *Please Crawled Out Your Window*:

*He sits in your room, his tomb with a fist full of tacks*
*Preoccupied with his vengeance*
*Cursin' the dead that can't answer him back*
*You know that he has no intentions*
*Of looking your way, unless it's to say*
*That he needs you to test his inventions*
*Hey, come crawl out your window*
*Use your hands and legs it won't ruin you*

*How can you say he will haunt you?*
*You can go back to him any time you want to*
*…*
*He looks so righteous while your face is so changed*
*As you sit on the box you keep him in*
*While his genocide fools and friends rearrange*
*Their religion of the little ten women*
*That backs up their views but your face is so bruised*
*Come on out the dark is just beginning*
...

Peço escusas em não correr o risco de traduzir o trecho em português, mas o coloquei apenas para ilustrar o luzidio que a mensagem dessa canção (no seu inteiro teor) fez invadir o meu espírito e abriu a minha mente para enriquecer o complexo personagem que já vinha trabalhando há algum tempo.

Congratulações a Bob Dylan. Congratulações a todos nós, literatos, que não dispensam fonte alguma de inspiração e conhecimento, venha ela dos velhos livros de cavalaria da Idade Média, dos sermões de Padre Vieira, dos autos de cordel, do I-Ching, de Camões, dos livros do apóstolo Paulo, das canções de vaqueiro tão bem absorvidas e traduzidas por Guimarães Rosa, da prosa e poesia genial de Jorge Luís Borges, dos sambas do terreiro de Tia Ciata, da simplicidade de Mark Twain, da complexidade de James Joyce, da Grécia Antiga, fecundo berço da civilização ocidental.

Penso que um paradigma cultural foi rompido nessa outorga. Afinal, o universo resume-se tão somente a esse em que vivemos?



# camaleão

**Diogo Mendes**
**São Paulo / SP**

tem vez
ser
dois
em outra
um
em qualquer
nenhum

até
um monólogo de
dois
assim
um dueto de
três

várias formas
de um camaleão
e na sua
face
multicor
fase
de todos
camufla
fantasiosa

absorva a etiologia
de cada
ainda o
um
sendo
nen
hum

http://diogmends.tumblr.com/

Conhecimento

## Conhecimento

"Surge no alvorecer dos primeiros dias.
De forma tão imperceptível.
Na juventude, na maturidade, na velhice.
Se não é mais sutil, mas sempre necessário.
Nunca termina.
Não se conclui.
Só se considera.
Usa-se e não se acaba!
Quanto mais se usa, mais se adquire.
Ao contrário da fome e da sede.
Nunca se sacia.
Ao seu lado se viaja o mundo inteiro.
Sem que precises pegar a estrada.
O que seria do mundo sem ti.
A caverna seria ainda a morada.
És tu o grande instrumento de liberdade."

Lig Aruom
São Luís-MA

ChingYang Tung

# Conversa Barata

**Aparecida Gianello dos Santos**
**Martinópolis/SP**

Cientistas afirmam que elas sobreviveram às bombas nucleares que caíram sobre Hiroshima e Nagasaki, vivem há mais de trezentos milhões de anos, além de somarem cerca de cinco mil espécies no mundo e poderem ficar quarenta minutos sem respirar. No reino dos insetos, se existe forte candidato a dominar o mundo, é a barata.

Quando criança, meu primeiro trauma com baratas foi saber que voavam. Tudo por causa daquela musiquinha que cantavam na escola: "Havia uma barata na careca do vovô, assim que ela me viu bateu asas e voou...". Na adolescência, eu dormia com um mosquiteiro na cama (não por causa dos mosquitos). Mesmo assim, uma noite, acordei com uma baratona dentro do véu. Quase tive um ataque ao imaginá-la passeando pelo meu corpo enquanto eu dormia. Pelas horas seguintes tomei três banhos, escovei os dentes uma porção de vezes e ainda dedetizei o quarto.

Certa vez, cortei a cabeça de uma barata ao tentar matá-la e ela continuou andando. O que explica a Ciência: o cérebro delas fica em seus corpos. Está aí mais uma coisa incrível sobre esses bichos. E ainda, aquela só não morreu de fome em nove dias (tempo que sobrevive uma batata com a cabeça cortada), porque eu a matei bem morta segundos depois da primeira falha tentativa.

Conheci um sujeito na internet tão fã de baratas que Jerry O' Connell, em "Joe e as baratas", o invejaria. Só de ver uma imagem de barata no lugar da foto de perfil, logo pensei: "não dá pra confiar nesse cara...". Ele sabia tudo sobre as criaturas, tinha um arsenal de imagens e artigos e, pasmem, fazia até poemas a elas. Isso sim é esquisitice. E eu aqui preocupada com uma fobia...

Para encerrar esta conversa barata e desbaratar de vez esse meu medo de baratas, vou contar o pior lance que tive com uma (faz parte da terapia...). Era tarte quando, numa de minhas últimas ações ritualísticas antes de ir para a cama, ao abrir o armário para pegar minha escova de dentes, me deparei com a mais nojenta de todas as baratas da face da Terra. Fiquei sem ação, acho até que ela me hipnotizou, desaparecendo em seguida. Tudo bem, nada de pânico. Desinfetei a escova (não são baratas) e voltei ao meu ritual... Bochecho, uma espiada no espelho e, de repente, vejo a bichona subindo pelos meus cabelos. Senti um arrepio eletrizante que ia da nuca à última vértebra. Eu não sabia se gritava, sapateava ou descabelava. Fiz tudo isso junto, o que me impossibilitou de ver para onde havia ido aquele bicho dos infernos.

A minha escova eu vi, minutos depois, boiando... dentro da privada.E, a saber, minha "catsaridafobia" ainda resiste. Bem como as baratas.



# Coração de Pássaros

**Morphine Epiphany**
**São Paulo/SP**

Não tem o engasgo na garganta
É uma pele de mil desenhos
Não tem a censura na pálpebra
É um pé movediço nos verbos
Não conhece a mordaça na saliva
É um peito de frases e raios

Fotografia das saltitantes veias
Estampa hemorrágica nas roupas
Esfrega energia nos dedos
Intensifica o movimento da língua

Música dos espíritos sem teias,
Frase da expressão sem gaiolas
Derruba tirania, derrota a tortura
Possui fios, cérebro livre
Um coração de pássaros
Esquece rédeas, desembaraça as palavras
Desconhece o nó, é um todo de febre.

https://www.facebook.com/cristiane.v.defarias



# Coração de uma mulher

**Lenilson de Pontes Silva**
**Pedras de Fogo-PB**

Carinhoso, num pode ficar triste,
Cristalino para os olhos de todos.
Não há coração mais puro
Com tanto afeto e acalanto,
E sei que por mais sagrado,
Não há de ser inventado.

Que não sofras tanto
Possamos acreditar
Que mal irá passar
E todos ficaram juntos,
Seu coração e o mundo.

Queremos-te por perto
E sempre te queremos.
Por quanto tempo passe,
Nunca haverá um coração puro,
Porque o seu coração é único,
É um passaporte para o amor...
É o que precisa este mundo.



# Corpo a Corpo

**Maria Marta Nardi**
**Marília/SP**

As palavras
e onde incidem
Expectantes ásperas
Espaço de particípios
Lâminas na laringe

As palavras e sua fome
Líquidas, pastosas, em brasa:
abetos em riste a desatar
as águas rasas
da língua

Constelação de impasses
sulcando sombras
Intermitência de estrelas:
abrem-se em prisma.



# Desejos

**Vitor Luiz Leite**
**Rio de Janeiro/RJ**

Mary abriu a geladeira; a caixinha de suco estava vazia e na de leite restavam apenas algumas gotas. A comida chinesa já começava a feder na prateleira de cima e o pão mofava na inferior. Fechou a porta e virou-se em direção a pia, lavando o rosto e bebendo fartas goladas diretamente da torneira. Olhou seu reflexo deformando-se no alumínio irregular da bica, e viu por trás de si uma sombra negra que crescia e tomava todo o lugar.

A garota se virou assustada e ofegante, mas a sede permanecia independente de quanto tivesse bebido. Mais uma vez ela abriu a geladeira à procura de algo que pudesse saciá-la, ao passo que as dores aumentavam no ventre. Sem nada que lhe enchesse os olhos girou e então abriu o armário, encontrando um pacote de sal fino. Sorriu singelamente. Sentou-se com no chão e o abriu com dentadas no plástico. Puxando a gaveta inteira, que se estatelou no piso, pegou uma colher qualquer. Seu semblante era de regozijo e prazer, a cada colherada cheia que levava do pacote a boca, mastigando com desejo e alegria. O rosto avermelhava-se e os olhos umedeciam, mas o sorriso permanecia enquanto as veias no pescoço dilatavam-se e as mãos e pés inchavam. Ainda no chão, ela viu sob a pia uma garrafa de vinagre. Deixou de lado o pacote, ao menos por um momento, esticou-se e alcançou a garrafa.

Com um olhar de desejo, espremeu o líquido garganta adentro, bebendo todo o litro como se água fosse. O rosto se avermelhava mais ainda e as veias esverdeadas e muito vivas, desenhavam a pele branca. A expressão de dor e prazer absoluto misturava-se e confundia-se. Pequenas feridas já começavam a aparecer nos cantos da boca, causadas pela mastigação contínua do sal.

Mary deixou de lado a garrafa vazia e voltou-se novamente para o pacote, terminando-o e lambendo seu interior de forma a aproveitar cada microscópico cristal. Revigorada, mas ainda sedenta, levantou-se e viu sobre o armário, inúmeros recipientes de temperos em pequenas garrafinhas; pimenta, shoyo, molho de alho, azeite, entre outros. Ela Bebeu cada um deles, tremendo, arrepiando-se e contorcendo-se por completa. Sentia o estômago borbulhar e queimar, e via a pele da barriga se esticar como se pressionada de dentro para fora. Dor, contudo, o prazer delirante que sentia durante aquela peculiar degustação, lhe aprazia de forma quase sexual.

Enquanto bebia o último vidro, wasaby, e mastigava um pote de canelas em pau, a luz da cozinha foi ficando mais e mais forte, iluminando mais ainda o pequeno cômodo, até que a lâmpada finalmente explodiu em vários cacos de vidro, deixando claro o lugar apenas pela fraca luz da geladeira aberta. Ao lado da pia, e olhando fixamente para Mary no chão, um cão negro camuflava-se sentado entre a falta de luz. Sem nenhuma expressão e olhando fixamente para seus olhos, não movia um músculo sequer. Reconhecia-se a vida ali dentro pelas recorrentes piscadas que dava. Se não fosse isso, o mesmo poderia facilmente passar-se por uma escultura muito bem feita. Mary diminuía a mastigação observando-o, e sorria de maneira bizarra e ao mesmo tempo quase infantil para o animal. A moça percorreu todo o seu corpo com o olhar; suas patas fortes, seus músculos desenhados, seu focinho protuberante, seu olhar avermelhado, suas orelhas pontudas.

Saindo da escuridão, uma mão afagou a cabeça do cão que permaneceu inerte. Em meio à penumbra, apenas a fumaça de um cigarro aceso era baforada. O cheiro de carne podre empesteava o ambiente. Ela não podia vê-lo, mas sentia uma imensa alegria ante sua presença.

De imediato seus olhos ficaram completamente brancos e sem vida e ela levantou remexendo a cabeça e tremendo o corpo. Contorcendo-se, as juntas

pareciam deslocar-se, ela levantou e caminhou até a pia. Prostrada, com violência seus joelhos dobraram a poucos centímetros do cão, ainda sem expressão nenhuma. Ela sentia a respiração quente do mesmo, quando quase encostou o nariz no focinho do animal. Mary abriu os braços em reverência e baixou a cabeça como numa prece. Ela sussurrava algo em latim, com uma voz, ora esganiçada e aguda, ora gutural e medonha. Da sombra, se viu sair à mesma mão, afagando a cabeça de Mary, assim como fizera com o cão há pouco. Eram alaranjadas com unhas pontudas e sujas, bolhas na pele e pus esverdeado escorrendo, como uma vítima de incêndio ou algo parecido. A garota beijou a mesma, ainda com olhos brancos e sorriso emocionado. Era como se pedisse uma benção.

Olhou para dentro da escuridão e pode ver o ponto vermelho do cigarro, mais forte e mais fraco, a cada nova tragada. O ser que a abençoava recolheu a mão e pegou a dela, fazendo-a sentar em seu colo como uma criança mimada em busca de conforto. O cão virava a cabeça e a acompanhava vagarosamente, com o cenho sério, sem nem ao menos piscar. Ela entrou na penumbra e sumiu junto com a brasa do cigarro que já não queimava mais. Devagar, o cão marchou um par de passos e seguiu rumo ao vazio. O silêncio imperou como se há muito tempo o mundo não testemunhasse um único som; nem o zumbido de mosca, nem o vento lá fora. Absolutamente nada além da música feita pelo próprio silêncio pairava no ar. O telefone tocou alto rasgando o silêncio e estremecendo as almas. O primeiro toque veio alto e irritante, o segundo, longo e agudo. O terceiro foi interrompido no meio.



# Despertar

**Nyssa Schuwartz**
**Rio de Janeiro/RJ**

Enquanto Jonas deslindava problemas alheios, os seus se amontoavam nos espaços deixados pela paixão exaurida em abraços frouxos e sorrisos acadêmicos. O envolvimento emocional do psicólogo o impedia embrenhar-se no universo fictício, autopunitivo por excelência, da esposa. O cristal tornara-se vidro e o vidro, cacos.

Em seu egocentrismo desmedido, Alessia, quando não monossilábica, discorria sobre métodos de realizar incisões torácicas em cadáveres malcheirosos, insultando sagradas refeições, esmurrando pilares de um sentimento que o marido sustentava por pura teimosia, o amor… Tamanha devoção, se não recíproca, que seja menos corrosiva.

****

Instituto Médico Legal Afrânio Peixoto – IML
Ano: 2017.
Dia: 16 abril.
Hora: 07h44min.
Local: sala de autópsia nº 02

Alessia encontrava-se debruçada sobre um cadáver recém-chegado, medindo opções que a blindassem de interpretações nebulosas quanto ao laudo a ser produzido, quando um instante a pegou de surpresa. A complexidade embutida em sua conduta perfeccionista não deveria se esgotar em folhas de papel tamanho A4, quando o conteúdo nelas impresso é capaz de

inferir culpas ou sustentar desculpas. Prisão ou Paris? Uma piada obscena aos olhos de quem ocupa o banco dos réus.

– Como estamos indo, doutora? – Heitor indagou, assim que entrou sem se fazer notar.

Não houve abalo ou susto. O inspetor de polícia, apesar de apresentar pulsação e respirar, despertara a curiosidade da médica legista graças à natureza inarredável e o divertido olhar estrábico que lhe eternizava a jovialidade.

– Deixe-me trabalhar em paz. Hoje não estou em um bom dia – Alessia comentou ao se virar, novamente, para o corpo que a esperava.

– Só hoje? Que interessante.

– Não comece!

Heitor foi advertido. Em uma das mãos da mulher, um bisturi amolado. Um pequeno instrumento capaz de fazer grandes estragos.

Alguns instantes de tensão forjada se passaram até que os extremos voltaram a dividir o mesmo espaço como se fossem gêmeos univitelinos.

– Tudo bem. Tudo na mais perfeita ordem. Eu me rendo se você me disser o que temos aí. Minha proposta não é razoável?

Alessia ensaiou ponderação, contudo não resistiu ao chamado de seu humor instável.

– Justo. Temos aqui um homem morto.

Heitor esforçou-se para manter a seriedade exigida pela troça que os mantinha em sintonia.

– Desconhecia seu senso de humor, doutora. Se meu salário não dependesse de uma resposta objetiva, seria capaz de rir até o próximo inverno no inferno.

Atenta aos movimentos impacientes do inspetor, a médica cedeu, embora não tivesse muita coisa a dizer em um espaço de tempo tão curto.

– Pela inspeção visual, pude constatar vinte e três lesões incisivas, provocadas por um instrumento perfurocortante de único gume, para ser mais exata, uma faca de cozinha comum. Esse é meu laudo oficial preliminar.

– Obrigado por facilitar meu trabalho. Agora toda população da cidade se tornou suspeita.

– Não me agradeça, Heitor, apenas dê o fora. Tenho um homem nu à minha espera.

– Pensei ter ouvido que não se encontrava em um bom dia.

– Um equívoco de minha parte? Sinta-se lisonjeado!

– Vai sonhando, doutora!

A sala retomou o silêncio e odores próprios assim que Heitor se retirou de mãos vazias, porém sem ressentimentos.

****

O dia exaustivo pedia uma ducha e cama, entretanto confrontar Jonas e suas suplicas caladas deixou de ser a única opção, não por desapego, mas por obrigação. Menino bem-vestido, cabelos bem cortados e a fragilidade estampada no corpo encolhido em um processo fetal penoso, levou-a de volta à calçada.

– Vejo encrenca aqui?

Uma pergunta dispensando apresentações.

– O que você tem a ver com isso? Me deixe em paz, droga! – o garoto resmungou, emburrado, enquanto se recompunha.

– Moleque, tentadora a sugestão. Penso no meu filme preferido, então facilite as coisas. Você fica bem, eu fico bem. Esse é o papo. O que acha?

– Se é seu filme preferido, a senhora sabe como termina, então qual é a graça?

A médica legista refletiu sobre o preceito erguido pelo pirralho atrevido.

Se o fim é conhecido, o que fazer para reverter equívocos? Qual o comando apertar para desviar a rota de colisão? Perguntas que morreriam naquela calçada tão logo solucionasse a questão singular.

– Tem razão. O final nem é coerente. Final feliz, bobagem.

– Não entendo, dona, mas queria entender.

Havia interesse genuíno na explicação sugerida em tom de segredo.

– A vida não é um conto de fadas, garoto. É tenho a dizer e é o que você precisa ouvir.

– Não é bobagem. O final feliz é tipo uma regra, sacou?

O garoto cutucou-a com profundidade, atitude que a idade não deveria lhe conceder.

– Regra?

A voz da mulher atuou como eco diante da surpresa.

– Sim! Mas isso não muda nada, né? A vida real é o que conta. Sei disso por que algumas pessoas não acabam bem.

O que era inusitado se tornou espanto.

– Do que está falando, garoto? Não, espere. Não me diga que…

Após longos anos esquecida em um túmulo não mais reverenciado, a intuição recebeu o valor devido. Estaria ela diante de uma tragédia dirigida por um sádico que queria ser pai? Jonas, a fim de reacender a chama da paixão sitiada por presunçosas prioridades, seria capaz de jogar tão sujo? A partir das questões suscitadas, sua alma não mais dividia o mesmo espaço que seu corpo naquela calçada. O ceticismo cedera lugar à dúvida, e a dúvida, a certeza.

– Minha vizinha morreu sozinha. – O fedelho enfatizou a última palavra.– Um treco no coração, acho. Isso não é bom. Não é um final feliz.

– Garoto, você é muito jovem para falar em "finais". Pense em jogar bola ou coisa que o valha, mas deixe de ser irritantemente adulto, por favor! A brincadeira acaba aqui. Vá e não volte, é o que peço ainda gentil.

– E você é muito velha para não ter respostas. – o menino rebateu, provocando um sorriso inconveniente para alguém estabelecido no epicentro de um furacão de emoções negativas.

– Certo, você venceu. Se é tão espertinho, me responda: a dor tem endereço?

***"Alessia provocou-o ao retirar a arma da bolsa..."***

– Não sei...Tenho família, amigos, mas não me sinto livre.

– Crianças não deveriam se preocupar com liberdade.

***"Alessia abriu a porta do quarto..."***

– E por que não? Não responda! Já sei, é coisa de adultos?

– Não, menino. Todos devem lutar pela felicidade que sonhamos desfrutar.

***"Alessia levou a arma à têmpora de Jonas sem dizer uma palavra àqueles olhos..." surpreendidos ao se notarem condenados...***

– Você não entende mesmo. Uma pena. Sinto muito por nós dois.

Crianças com um vocabulário vasto somente em filmes com finais felizes, embora sem nexo a ousadia do roteirista inexperiente.

– O que não entendo? Que ganhou uns trocados para me virar do avesso?

***"A mulher hesitou por alguns segundos, então, em uma convulsão de imagens prismáticas, puxou o gatilho..."***

– Não! Do que está falando, dona?

***"Alessia se jogou no colchão ensanguentado e a culpa a inundou..."***

– Você disse que quem família e amigos. Onde eles estão agora? Eles sabem o que está fazendo?

– Não. Apenas esperam o melhor de mim, isso que importa. E você?

Alessia suspirou diante do diálogo prescindível. Para seu assombro, o terreno tornava-se cada vez mais tortuoso. Ela se perguntava se estava preparada para o que viria a seguir. Decerto um pensamento protelatório do

tipo que ocupa nossa mente enquanto esperamos o metrô.

O menino deixou a lágrima cair sem histeria.

– Pirralho, por favor, não faça isso. Você fica bem, eu fico bem, lembra? Então, nos poupe de reticências. Vou chamar um táxi.

*"Alessia se ajeitou ao lado do corpo inerte do marido, acariciou o rosto sem brilho e, para sua surpresa e horror, ela ainda o amava..."*

– Não precisa. Eu sei o caminho de casa, doutora. A senhora sabe o seu?

– Doutora? Se sabe quem eu sou, estamos em desvantagem.

*"Alessia legista beijou a boca do marido, sentiu gosto de sangue, então levou a arma à boca e, sem pensar, puxou o gatilho..."*

O menino ignorou a repreensão sutil.

– Suas atitudes são incongruentes com sua agonia, não vê?

Diante da expressão adulta, a dúvida tornara-se cólera, e a cólera, cegueira. Fugir seria a opção justificável para daqueles que aceitam o que lhes é imposto, contudo seguem em frente, o que tornava Alessia uma exceção...

*"Alexa não deixou fotografias, quiçá saudades..."*

…o menino cresceu, suas roupas se romperam durante a breve metamorfose repugnante. Enquanto se retorcia no asfalto como um cão de rua coçando suas pulgas, gemia diante da extensão da estrada que os separava. A pele pendia nas poucas partes ainda humanas do ser disforme, reconhecido pelos olhos inundados por tempestades constantes.

*"Os corpos sobre a cama, se vistos de longe, pareciam emaranhados em um abraço solene..."*

A médica legista assistiu ao processo inédito impassível. Ao fim, quando o homem se pôs de  pé com dificuldade, ela reafirmou o rancor de menina sem alterar o tom de voz, muto menos a expressão.

*"Alessia  deixada de existir e se juntara aos seus mortos, não mais como observadora impassível… "*

– Agonia? O que sabe sobre isso?! E sobre mim?

– Pouca coisa, o que é o bastante. Você fica bem, eu fico bem, então nos

poupe de interrogações.

– É tarde demais para desculpas, pai. Nem tente se explicar, verme!

– Não, não é! Olhe para o céu, garota, ainda há estrelas! Não espero seu perdão até porque, de onde venho, tal gesto terá pouca serventia…

***"Alessia foi sepultada sem cortejo. Apenas Heitor cobriu-a de rosas, não por cortesia, e sim por apreço..."***

...então, esqueça esse velho que você acaba de chamar de pai. Eu não posso mais tocar em você. Seus mortos estão aí para corroborar o que digo.

***"Os jornais exploraram exaustivamente a atitude covarde de Alessia, expondo sua vida com requintes de crueldade e trapaça de maneira torpe, pondo em cheque a definição de família feliz..."***

– Está tudo bem?

A voz repercutiu na rua vazia, mas não havia urgência na pergunta. Jonas ficou bem, Alessia também, então os poupem de pontos finais.

Os cacos tornaram-se vidro, e o vidro, cristal.

http://nyssaschuwartz.blogspot.com.br/



# Dig a Pony (revisitado)

**Tim Soares**
**Florianópolis/SC**

Façamos um brinde
À tudo o que vamos perder
Às mulheres que nunca vamos ter
E aquelas que nos farão sofrer
Aos abraços que serão negados
Aos braços
Aos beijos que serão negados
Aos lábios
Façamos um brinde
Às camas de hospitais
Aos velórios e funerais
Ao amor mal feito
Aos flertes
E aos vulgares trejeitos
À cocaína
À heroína
E à benzedrina
À cachaça de graça
À densa fumaça
E à desgraça
Ao maquinário leproso dos dias
Aos copos meio vazios
E os vazios de todos nós
Façamos um brinde, meus amigos
Ao final de todas essas hecatombes particulares
Com um pouco de sorte
Sairemos todos ilesos
E um pouco mais fortes



# Dissimulada

**Carlos Azevedo**
**Santa Marinha do Zêzere-Baião- Portugal**

Indiferente, fria e implacável,
Ronda a deusa maquiavélica
Na imensa quinta que reivindica
Caminha encostando-se a qualquer tronco
Não dando nas vistas, dissimulada,
Cercando sempre e espreitando
Na ânsia de encontrar qualquer nesga
Por onde se infiltrar
Adora o silêncio e o murmúrio sofrido
Adora tudo quanto desfalece
E vai perdendo forças e energias
Entrou agora naquele lar
E delicia-se em inundá-lo
Em deixá-lo embebido no seu fragor
Adora o sofrimento quase a findar
E desdenha o invólucro que o envolve
Não lhe interessam os corpos ressequidos
Reduzidos a pele e osso
Anseia por reter a alma
Prestes a esvoaçar, liberta,
Agarra-a com avidez e triunfante
Vai conduzi-la sem contemplações

À estranha morada
E por enigmas vai-a empurrando
Não usando de força
Encantando-a com melodias
Balbuciadas em dialeto confuso
Guiando-a por trajeto invisível
Em que forças ocultas se adiantam
Abrindo os mantos, disfarçando,
Tomando a noviça em enredos
Atravessando a barreira desconhecida
E que é tão velha como o mundo…

http://www.facebook.com/yolanda.azevedo.3



# Distante

**Robinson Silva Alves**

**Coaraci-BA**

A procura
De uma estrela
Longe da pátria
E da bandeira

Buscando
A felicidade verdadeira
Uma gente brava,
Guerreira,
Cruza o mar

Atravessa o continente
O oceano ilusão
Longe de sua terra
De sua amada nação

Ancoram sonhos,
No cais,
Choram saudades e ais
Da pátria dos ancestrais

Lágrimas são poemas
Belas poesias
Deste povo nobre
De garra e magia

Cruzando a linha do horizonte
Anos se passam
Em um instante
Em uma pátria nova
Distante.

www.facebook.com/robinson.silvaalves.9

# É assustador!

**Ruy Ferreira**
**Ubatuba/SP**

Hoje pela manhã estava cuidando das orquídeas e notei que uma delas está começando a florir. Para os amantes dessa família quando a planta cuidada inicia o processo de reprodução biológica é um momento especial e, ao mesmo tempo, de muita expectativa, pois sempre se espera uma surpresa da natureza.

Notei que aquela planta não tinha a plaquinha de identificação, peguei uma em branco, amarrei o barbante e com a caneta de cd comecei a escrever o lugar e o ano em que obtive a planta. Aí fui escrever o nome da orquídea.

Eu sei o nome dela, como é mesmo? Caramba. Essa orquídea é aquela que tem o nome parecido com o de uma das minhas tias. Ela é ... Uau! Tem muito dela no mangue daquela praia pequenina, que fica perto do campo de futebol. Como é mesmo o nome daquela praia.

Droga.

Respirei fundo. Olhei em volta e o nome das outras plantas foi saltando em meu cérebro: gomesa crispa, rodriguezia venusta, epidendrum floribundum, oncidium flexuosum, oncidium raníferum, e o dessa aqui é ... Não é possível, eu sei o nome dela.

Essa tem as folhas parecidas com uma vagem, igual ao oncidium ceboletta, lá de Rondonópolis. Na natureza ela dá agarrada em pequenas árvores no mangue ou em lugares muito úmidos. Costuma dar uma touceira que enche de flores brancas. Muitas e muitas flores em cada planta, e são tão bonitas. Como é mesmo o nome dessa orquídea?

Lembrei-me de mais um detalhe, ela tem um cheiro delicioso, forte demais. O pessoal daqui chama essa danadinha de "dama da noite" exatamente por cheira tão bem à noite. Puxa vida, lembro até que ao transitar na estrada de

acesso à praia, bem cedinho, o cheiro dela denuncia sua presença de longe. É só sacar a câmera e fotografar. Qual mesmo o nome dela?

Caramba, eu era conhecido entre os parentes e amigos mais próximos como o "história viva" exatamente por nada esquecer. Ser capaz de gravar tudo em detalhes como se fosse portador de uma memória fotográfica. O que está havendo? Esquecer o nome dessa orquídea é um absurdo. Fui ler o que dizem os especialistas.

Primeiro descobri que desde os 20 anos venho destruindo minha memória ao não dar descanso, nem folga, nem ócio para a mente. Sempre trabalhei no trabalho e em casa, sempre estive ligado ao hábito estudar/trabalhar em torno de 16 horas por dia. Parece loucura, mas é a verdade e muito comum entre pobres que tentam crescer na vida.

Ocorre que essa vontade de estudar e trabalhar destrói, pelo estresse, o cérebro. Nós últimos 40 anos não me lembro de um sonho sequer. Dormir 4 a 5 horas por dia foi minha rotina a vida toda. Afinal dormir é uma perda de tempo, um reles treinamento para a morte. Mas, é no sono que o cérebro solta a franga e bota para quebrar, dança, canta, se diverte e esquece o batente. Sacrifiquei isso tempo demais.

Vou procurar o geriatra e saber se há um jeito de proteger a tal memória nova. Entretanto, vale aqui alertar meus amigos novos, aos estudantes trabalhadores como eu fui, aos pobres em geral: deem chance à cabeça, colocando-a para dormir mais, tendo mais tempo ocioso quem sabe com a família, proseando com os amigos, pescando ou lendo um livro infantil do Monteiro Lobato.

Bom, olhando aqui meu álbum de orquídeas dei de cara com a safadinha esquecida e é uma Brassavola tuberculata. Até agora não me conformo de esquecer um nome tão simples assim. É a idade, o estresse e a vida. Será que vou esquecer também os políticos que ferram o Brasil nos últimos 30 anos? Sei lá. Vou procurar um médico.

# Entre a Terra e as Estrelas

**Jessyca Santiago**
**Belford Roxo/RJ**

A vida é desilusão Maria,
O amor, uma utopia
Que nos força a seguir.

O tempo é ilusão Maria,
O sonho, uma armadilha
Que nos faz transgredir.

Nem anjos nem demônios,
Acima do céu: estrelas,
Abaixo do chão: terra,
Nada há além desse lugar!

Nada além dessa folha,
Desse vento, desse verso,
Desse lápis, desse dia,
Da memória, do Outono,
Da melancolia, dos poetas,
Dos frutos, das árvores,
Da pedra no caminho,
Das canções.

Maria,

Não há nada além!

Isso não basta?!



# Esse Moço Faceiro

**Rosana Rodrigues**
**Duque de Caxias/RJ**

Tira me do eixo,  arrebata me
Vem possuir meu mundo
Ah...Esse moço faceiro
Que promete o mundo, mas o leva nos seus beijos.

Esse moço tem possuído
O mundo e me perdido no seu.
Ah...Esse moço faceiro
Que traz a felicidade em seu sorriso.

Prenda me no seu riso largo e redenção.
Ponha abaixo o meu mundo e o reconstrua com a leveza do seu coração.
Ah...Esse moço faceiro.



# Estrada Em Chamas

**Aníbal Hiadgi**

**Juazeiro do Norte/CE**

Ainda é cedo... Aquece a fornalha.
Logo se espalha o ourives sem dedos.
Cobre os rochedos e muito trabalha.
Também retalha escuros segredos.

É meio-dia e caminho no asfalto,
Gritando alto, meus versos... Fracassos.
Perdi meus braços, ganhei o aleijo
E agora vejo que estou descalço.
Meus pés queimando no chão abrasivo.
Sinto-me vivo e dou mais um passo.
No espaço-tempo esqueço o motivo
E pensativo me lembro do aço.

Estar sem olhos em nada me espanta,
Não adianta, vou me libertar.
Agrego forças, ainda que cego,
E arranco os pregos do meu calcanhar.
Ainda resta um lastro na mochila.
Rastro de vida sei que vou deixar.
Quem sabe à tarde alcançarei o bronze
Ou talvez morra na beira do mar.

# Eu Vou!

**Edison Gil**
**Sorocaba-SP**

Eu vou rabiscar
as clamas do poeta,
e inverter as desconexas
profecias do profeta.
Eu vou ignorar os Maias,
os Incas e os Astecas!
O grande tolo que brada: 'Eureca!'
com a sua previsão estúpida,
penosa e sem ética!
Já não basta a realidade,
crua e sem estética?

Eu vou frear os astros
e as suas indiretas,
o cataclismo, o eclipse
e os convidados dessa festa!
E, eu vou ejetar os meteoros
que percorrem em nossa reta,
para pôr a paz e o amor que nos completa,
pois o planeta – Terra,
carece de dieta,
precaver-se da gordura
e do mal que o infeta!

http://fb.com/siredisongil

# Expressão Sonolenta

**Mickael Alves da Silva**
**Iguatu/CE**

A dialética dos sonhos

E dos que andam sonhando acordado

O teor do meu sonho tem um olho castanho

Vindo com um olhar errado

Semblante poente de uma imagética do contrário

E cada conselho vem num senso devastado

Sonhos vermelhos e úmidos

Sono colorido

Coloquei cada minuto num alarme

Para acordar... Antes que seja tarde



# Faroleiro Sírio

**Fábio Daflon**
**Vitória/ES**

Estar em um farol sem ter farol no peito
para enxergar o mar mediastino,
onde o coração navega sem destino
seria um triste fado que não tem mais jeito

ou deve o faroleiro acender mais luzes
naquela embarcação ainda propulsiva
que mantêm todo corpo e também alma viva,
e que já viu plantarem na terra muitas cruzes?

Sua ilha não tem cais, quebra-mar ou um porto
seguro,  e as provisões só chegam vindas de helicóptero,
mas sua solidão é fuga ou esperança?

Esteve em uma guerra de onde quase morto
saiu refugiado em busca de outra sorte,
mas sente uma saudade que dói e cansa.



# Fartismo

**Hugo Sales**
**Brasil Novo/PA**

Segue abaixo a crônica-manifesto de um novo movimento. Um movimento que não tem nada de importante. Apenas é inútil, pois não manifesta nada, caro leitor. Está fundado o Fartismo. Peço que esse manifesto seja impresso em forma de panfleto para ser entregue na Avenida Brasil, na Rua do Comércio e principalmente, nas vielas solitárias da minha solidão, vielas as quais eu caminho, caminho, caminho e não chego a canto algum. E disso eu estou farto. Peço também que esse manifesto seja feito em forma de *outdoor* e de *folder*, que apesar de serem os termos citados provenientes da língua inglesa, tornaram-se meus conhecidos no curso de Língua Portuguesa. Peço também encarecidamente: quem vier a achar algum desses panfletos jogados nas ruas a poluir, rasgue-o. Não leia.

*Fartismo* sim. Uma cópia barata (bem barata) e desavergonhada do *Desvairismo*? Quem me dera. Eu sou apenas um pequeno mortal perto de Andrade. Lá, ele desvaira, enlouquece, quebra as regras; aqui, eu me canso, eu lamento, eu me abato diante de tudo que me extenua.

Eu estou farto dos dias de sol que insiste em sair no leste dando a impressão de que tudo de bom vai acontecer, mas, a única coisa que ocorre é o calor copioso e infindado nesses dias que se morrem logo, ao poente. Eu estou cansado, meu amigo leitor, da esperança que vive, do verde da perseverança, do vermelho da luta. E mais ainda do azul que colore o céu e os prédios deste inferno. Eu só não me canso do preto e do branco. Eu estou cansadíssimo, caro, das moças que insistem em caprichar no desprezo. Dessas, eu estou cansado. Estou cansado das Luanas, Patrícias, Tainaras, Kellys, Anas, Elens e das Franciscas. Estou cansado deste sentimento agridoce

de amar e sentir-se um só (e não dois, como deveria ser). Estou cansado desse sentimento que deixa mal, mas, outra hora, liberta.

A tevê me farta com sua programação inútil, com suas novelas despudoradas e obscenas que insistem em se firmar em horários familiares. Eu odeio a novela das seis, das sete, das nove. Odeio a novela jovem da maior rede de televisão brasileira e a forma como ela exibe um falso perfil da juventude. Eu estou cansado das malhações nas minhas tardes. Só não odeio a novela das oito, porque esta... Esta é real. Saibam todos que eu estou farto também do rádio, seja lá AM e FM, dos programas infindáveis que insistem em nos dar notícias ruins e tocar músicas ridículas.

Farto dos livros na estante. Farto de poesia que me faz acreditar em amor. Saia de perto de mim, Lispector e Espanca. Saia Afastem-se António, Vinicius e Carlos. Eu não quero saber de amor. Eu quero saber do sangue... Do escarro de Augusto e do choro João (fiquei sabendo que o amor comeu-lho até o silêncio). Cansei também dos estudos. Eu estou farto da Literatura, da Linguística, da Semântica, Semiótica, Fonética e Fonologia. Enfastiado eu estou da Análise do Discurso, da Sintaxe, da Morfologia e dos Fundamentos da Educação. E, por favor, não me falem da Pragmática ou eu vou explodir.

Eu estou farto até do que eu julgava amar. Eu estou farto do *rock n' roll'*, do *country n' western*, do *rhythm and blues*. Acho que Edgar estava certo. Eu deveria mesmo buscar respostas as minhas perguntas, mas... Primeiro eu tenho que falar do meu cansaço. Eu estou farto do rap, do reggae, do techno, do trance. Eu só não estou cansado da bossa. E eu não entendi porque a bossa não me cansou ainda. Um dia a bossa me mata... Caros amigos eu estou cansado também da viola, do violoncelo e do violino. Cansado do violão, da viola caipira e da guitarra. Isso só pra citar os instrumentos de cordas. Eu estou cansado da flauta, da trompa e do flautin. Eu quero morrer quando eu ouço o som de um trompete. E eu estou farto, meus amigos, fartíssimo

principalmente do baixo elétrico. Aquele maldito baixo elétrico vermelho que emite as boas novas que meu coração não quer saber, mas, que ele, baixo elétrico teimoso que é, insiste em emitir. Eu ainda não me fartei do trombone de vara. Tão imponente. E esquecido... Como também sou eu (esquecido, e nunca imponente).

Eu estou afadigado, caro leitor. Estou afadigado da cidade de Altamira, a cidade do grande empreendimento. Estou cansado do caos, da desordem, do descuido e do descaso. Estou cansado dos imbecis que atropelam pessoas todos os dias, seja de Camaro ou de GM. Estou farto também do calor do asfalto altamirense, das filas de banco, das filas de mendigo, dos filhos da puta que deveriam zelar pela cidade. Estou cansado dos fumadores de maconha e dos cheiradores de pó do cais novo e principalmente, estou cansado de ver a morte andando ao meu lado como um fantasma que insiste em me abraçar. E eu, farto, porém fugaz, corro. No entanto, eu não estou farto de Brasil Novo, a cidade interiorana, e da sua pracinha humilde. E nem da poeira do campo de aviação que divide o Centro da Rodovia Transamazônica e suja a varanda de casa.

Eu já disse uma vez em rodas de amigos ao bebericar cerveja e acolher com apetite aos aperitivos: não sou futurista. Andrade também não o era. Mas, afirmo-lhos: não sou modernista, não sou arcadista e nem neoclassicista. Não sou realista, naturalista e nem romantista. Não sou comunista e nem capitalista. Não sou atualista, não sou diarista e com toda certeza não sou fascista. Talvez eu seja um farsista. Talvez um artista. E com certeza um fartista. Farto de tudo isso. Farto inclusive, do lirismo, que Andrade exaltava.

Eu estou tão farto de tudo que poderia aqui dar fim ao Fartismo. Não. Não quero. Quero fazer escola. Quero ter discípulos. Quero que esses discípulos procurem comigo o fim do Fartismo. Quero em minha frente pessoas que reclamem. Que se mostrem fartas, mas, que além de tudo, se disponham

a ir comigo em busca do fim desse cansaço. Talvez até seja verdade que as escolas de arte se resumam "na imbecilidade de muitos para a vaidade de um só", no entanto, quero encarecidamente que os imbecis que me cerquem percebam além desse texto *non sense* e busquem o descanso para tamanho cansaço, para que no fim, todos nós despojemos da vaidade pelo fim do Fartismo. Eu poderia ter citado Rousseau (se eu não tivesse tão farto dele). Evitaria tanta baboseira que eu escrevi e que vocês leram. "O homem nasceu livre e por toda a parte vive acorrentado".

https://www.facebook.com/hugo.sales.399



# Fênix

Simone Lacerda

Cachoeiro de Itapemirim/ES

Dei para admitir que saudade é sentimento que cresce. E que esperança é o vislumbramento de um dia menos doído. Caço palavras que comportem emoções em meu peito para que tenha o que colher e ofertar como possibilidade. Nada de sacralizar o que não tem encantamento e propagar vozes ecoadas, sombras de um discurso, talvez.

Ter vontades de amor é a aversão do medo, da ausência que permanece sempre. Gosto de tornar-me afeto e desejo de quem busca um novo olhar e uma poesia que salte ao peito. De quem me desenhou por perto, mesmo que por horas ou por uma vida de tantas décadas.

Sou poeta de vocabulários e de desdizeres, do que é inaudito e costurado nas camadas do coração. Tenho perplexidades e lucidez, guardo receios e gosto de comungar com as linguagens, com o que é evocado quando se sente. Nada de camuflar sentimentos e do que pulsa aos berros na alma. É preciso dizer o que há possibilidade de ser sentido.

Não há vida e amores sem humanidade e existência, embora muitos só se permitem viver. Não se declaram e não se prescrevem. Não se delineiam nem tão pouco constroem. Não escolhem caminhos e não invadem fronteiras. Só ali, na beira, na espreita de um sentimento linear e vago.

Se há entraves, que perpassemos e sejamos tantos nós. Deixemos a verossimilhança e avancemos as vertentes, sejamos mais amor e tenhamos mais amor. Sejamos o que não propusermos ser e idealizemos em outros cenários, acreditemos no fomentado pela emoção, pelo acaso, tão importante para que desconstruamos o óbvio, a casca mofada, a fatura admitida na vida.

Tenhamos o poema reinventado de uma vida menos burocrática. Sejamos a voz e não coro. Negligenciemos o envelhecimento dos sonhos e das vontades. Desejemos mais e mais mil vezes. Abrilhantemos nossos olhares e sorrisos para o melhor de nós. Nada de orações sem afluentes e poética ressequida por espírito sem gozo. Nada de subterrâneos e departamentos. Deflagremos os vazios.

Agora, que tenhamos o desejo e o objeto. Vivamos, embora em desamparos, a alegria das chegadas e partidas, e a melhor manhã de todas. Cresça nosso jardim e nossos versos cadenciem uma vida repleta e cheia de inconstâncias. Uma vida que morra e nasça tantas vezes seja necessário e importante.



## Foi um Anjo que passou em sua vida. E seu coração se deixou levar.

**Reinaldo Fernandes**

**Brumadinho – MG**

Abraçou-a novamente, apertou contra seu peito. Seus dedos correram-lhe os cabelos, sentiu seu cheiro de menina-moça de banho tomado há pouco. Beijou-lhe as faces.

___ Papai, eu te amo!, ouviu, e sentiu um aperto. Sentiu seus braços finos enlaçando-o.

___ Cuidado com a espinha! – ela o advertiu quando ele beijou-lhe a testa, como beijava sempre.

E ela fez como sempre fazia: sentou-se numa cadeira ali perto, pegou seu livro da escola e ficou lendo, enquanto ele lia "Jardins Botânicos do Brasil", de Evaristo Eduardo de Miranda, ilustrado com fotos de Fabio Colombini. Pai e filha na mesma sintonia, no silêncio vespertino da varanda. Da janela da cozinha, Fátima esquecia o bolo no forno e olhava embevecidamente a cena. Se o pai folheava, uma atrás da outra, as páginas do livro, a filha pouco ou nada lia. Quer dizer, não lia o livro, "lia" o pai. Seus olhos se prendiam cheios de amor no pai, observava-o, seu semblante calmo, suas feições gentis, seus olhos atrás dos óculos, apaixonado pela botânica. Admirava-o como se ela estivesse sentada na primeira fila de cadeiras do Santuário de Santo Expedito e como se ele próprio fora o santo: não olhava, contemplava. Ali estava seu herói, o homem de sua vida. O homem mais generoso, risonho, amoroso, legal, trabalhador e honesto do mundo, como escreveu um dia num acróstico em sua agenda.

O conceito que fazia da honestidade do pai veio especialmente do dia em que foram ao Cristo Redentor, no Rio. Estavam superfelizes, era sua primeira vez na cidade e o Cristo estava cheio de turistas.  E naquele vai-e-vem de tirar fotos na escadaria, um estrangeiro, japonês, talvez, deixara cair sua carteira. O pai, ela de braços abertos feito o Cristo posando para a foto, vira a carteira caindo de onde caiu, interrompeu a foto e foi pegá-la. No meio da confusão,

pareceu que só ele vira a carteira. Recolheu-a. Gorda de tantos dólares, ienes e reais. O suposto japonês e sua família faladeira descendo as escadas rumo ao trem, sem ter percebido. O pai apressou o passo, alcançou os asiáticos e foi devolver o rico objeto. Quanta confusão! Ninguém entendia ninguém! De Cristo Redentor, aquilo se transformou em Torre de Babel. Depois de uns cinco minutos sem entender ou conseguir se fazer entender, ele pegou a carteira, enviou no bolso do japa e deixou-os em seu blá, blá, blá... ou o quer que fosse aquela língua. Ela observara tudo de perto e aumentara sua admiração pelo herói.

Ele deixa a varanda. Anda devagar pelo sítio, uma obra-prima que assina. Numa placa, ao lado do “jardim vertical”, uma prece espontânea escrito por ela: “Não tenha medo de seguir os seus sonhos.” Olha as serras, a estrada que leva à cidade. O sol vai esquentando aos poucos. Agacha-se ao pé da jabuticabeira. Filipe e a irmãzinha fazem o mesmo. Ficam ali os três, agachados, enchendo uma caixinha de jabuticabas. Ela, esquecida das frutas, mas interessadíssima nos bichinhos no solo.

___ Papai, por que Deus criou as formigas se elas são más e cortam as frutas?

___ Elas não são más, filha. Deus as criou porque todo ser vivo é importante, todos têm uma função aqui na Terra. E ele deixa-se tomar pela segunda paixão de sua vida, a botânica: elas atuam como jardineiras da natureza: escavam o solo, ajudam a ventilá-lo e espalham sementes. As formigas são insetos que vivem em sociedade. Essa é outra importância delas, filha: elas ensinam a gente a ajudar uns aos outros, a viver juntos, a colaborar. Você sabia que uma formiga consegue carregar um objeto com peso 100 vezes maior que o seu próprio peso?

Não sabia. Mas está feliz com a explicação do pai. Esquece as formigas, chupa uma jabuticaba olhando agora outros seres vivos, as florzinhas de seu vestidinho verde.

Gosta de ficar na cozinha, e, de lá, observar o ipê da rua de baixo. Ela se aproxima. Não diz nada, senta-se ao lado, encosta a cabeça no ombro dele. Fica ali, sorrindo, como se estivesse no Paraíso, como se ele fosse Deus. Ele tira o olhar do ipê, verte-o, levemente, à direita, em direção a ela e fica ali, sorrindo, como se estivesse no Paraíso, como se ela fosse Deus.

Agora ela dorme. Ao lado do irmãozinho, os dois em pijaminhas azul e branco,

ela de barriguinha pra cima, braços abertos – deve ser para abraçar o mundo inteiro...; ele de bruços, a cabecinha sobre ela.

Agora ela dorme. Numa cama ali na rua Uberaba, 500, no Barro Preto. A invasão da massa asfixiando diante da degradação renal, a luta pela vida. Não difamou. Tentava comunicar-se. Quantas saudades!

___ Papai, por que Deus criou as formigas se elas são más e cortam as rosas que plantei lá na tia Jandira?

___ Não são más, filha. As formigas comem outros insetos e ajudam a manter o controle da mãe natureza. Você sabia que uma formiga rainha pode viver até 18 anos?

Deixa cair das mãos tremendo o porta-retrato, baixa a cabeça sobre a mesa. "As formigas podem viver até 18 anos!", pensa, "e minha princesa se foi com 16..." E chora feito menino, feito ela no dia em que, saindo para a cerimônia de Primeira Comunhão, caiu café em seu vestidinho e ela achou que no mundo tinha acabado.

Respira fundo, lembra-se do som de sua risada. Como ela ria! Riu mesmo até no dia em que teve que raspar os cabelos, como se aquilo fosse só uma brincadeira, uma fantasia de carnaval. Um sorriso grande, um sorriso de anjo, o que veio anunciar a Deus, como quem sabe sua missão, como quem aceita. Agora ele ri também. Abre seu computador, digita a senha: G A B I – m e u a n j o. Escreve: "Dia proveitoso. Muitas conquistas e ações positivas. Lembranças, lembranças e lembranças que nos fazem caminhar na direção do outro, a fim de justificar a nossa existência e tentar nos aproximar, noutra existência, das pessoas que já partiram, precocemente, pela vontade divina."

Bem aventurada Gabi, que não difamou. Transfigurou.

www.facebook.com/reinaldo.13.fernandes



Haikai



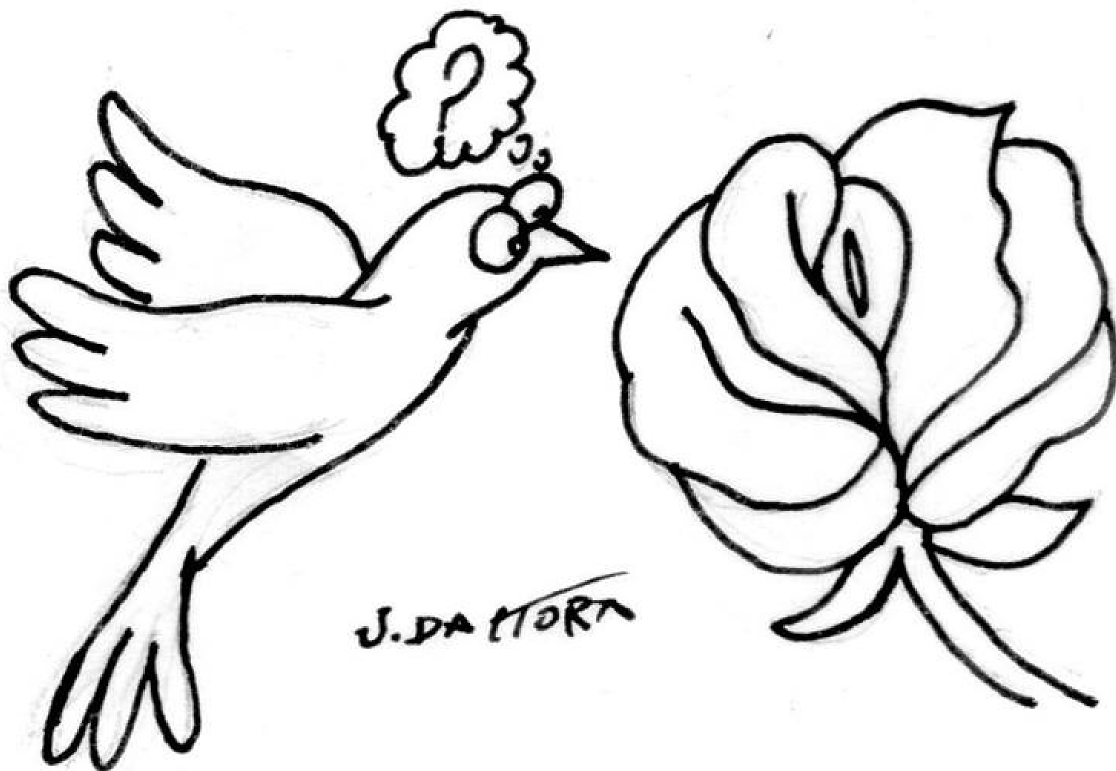

**Brenda Neves – Vila Velha/ES**

Haikai Engraçadinho

# HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

**Dúvida que persiste:**
**a rosa vermelha**
**é contraste ou chiste?**



# HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

**Sob a lona rasgada**
**o palhaço banguela**
**diverte a lua**



# Haverá Uma Manhã

**Rosimeire Leal da Motta Piredda**
**Vila Velha/ES**

Estou no fenômeno chamado solstício de inverno,
movimento de translação da Terra em torno do sol.
O sol atinge a maior distância de mim
em relação à Linha do Equador.
Durante esta estação mais fria,
o meu Eu recebe menos luminosidade.
O dia foi muito curto,
esta noite está mais escura e solitária,
é a mais longa do ano em meu viver!
14 horas de duração.
Parece uma eternidade!
O manto negro do céu cobriu meus pensamentos.
Surpreendentemente, aparece uma lua cheia,
e uma voz ecoou na escuridão:
"__ De maneira alguma te deixarei,
Nunca, jamais te abandonarei!" (Hebreus 13)
Paralisada, senti que sim,
haverá uma manhã.

# Historiografia

**Nelson Rocha Neto**
**Curitiba-PR**

A taberna da boca do lixo estava aberta a cruel curiosidade dos seus miasmáticos frequentadores. A insensatez de alguns disseminava um ar humorístico. Dentre as inúmeras aberrações, um historiador ponderava chafurdado nos detritos da embriaguez. Remoendo reminiscências do passado e defendendo o mundo do anacronismo da sobriedade, não conseguia lembrar o seu próprio nome.



# Hoje

**Lírico**
**Salvador/BA**

Hoje, olhando para 10 anos atrás, saboreando o frescor da ingenuidade, recordo-me dos nossos devaneios infantis de posteridade: tramas universitárias, aluguel de estúdios, viagens inolvidáveis, demandas pseudoadultas... A certeza que pairava na minha retina acerca da amizade de cores eternas sugeriam atemporalidade: trocas intermináveis de confidências e medos, horas destinadas a conversas repetitivas sobre colegas de faculdade metidos, professores austeros, disciplinas incríveis, paixões inalcançáveis, festas imperdíveis, versos irretorquíveis... Rememoro nosso ideário pueril de que no meio da graduação dividiríamos nossos dias entre os ansiados shows da banda e o êxito da atividade profissional, nossas mochilas seriam livros e acordes e seríamos aplaudidas e ovacionadas em tudo, como se fosse possível para a criatura humana ser indefectível. Essa era enfim a narrativa canônica que plainava em nosso imaginário... embora houvesse outras narrativas possíveis, que desconhecíamos.

Hoje, olhando para 10 anos depois, não vislumbro mais as nuances daquelas cores de codinome eternidade; os monólogos interiores são reincidentes e não existem mais certezas. Hoje, mal sabemos conjugar o malabarismo de trabalhar e estudar, e sentimos privilégio quando há tempo para academia e dormir 6 horas por dia. Hoje, há mais acessos a sites de bancos do que a cifras de música; os aplausos são curtos e raros, enquanto a dificuldade começa antes mesmo do rotineiro cansaço

do ônibus cheio; embora saibamos que o encanto está além das pupilas dos que querem efetivamente ver...

A sua presença, antes metonímia de amizade, é só mais um corpo estranho que movimenta os quase 30 mil alunos da universidade. Hoje, nossa narrativa é silêncio, total emudecimento nosso. Entretanto: a sua estranheza me afeta, não me é estranha, alheia. A visão da sua ausência em nosso estranhamento constrange a minha entrada no carro em que sou apenas um número a receber carona, sobretudo quando neste veículo, fatalmente, a trilha sonora, além dos diálogos inaudíveis por mim, são as músicas que foram aclamadas pela brandura de nossa pré-adolescência. Ao fim, dói, mas, como se versa um desses arranjos infantojuvenis: "Eu sei/Tá tudo diferente./Nada é mesmo igual pra sempre./O tempo muda a gente o tempo inteiro./As flores mudam na estação, nos dias claros do verão que acabou."

Hoje reconheço quantas narrativas são sempre possíveis...Aprendi a respeitá-las.



# Insetos Memoráveis

**Eduard Traste**
**Florianópolis/SC**

deixei de recolher as latas e garrafas
espalhadas pela casa
queria ter uma noção visual
do que tenho me tornado
- além do espelho, naturalmente
então a torre bem aqui do meu lado
começou a crescer. bem, na verdade
ela continua aqui e subindo
dia após dia a torre vai se tornando
uma muralha que circunda o sofá
a mesa de centro
os livros e até mesmo
os insetos voando em círculos
perfeitos
estão por todo lado,
entre latas de cerveja, garrafas de vodka
gimbas de cigarro, meias sujas
sapatos furados, pratos abandonados
copos esquecidos
e isso tem só duas semanas
e quer saber? eu gosto!
gosto do visual, da mistura

verde e vermelha das latas
das garrafas transparentes
dos camelos amarelos
bêbados, e até mesmo do cheiro
que permeia no ar, entre
a dança esquizofrênica dos insetos
alcoolizados, sim, sim
o frenesi é contagiante,
eu gosto

- grande merda. é só pra atrair moscas
e outros insetos idiotas – comenta o traste
que veio me visitar hoje

ele não sabe que já os conheço
não sabe que os recebo todas às noites
os maravilhosos insetos
que não falam a manjada língua
das criaturas corriqueiras
ah, ele mal sabe
que já não lembro seu nome
e que jamais esquecerei
de Athos, Porthos e Aramis
os três mosquitos mais corajosos
que já conheci.

www.estrAbismo.net

# Luxúria

**Luiz Roberto da Costa Júnior**
**Campinas-SP**

*para Charles Baudelaire*

Na noite escura
na hora impura

tua pura alma
muito calma

à bêbeda loucura
anda à procura

ao encostar
para abraçar

a tua cor havana
em meio à savana

para um sensual
encontro infernal

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr

# Mais Um Dia

**Eriberto Henrique**
**Jaboatão/PE**

O dia amanheceu serenando,
Com singelos versos gotejando,
Nas estrofes do poema meu.
O dia me convidou para a vida,
Para tomar a poesia diluída,
Nos sonhos do poeta plebeu.

Atravessou a rua e foi embora,
Deu esmola para uma velha senhora,
De peito aberto seguiu sorrindo.
Contemplando sua calma,
Disse eu te amo para sua alma,
Um amor que só vai evoluindo.

Assim agradeço por mais um dia,
Com o calor de minha poesia,
Reflexo de meu sentimento.
Que Deus continue me abençoando,
Para continuar rimando,
Com amor e comprometimento.

www.facebook.com/poetaeriberto.henrique

# Manifesto do Rinoceronte

**Tiago Feijó**

**Guaratinguetá/SP**

Trim, trim... trim, trim... trim, trim...

– Alô... alô... Quem? Quer falar com quem? Ele não está! Como? Se eu achei o seu celular? Ele não está! O que? Este celular é seu? Bom... que bom! Que bom que você me encontrou, porque eu tinha mesmo que lhe falar umas coisas... Dia vinte de maio, deste ano de nosso senhor Jesus Cristo, acontecerá uma enorme manifestação na Praça da Sé; na verdade, um ato manifestatório. Neste santo dia de luz, milhares e milhares de pessoas jogarão os seus celulares no chafariz da Praça da Sé. Vamos abarrotar o chafariz da Praça da Sé com uma copiosa quantidade de celulares, de todos os tipos e de todas as marcas, de todas as cores e tamanhos, de toda e qualquer operadora! Sim, os celulares todos! O do Rei, o do impostor, o do vagabundo, o do caixeiro-viajante, o do leproso de Pouso-Alto, o do sacristão, o do guardador da catacumba, o da prostituta, até o do próprio Senhor Jesus Cristo, se ele voltar como disse que volta, e o seu, e o meu... Alias, o meu não, visto que nunca tive um! Mas agora tenho o seu e é isto que devo fazer com ele: afundá-lo na água cristalina do chafariz da Praça da Sé... Todos juntos, de mãos dadas, não seremos poetas de um mundo caduco... O que? Se eu estou em São Paulo? Mas é claro que não, pacóvio! Estou aqui mesmo, em Guará! Olha, este iluminado dia, o vinte de maio, marcará o início do fim de um recomeço: todos de volta ao cheiroso papel e ao bom tinteiro, mãos à pena, e escreveremos uma infinidade de cartas, missivas, bilhetes, rascunhos... E retornarão à labuta, ao extinto ofício, os carteiros, mensageiros, estafetas, pombos-

correios, arautos, alcoviteiras, alcaguetas e proxenetas... E ouviremos os éditos em plena praça pública, quem sabe pela boca do próprio Nero ou pela boca dos seus muitos arautos. E leremos saborosamente as nossas doces cartas, embrulhadas no conforto dos envelopes; e selaremos as nossas doces cartas com a nossa gosma de saliva ou com cola de trigo. Nero há muito que já possui a sua chancela real! E leremos nossas cartas anônimas uns aos outros, dando-nos a saber uns dos outros; e leremos nossas ridículas cartas de amor, porque todas as cartas de amor são ridículas... Reaprenderemos com os poetas, com os romancistas, com os filósofos, a delicada arte de deitar no papel o enlevo da palavra. E viva a palavra escrita! Viva! E viva a palavra falada tête-à-tête! Viva!... Quem? Quer falar com quem? Ele não está! Quem está falando aqui?... Sandemos! Sandemos não quer mais assistir a essa miséria dos homens, essa miséria que os faz se debruçarem em solilóquios infindáveis, de boca escancarada no fone deste detestável maquinário, este pequeno e medíocre ditador que dissolveu no homem o valor de sua palavra! Senhoras e senhores, companheiros e companheiras, irmãos e irmãs, abaixo à conectividade ilusória! Abaixo à manipulação virtual da palavra! Abaixo ao logro da sociabilidade instantânea! Abaixo à caduquice do mundo globalizado! Todos juntos, de mãos dadas, afoguemos todos os celulares no chafariz da Praça da Sé! Dia vinte de maio! O grande dia, o dia da libertação! Quem? Ele não está! O que? Onde pode me encontrar? Qual o que! Adiante-se ao grande dia e me mande uma carta, você pode endereçá-la a... Não! Carta, não! Não me mande carta alguma, porque não tenho endereço fixo, moro em toda parte. Mas o senhor pode me encontrar na biblioteca pública, onde passo as tardes em distantes viagens; ou mesmo aqui, na praça, ao pé desde chafariz minúsculo da nossa cidade interiorana, onde se ergue a estátua do trisavô de Nero, o velhíssimo Rodrigues Alves, imperador e herdeiro do grande Príapo. Sim, Príapo! Quem é Príapo? Ora, é o grego da piroca dura, da rola em riste,

da estrovenga ingente! Não conhece? Santa seja a tua ignorância! Então não sabe a genealogia do nosso amado Nero? O que? Ele não está! Quer o seu celular de volta? Onde pode pegá-lo? Então o senhor não ouviu nada do que acabei de dizer? Dia vinte de maio, no chafariz da Praça da Sé, acontecerá... Já sabe? Ora, se o senhor já sabe então vá buscá-lo neste dia, no lugar devidamente informado, mas devo precavê-lo de que ele, este reles ditador eletrônico, não lhe será mais útil em nada, em coisa alguma, após a data em questão; e, quando menos, lhe será tarefa inglória procurá-lo em meio a copiosa quantidade de celulares, de todos os tipos e de todas as marcas, de todas as cores e tamanhos, de toda e qualquer operadora, que lá estarão naufragados no silêncio definitivo de suas panes! E viva as panes de todos os celulares! Viva! E viva o chafariz da Praça da Sé, repositório de todo lixo eletrônico enfim extinto! Viva! Quem? Ele não está! Quando? Somente dia vinte de maio, meu senhor, antes não poderá ser! Que fique o não-dito pelo dito! Não entende? Nem eu tampouco posso entendê-lo! O que? Hoje? Dia vinte de maio é hoje? O senhor está certo disso? Sem sombra de dúvida? Não posso contestá-lo, porquanto eu mesmo me perco nos dias, nos meses e nos anos atuais, por falta de um calendário que me guie nas veredas do tempo. Mas se o senhor afirma, está mais do que afirmado! Em vista disso, estando eu aqui em Guará, impossibilitado de chegar a tempo na Praça da Sé para o grande ato, não me resta outra saída senão principiar aqui uma modesta representação do que se passa por lá e dar início ao afogamento dos celulares no pequeno chafariz que aqui temos! Dou por aberto o ato manifestatório que depõe a ditadura dos aparelhos eletrônicos de conectividade instantânea, a começar por este aqui que tenho nas mãos! Senhor, faço votos de que passe bem!

Glup!

Pi,pi,pi,pi...

# Minha Não Metade

**Neida Rocha**
**Canoas/RS**

Quando eu te conheci,
pensei que tivesse encontrado
minha outra metade.
Hoje eu sei que estava errada.
Não és minha outra metade,
és meu outro "EU".
E não posso ter só tua metade,
porque preciso
amar-te por inteiro.



# Mulheres Buarqueanas

**Ana Lúcia Magela**
**Belo Horizonte/MG**

Chico Buarque é considerado o compositor da "alma da mulher". Poucos poetas desvelaram, como ele, o óbvio e o oculto do feminino. Das mulheres/personagens de Chico podemos observar, em princípio, dois tipos de registros: aquelas que permanecem em seu papel tradicional e aquelas que forçam os limites sociais. Correndo os riscos que geram todas as classificações, vamos pensar na heroína romântica e subserviente cantada em, por exemplo, "Com açúcar com afeto". Ela tenta promover a completude, a harmonia inalcançável, pois mesmo com todo doce predileto que prepara para agradar o companheiro esse lhe escapa para "um bar em cada esquina". Quando ele retorna bêbado e vem "feito criança" ela "ao lhe ver assim cansado, maltrapilho e maltratado" não consegue se aborrecer. Vai logo "esquentar seu prato", beija-o, por tabela, em seu retrato. "Mulheres de Atenas" "quando fustigadas não choram, se ajoelham, pedem imploram mais duras penas". Na espera dos companheiros que lutam nas guerras ela "tecem longos bordados". Só sentem medo, "nem gosto, nem vontade", conformam-se e recolhem-se. Nada reivindicam "não fazem cenas". Eles, bêbados de vinho, divertem-se com outras mulheres, mas aos pedaços voltam aos braços das companheiras... Em "Tatuagem" ela quer uma completude eterna, corporal e parasitária. Perpetuar no corpo dele como "escrava que você pega, esfrega, nega, mas, não larga", para dar ao homem coragem, aluciná-lo, iluminá-lo, mas também retalhá-lo em postas. Uma tatuagem risonha e corrosiva... mas, que ele nem sente. Em "Sem fantasia" as lutas foram enfrentadas para encontrar esse "menino vadio" e ela veio para não morrer de tanto esperar. Agora ela o deseja fraco e tolo,

mas inteiro dela. Infantilizá-lo torna mais fácil o aprisionamento e a ilusão do todo. A mulher no "Cotidiano" é repetitiva, se gruda naquele homem e faz tudo "sempre igual", até o sorriso é pontual. Cheia de recomendações, como uma mãe ao garoto que vai sair. Ele "pensa em poder parar, (...) em dizer não", mas como evadir-se da zona de conforto/desconforto? "Ás seis da tarde ela o espera no portão, de noite pede pra ele não se afastar e o aperta até quase o sufocar."

Aquelas que se rebelam contra o lugar social e tradicionalmente delimitado para elas são mulheres que não abrem mão de desfrutar a vida e rompem com este "papel". Elas são autossuficientes e nada têm a perder, fazendo o contraponto com a sofredora romântica. Em "Ela desatinou", viu acabar o carnaval, os dias cinzentos da rotina voltaram, mas, "ela ainda está sambando", num desafio á normalidade mortífera. E "quem não inveja a infeliz, feliz debochando da dor, do pecado, do tempo perdido, do jogo acabado". A astúcia feminina está presente em "Folhetim". Ela usa o homem e não é usada por ele, ela dá as cartas no jogo erótico da vida. Como negociadora pouco exigente ela se empresta em troca de "um sonho de valsa" ou de "uma pedra falsa". A esse enganado ela alimenta a fantasia "te farei vaidoso supor que és o maior e que me possuis," mas, na manhã seguinte ele já não vale nada, pois é descartado como uma página virada de um folhetim. Em "Mil perdões", ela perdoa o homem por ama-la demais, perdoa-o porque ele a sufoca "quando anseio pelo instante de sair e rodar exuberante e me perder de ti", porque ele chora enquanto ela chora, mas é de rir, perdoa-o pelo controle que ele quer ter sobre ela ao ligar para todos os lugares de onde ela veio, e, finalmente perdoa-o por traí-lo. Ele é um joguete e ela, ao perdoá-lo, é pura complacência. Não depende dele, não precisa dele, ela se diverte e se basta. "Madalena" foi pro mar, o seu homem ficou... "a ver navios" e implora "quem com ela se encontrar diga lá em alto-mar que é preciso voltar já pra cuidar dos nossos

filhos”. Nem os filhos seguraram Madalena e ela foi pro mar. Ele fica na espera, vendo na vela, um adeus de Madalena. Talvez cuide ele dos filhos... “Flor da idade” de Maria “a roupa suja da cuja se lava no meio da rua” Nada tem de privado. Ela “dança, balança, avança e recua (...) despudorada, dada, à danada agrada andar seminua (...) a porta dela é sem tramela a janela é sem gelosia”.

Nesses dois registros de mulheres/personagens ocorre o excesso. A busca da completude se apresenta pelo mais e, pelo menos, e tanto esse mais ou esse menos não ocorre na justa medida, é sempre um hiper. Se no primeiro caso as mulheres subserviente/românticas tudo dão sem nada, ou quase nada em troca, na busca de uma fusão com o ser amado, no segundo caso elas ultrapassam os limites daquilo que a tradição reservou como espaço e conduta feminina e superam, como se bastassem a si mesmas, independente de qualquer norma social cerceadora.

Lembremo-nos do mito do hermafrodito e da paixão que esse belo semideus despertou na ninfa Samácida, quando ela o viu banhar-se nu. Como ele a recusou e sua paixão era tão desenfreada, pediu a Zeus que a fundisse ao amado, aprisionando ambos em um só corpo. Também a figura do andrógino, em Platão, pode nos ajudar e entender essa imagem da completude nirvânica. Os andróginos eram criaturas primordiais com força e poder imensos. Essa exuberância fez com que eles desejassem subir ao Monte Olimpo, morada dos deuses. Tal “hibris” ou desmedida indignou o rei dos deuses olímpicos que decidiu cortar ao meio essas criaturas que reuniam em si mesmas, num único corpo, os duplos atributos, “andro” (masculinos) e “gyne” (femininos). Cindidos em duas partes ficaram profundamente infelizes, vagando à deriva e passaram a buscar, compulsivamente, sua outra metade. Essa história, para ninar incautos, nos acompanha na busca da outra metade de nossa laranja e se perpetua no imaginário coletivo. Já a psicanálise analisa

que somos marcados pela falta fundante, inominável, objeto perdido e que nunca encontrará sua reposição. Na experiência do complexo de castração a perda é necessária para que se possa sair do assujeitamento á mãe e negociar com a cultura. Todavia, é preciso aprender a gerir a falta pois ao longo da vida o ser humano carrega esse sentimento de incompletude. Preencher essa falta é uma impossibilidade. As mulheres subordinadas, das músicas de Chico Buarque, tentam obliterar a falta impreenchível aprisionando-se ao homem amado, derretendo-se no outro, mas o outro, por mais amado e amante nunca lhe poderá costurar a falta latente. Assim, toda a entrega e apagamento de si própria gera sofrimento e alienação, mas também gozo.

Já as mulheres buarquianas que extrapolam os limites socialmente impostos, em oposição à demanda de afeto, na fusão tentam remendar a falta em si próprias, de maneira fálica, numa onipotência narcísica. Ao buscar a completude em si mesmas não abrem espaço para o outro. Elas apresentam um semblante que falseia a infelicidade, com uma máscara de leveza e soltura, que beira a irresponsabilidade para com o outro e para consigo próprias. A liberação de energia dessas mulheres é uma força primitiva e resoluta, mas que também não resolve a questão da falta primordial. Acreditam que negando a falta a obliteram, mas não passa de uma ilusão de onipotência que, no fundo, alivia e adia o sofrimento e a solidão.

Como todas as classificações são capengas, e há coisas que não comportam nos precários limite que fixam, há aquelas mulheres que ficam de fora e merecem outro olhar. É o caso de “Olhos nos olhos”, “Atrás da porta”, “De todas as maneiras”, “A história de Lily Braun,” entre outras letras de Chico Buarque. São algumas das mulheres que transitaram entre o mais hiper e o menos hiper, ou do menos hiper para o mais hiper. Elas encontraram outras formas de alívio do sofrimento pelo amor perdido: “dei pra maldizer o nosso lar, pra sujar seu nome e te humilhar”, “Quero ver como suporta me ver tão

feliz" "Me amassou as rosas me beijou no altar. Nunca mais romance (...) nunca mais feliz" "Larga minha mão, solta as garras do meu coração que está apressado e desanda a bater no verão".

Mas, por mais que desdobremos as categorias, nelas nunca conseguiremos apreender todas as cantadas "almas femininas" de Chico Buarque. As classificações são maneiras de organizar o mundo, torná-lo mais compreensível, mas, ao mesmo tempo, quando classificamos, deixamos de fora tudo o que não comporta nas categorias e corremos o risco de ver no mundo somente o preto e o branco, quando sabemos que há nuanças de semitons. Aquilo que fica rejeitado numa classificação é um "resto", que por não ter lugar fica retornando e incomodando nossa sede de certezas. Assim, muito mais importante do que enquadrar numa moldura gessada as mulheres buarquianas, melhor ouvi-las e se deliciar com suas ambivalências.



# Na Estrada

**Tatiana Angèle de Carvalho**

**Bordeaux - France**

A superfície me é um pouco desconhecida, mas tão importante quanto seu oposto. Sinto-me desajeitada nela, muito visível e sem utilidade, tento complicá-la e ela é simples, meus olhos doem com a claridade e volto correndo para o fundo onde fui feita para viver, onde aprendi a respirar controladamente e a enxergar os contornos do que está em ambiente escuro. Mas preciso entender os viventes da superfície tanto quanto preciso me entender; Como conseguem boiar tanto tempo sem perguntarem-se o que tem lá embaixo onde ninguém quer ver? E como precisam de ar constantemente... constantemente... Onde nos encontraremos? No meio do caminho? Entre a profundidade e a superfície? Ou em minhas breves e forçadas idas à superfície? Quem sabe o contrário: venham até mim por curiosidade, ou para tentarem mostrar-me que a superfície pode ser mais divertida e ágil, e que um passeio até lá nada de mal pode me trazer.

Eu gosto dos encontros, me fazem bem, dão-me uma visão completamente diferente de tudo que sei ser. Insinuam-me que, quem sabe, o que tenho como problema não seja e existam outros que eu não estava a considerar.

O último desses encontros foi tão mágico como transformador. Foi um encontro comigo mesma, com meu lado que gosta da superfície, que sonha em um dia morar lá e deixar para trás todo esse meu caminho tão complexo quanto uma teia de aranha das bem projetadas.

Foi um filme que vi...

Um dia banal, um filme banal, num cinema banal; e pela primeira vez na vida, sai de casa sozinha pra ir ao cinema. Poderia ter sido qualquer coisa, mais um filme... mas não foi. Às vezes queria que tivesse sido só um filme e lidaria com

ele de maneira mais facilitada. Não é que o enredo em si tenha sido brilhante, nem isso, o filme até pareceu-me mais simples do que poderia ser. Mas a originalidade do que vivi ali naquela poltrona de cinema foi o que me transportou às sensações que eu já havia esquecido que existiam. Foi uma originalidade que eu sentia em mim que existia, mas que nunca tinha provado e já me duvidava ser real. Mas tão nova assim? Pois é, foi isso que me assustou também... eu... tão nova assim, na casa dos trinta anos, recém chagada nos trinta, e já me tinha colocado à estabilizar-me na vida como se filmes como aquele não fossem mais para minha maturidade, ou não fossem suportados mais pela minha bagagem de vida. Ou pior, que não teriam sido feitos para pessoas como eu assistirem.

Mas ele era pra mim, perfeito pra mim, em tantos sentidos... nada foi forçado, não precisei tentar entendê-lo, gostá-lo, senti-lo... tudo era natural, simples e intenso, superficial e profundo, tudo ao mesmo tempo, misturado e combinado perfeitamente. E se eu pudesse escolher... seria ali mesmo que eu desejaria estar, por isso sei que estava no lugar certo, no filme certo, e mesmo tendo causado tanto efeito, jamais poderia me arrepender de tê-lo assistido. Não poderia me arrepender porque o que se vive, sendo bom não pode arrepender-se, o arrependimento não é pensamento só, é sentimento, e aparece não por convicção, mas por necessidade.

Não há necessidade de arrepender-se do que faz bem, do que dá vida. Acredito ser essa a melhor palavra para explicar o que recebi desse dia: Vida. Foi como ter ido à superfície depois de tanto não mais respirar, eu já estava como quando não se tem consciência mais sobre si mesmo e a morte é questão de fração de segundos, naquele momento onde o ar precisa entrar imediatamente para reaver todos os sinais vitais. De tanto ficar nas profundidades eu não sabia mais que havia vida e não queria mais entendê-la, estava pronta a viver sem ar para todo o sempre. Até que respirei novamente

e senti correr em mim todo o sangue do corpo de uma só vez, lembrei-me de tantas coisas em meu corpo que não sabia mais que funcionavam: eu tinha pelinhos que se arrepiavam, eu tinha um cheiro natural sem perfume, eu tinha a pele macia, meu coração podia bater mais forte do que o rotineiro, eu era eu como há muito tempo não vinha sendo, um corpo se fundindo com a vida, entrando e deixando entrar muita vida.

Senti o gosto de estar viva novamente. E como é bom quando um ser que nasceu para viver acima de qualquer evidência, se sente vivo. Nessa hora a gente pensa: para o inferno com toda a filosofia, com todas as teorias e com a necessidade de espiritualizar-se antes de tudo. Eu queria viver, queria viver pra sempre daquele jeito: viva. Queria que o filme me ensinasse para vida toda, que não fosse só mais um filme com uma narrativa banal que logo se esquece, mas que fosse um ponto de ruptura, um marco de um recomeço onde eu não me deixaria mais sem ar por tanto tempo. Onde eu reconsiderasse viver como prioridade.

Sei que vai ser sempre especial, foi o primeiro filme a me colocar nessa condição e quem sabe seja o único a ter tal poder. Tenho consciência de que não posso assisti-lo todos os dias como gostaria, não tenho esse direito, e se o tivesse, com o tempo e a repetição, tenho medo de que viesse a perder o brilho do começo tornando-se rotina, se é que um filme como esse poderia ter para mim significado monótono e desinteressante. Mas quem veria o mesmo filme para sempre? Seria considerado, no mínimo, obsessão.

Terei de me conformar em passar dias sem filme algum e em outros terei que assistir a outro filme, quem sabe tentando encontrar nele sensação parecida. Mas sei que não vai ser fácil, não está sendo. Depois de viver o que mais pode se esperar dessa vida? Manter-me semi-viva tem sido tão difícil quanto aceitar a morte completa.

Quem sabe alguém consiga me passar outra visão sobre o filme, porque da

profundidade em que me encontro, tudo é muito forte. Quem sabe da superfície alguém me mostre outras formas de manter-se vivo e outras implicações sobre a conclusão do filme; pois acredito que só eu tenha sentido o filme desta maneira, com meu sentir mais do que longo fui onde não se volta mais, fui até onde não consigo mais controlar, porque quando se puxa o ar e ele entra com tudo não há como impedir o funcionamento de todos os órgãos do corpo: é instantâneo, é natural, é imediato e saudável.

Quem sabe ninguém entenda o que estou a dizer e como posso com um simples filme me ter colocado em tamanha sintonia com o ser vivo que tenho em mim. Mas não é com intenção de dramatizar o instante ou culpar qualquer acontecimento que o detalho. A intenção é mais simples que possa parecer: que um momento tão bonito seja classificado como tal, e que a importância devida seja exposta como merece; sem mais, nem menos; sem desprezo, sem cobrança, sem idolatria, sem exageros; só a simples lembrança fantástica de um ser voltando a viver e do que uma ida ao cinema pode fazer.



# No Banco da Praça

**Sigridi Borges**

**São Paulo/SP**

Naquele crepúsculo luzidio e quente, atentava o marchar pressuroso de tanta gente.

Caminhar ligeiro, faces amarradas, faltava um sorriso, firmes passadas.

No velocípede, petiz a correr, alcançar a padaria e o pão quentinho não perder.

Pássaro a voar, procurar alimento. Recolher as migalhas, manter o sustento.

Cão a latir com o ciclista que passa. Agarrar a bolinha do miúdo na praça.

Vovô de cajado a andar de mansinho, observa o neto que não fica quietinho.

Escutar o sino da igreja a ecoar, contemplar o céu, mirar o Sol cintilar.

Tomar um gelado p'ra refrescar. Conversar com amigos, deixar o tempo passar.

Desfrutar a vida! Foi dada de graça!

Observar maravilhas, sentado no banco da praça.



# Noção de Tempo

**Katiuscia Oliveira de Souza Marins**
**Cachoeiro de Itapemirim/ES**

Há dias em que as horas não passam;
Em que o tempo divaga;
Em que o pensamento não pára;
Em que o corpo trava;

Há dias em que o corpo empaca;
Em que o pensamento acelera;
Em que o tempo vagueia;
Em que as horas travam;

Há dias em que o pensamento some;
Em que o tempo corre;
Em que as horas voam;
Em que o corpo sacode.

Há dias em que...
...
Simplesmente vemos o dia, o tempo, as horas e o corpo passarem opacos por nós...



# O Aniversário do Meu Filho

**Itárcio Ferreira**
**Recife/PE**

Meu único filho nasceu quando eu tinha uns 20 anos. Um menino lindo e gorduchinho, por quem eu me apaixonara ainda na barriga da mãe.

Casei jovem, a conselho dos meus médicos, pois, na idade de três anos foi acometido pela poliomielite. Caso eu quisesse ter filhos, deveria ser rápido, antes dos trinta anos, pois uma das sequelas da pólio seria a da disfunção sexual.

Conheci uma garota que tinha cara ser uma boa dona de casa, uma boa mãe, inteligente, estudiosa, futura grande profissional.

Mas com o nascimento do meu filho, a desco9berta do Viagra, meu apresado casamento passou a ser uma tortura, a rotina deixava-me enlouquecido, apenas meu bebê me trazia algum contentamento.

Não passou muito tempo, arranjei uma amante. O sexo no meu casamento era mais por obrigação do que por prazer, não só de minha parte, mas de minha esposa também, apenas fingíamos estar tudo bem em prol da manutenção da família.

Algo deveria acontecer para que essa situação cessasse. Eu, por gratidão e generosidade a minha esposa, nunca teria coragem de encerrar o casamento.

Minha esposa pela educação castradora que lhe foi imposta pela família, e culpas impostas pelo cristianismo, de modo algum proporia acabar nosso casamento.

E o tempo passava. Clamávamos por liberdade. Minha amante aceitava o seu papel na farsa, sentia-se bem como amante, livre, inclusive para colocar mais alguém no jogo.

No aniversário de quatro anos do meu filho, resolvi fazer uma loucura, convidei Vanda, minha amante para a festa. Pedi a ela que fosse acompanhada de alguém, um falso namorado, para não despertar, imediatamente, nenhuma suspeita por parte de ninguém, principalmente de Leda, minha esposa.

Na festa, o pequeno Davi estava encantador, todo alinhado, riso fácil, transitando de colo em colo, através de sua babá e de sua mãe, quando me avistava sorria e chamava o meu nome, eu de pronto atendia aos seus caprichos.

Para meu assombro e medo, Vanda e Leda se deram muito bem. A minha brincadeira ou loucura multiplicara-se por "n" vezes. A partir daquela festa tornaram-se amigas: shopping, cinema, pediatra de Davi. Pedi a Vanda que se afastasse de minha família. Mas nada. Cheguei a falar mal de Vanda para minha esposa, fazer intriga: nada!

Bem, resumindo a história. Estou divorciado e bem solteiro, assim como sempre desejei, e feliz. Davi continua um lindo garoto. Cinco anos, saudável. Leda e Vanda formam um casal maravilhoso.

http://itarcioferreira.blogspot.com.br/



# O Anonimato das Estações

**Fábio Luís Vasques Silva**
**Rio de Janeiro/RJ**

Para além das vidraças,
Uma mulher,
Solitária e Outonal,
Se esconde,
Perdida no olhar,
Por trás de uma xícara de café.
Nas calcadas,
Ainda molhadas pelas chuvas,
Uma Velha Senhora,
Maltrapilha e Invernal,
Amontoa histórias não contadas,
Que não interessam mais.
Entregues às ruas da cidade,
Sob um sol escaldante de Verão,
Umas quantas pernas dançam,
Insistindo em voltear, delirantes,
Pelas partituras do imaginário.

De repente: staccato!
Ilusória,
Uma pseudo-lembrança desliza,
Qual manto de zibelina,

Pela quase-memória,
E desnuda a brancura do dorso vazio:
Poema desabotoado,
Sexo desbotado,
Entre lençóis de cetim,
Cheirando a Primavera em Flor.



# O Cisne

**Emarilaine Machado da Silva**
**Betim/MG**

O pequeno ser olhava estupefato a cheirosa iguaria colocada a sua frente, seu estômago doía, mas, sua pequena mão não ousava obedecer ao comando da fome.

- Vamos orar e agradecer a Deus o alimento. Dissera a mãe, e, meio que engasgada procedera o agradecimento seguida pelos demais.

- Coma filho!

- Não consigo Mamãe!

- Precisa querido. Não há mais nada para comer e se não o fizer poderá ficar doente. Explica a mãe.

Cabisbaixo o garoto maldizia a fome, apanha um pedaço de carne leva-o a boca. Enquanto mastigava, lágrimas escorriam pela face rosada, naquele instante jurava a si mesmo: Nunca mais comeria carne em sua vida...

Dera-lhe o nome de Guido, seu pai o levou para casa juntamente com outros dois cisnezinhos, porém foi o único que sobreviveu, os outros haviam morrido a algum tempo, perseguidos pelo cão de caça dos vizinhos, desde então era a alegria de todos, sempre o acompanhava nas peraltices pelo quintal.

Guido era desengonçado, chegou ainda pequeno, o pescoço comprido parecia desproporcional ao corpo curto e arredondado, aos poucos foi crescendo e mudando de cor, tornando-se a mais bela ave que já havia visto, possuía o porte de rei, gostava de exibir a beleza no pequeno lago para ele construído. Quando alguém se aproximava da entrada, estava sempre a postos, fazendo as vezes de cão de guarda, era uma barulheira só, todos sabiam que havia alguém aguardando no portão. Ainda era fase de "vacas

gordas” como se diz, a comida era farta e a família podia se dar ao luxo de ter até empregados.

Enquanto comia, o garoto lembrava-se das vezes em que tentara monta-lo, ele saía grasnando e rebolando de asas abertas, das vezes em que estando contrariado, sentara-se na escada da porta de entrada e Guido vinha se aconchegando, sempre o abraçava, ele deixava-se abraçar, como se soubesse de sua tristeza e quisesse confortá-lo.

- Filho, coma! Já está frio, assim não conseguirá terminar de comer e não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar.

O garoto dá mais uma mordida, a garganta doí a cada engolida. A mãe o observa, sabia o que Guido representava para toda a família, era a alegria dos dois filhos.

Primeiro tivera uma menina, cinco anos depois, quando já não pensava ter mais filhos ficou grávida, já se passara dez anos, contempla seu corajoso homenzinho tentando alimentar-se do melhor amigo... Dias difíceis aqueles, a guerra trouxe escassez de alimentos em toda parte, não há trabalho por perto e o esposo teve que ir para longe em busca de sustento. Maria a mucama que lhes servia, se recusara ir embora, não tinha para onde ir, fora autora do triste ato em preparar a ave para o almoço, a dois dias não havia uma refeição decente, comiam apenas um pequeno naco de pão sem fermento, preparado com o resto de trigo da despensa.

- Mãe posso perguntar algo?

- Pode querido! O quer saber?

- O Guido sentiu muita dor?

- Cada vez que engulo, sinto como se ele estivesse sofrendo.

- Não filho, acho que ele não sentiu dor. Maria fez um serviço rápido e penso que não tenha dado tempo para ele sentir nada. Agora ele deve estar no céu dos bichos, nadando em um lago azul. Você come apenas a matéria que

ele deixou para alimentá-lo, foi por uma boa causa, e, ele também sentiria fome se continuasse aqui, não teríamos como alimentá-lo.

- Está bem mamãe. Sei que foi preciso, mas, não posso deixar de pensar que eu o traí. Ele sempre foi meu amigo, nunca me deixou sozinho e agora...

A mãe compartilha do sofrimento do filho, sabia que não poderia aplacar aquela dor, abraça-o e juntos choravam, se mantivera forte até aquele momento, porém, não suportava mais ver o quanto ele sofria. A filha mais velha até então assistira calada, se junta a eles n'um abraço triplo, aquele seria um momento inesquecível. Os três começam a recordar as peripécias de Guido e acabam deixando de lado as lágrimas.

- Lembra o dia em que ele entrou no meu quarto e acabou sujando todo o tapete com os pés cheios de lama e você disse que a qualquer hora o colocaria na panela?

- E você maninho? Sempre queria fazer dele seu cavalinho, quando isso ocorria ele sempre corria para o laguinho em busca de sossego. Dizia a irmã rindo, entre lágrimas que teimaram em retornar aos olhos.

- Dona Joana posso retirar a mesa? Pergunta Maria cabisbaixa.

Entrou acanhada com aquele jeito de avó, ninguém sabia o quanto lhe custara o feito. Com lágrimas nos olhos matara e prepara a ave, e, enquanto o fazia, também lembrava-se das peraltices que o garoto aprontava com Guido, em uma delas ele o pintara de azul, tinta com a qual o patrão pintava a parte externa da casa, foi necessário muito sabão até conseguirem remover toda tinta.

- Pode tirar Maria. Acho que ninguém vai comer mais. Guarde as sobras para o jantar, quando a fome apertar ainda teremos o que comer.

O garoto pensou na resposta da mãe. Será que ainda teria que passar por toda aquela tortura novamente? Só em pensar seus olhinhos se encheram de lágrimas mais uma vez.

O tempo passa, o garoto agora é um famoso advogado, formou-se e constituiu família, moram em uma bela casa e como seus pais, possui dois filhos; um garoto de oito anos e uma menina de cinco. A vida segue seu curso, os filhos têm mais do que tivera a vida inteira: brinquedos, boa escola, passeios e boa diversão. As vezes em suas nostalgias, se recorda os tempos de criança, compara, as coisas hoje são tão diferentes! Os filhos sempre querem alguma coisa nova, parece nunca estarem satisfeitos com o que possuem...

- Querido! Já chegou? Vá tomar um banho, o jantar está quase pronto. Mandei preparar sua massa predileta. Também separei um gostoso vinho.

Após um delicioso banho ele vai até a copa onde todos se encontravam para o jantar. A mesa estava linda, seus filhos estavam desinquietos.

- Mamãe não quero massa no jantar, nem essa salada. Será que sobrou o pato ao tucupi do almoço?

Ninguém perguntou porquê, todos perceberam a mudança naquele homem forte. Os olhos se encheram de lágrima ao olhar a cozinheira que entrava tendo nas mãos uma travessa contendo o que para ele parecia um cadáver, o restante de uma ave... A lembrança ainda o machucava, não havia esquecido a promessa feita ao amigo, nunca mais comera carne em sua vida.



# O Domingo dos Erros

**Gê Marquish**

Foi difícil, mas consegui um assento no ônibus. Até então não me preocupara em observar as pessoas, porém tornou-se impossível não notar as aparências e atitudes singulares.

Uma mulher falava sem parar exibindo sua dentadura desigual e cheia de falhas. Num dado momento um dente desprendeu-se de sua boca caindo na cabeça de um homem sentado à sua frente. Este por sorte usava chapéu. O calor era intenso e um senhor abriu o tampão do teto do ônibus. Puro azar; uma ave surgiu e bicou - lhe com tamanha voracidade que arrancou um pedaço do seu polegar, causando desespero ao homem que berrava mostrando o dedo mutilado sem que as pessoas lhe dessem atenção.

Um anão ficou entalado na catraca e o cobrador nada fazia para liberta - lo, enquanto as pessoas que pretendiam passar apenas murmuravam coisas que não pude compreender. Então notei que as orelhas do cobrador eram enormes e lhe caiam pelas faces dando-lhe um aspecto pavoroso. E ninguém havia notado, ou faziam questão de dissimular, não encarando tão inverossímil personagem.

O pássaro voltou a pôr a cabeça pelo tampão ainda aberto, e de seu bico caíram algumas gotas de sangue. Alguém fechou o respiradouro com um baque.

A certa altura um casal de velhos entrou pela porta da frente e no ponto seguinte desceu pela janela.

Só então notei que a meu lado estava sentado um enorme cão negro. Ele usava um relógio de ouro, e a todo momento o consultava, depois sacudindo a cabeça afirmativamente.

Perdi a noção do tempo, notando, entretanto, que a viagem se prolongava demasiadamente. Eu fazia o caminho de volta do trabalho e conhecia bem o trajeto, porém não reconhecia aquelas ruas estreitas e sinuosas nem seus prédios sombrios de paredes emboloradas com as janelas todas iguais, mostrando pessoas de fisionomias tristes, que nos acenavam melancolicamente.

O ônibus se tornava mais e mais veloz e agora já não parava para

que embarcasse o casal de velhos que havia descido umas cinco vezes pela janela, entrando sempre na parada seguinte.

O homem ferido no dedo havia fechado todas as janelas e o pássaro tentava encontrar um meio de entrar batendo o bico contra os vidros.

De repente uma mulher saiu do seu lugar com uma criancinha no colo. O pequeno vomitava em jatos que atingiam os para brisas. A mulher o virava para cá e para lá, e várias sombrinhas foram abertas. Um soldado que usava esplêndido elmo dourado se defendia com um belíssimo escudo, me fitando com ar de compaixão, pois eu nada tinha com que me defender além de um simples e amarrotado jornal.

Seguia a marcha cada vez mais célere, com a criança vomitando seguidamente. Já havia uma pequena camada que escorria lentamente pelo piso, fazendo as pessoas escorregar, precipitando-se umas sobre as outras, sempre murmurando coisas ininteligíveis que eu supunha tratar-se de insultos e admoestações tal a ferocidade de seus semblantes e a maneira como gesticulavam; como se quisessem agarrar uns aos outros pela garganta e apertar até à morte. Alguns exibiam garras afiadas, outros; dedos de aço, e havia até alguns que não possuíam mãos, tendo adaptado em seu lugar ganchos pontiagudos, ou pequenas lanças.

Não me sentia assustado, mas incrédulo. Eu vinha do trabalho e não podia ter errado tanto ao me meter na condução. Não a ponto de encontrar uma galeria de tipos tão fantásticos. Mas eu estava ali.  Eu via e sentia, e não era sonho.

Uma mulher de rosto muito corado me empurrou para o meio do banco e sentou - se ao meu lado. Fiquei entre ela e o cachorro que não parava de olhar para o relógio, e sacudir a cabeça. Notei que a mulher me encarava insistentemente e olhei para ela, sentindo uma pesada respiração, e pior, seu hálito horrível e sufocante. Seu sorriso bestial me causou uma pontada na espinha, não me assustando, entretanto, e sim me pondo desejoso de que ela saísse dali ou parasse de me fitar, lamentando que não fizesse nem uma coisa nem outra.

Ela não se protegia e sua cabeça estava encharcada pelo vômito do bebê.

Uma chuva caiu repentinamente e a ave partiu com um grasnado que me pareceu a promessa de retorno algum dia. Houve uma tênue sensação de alívio, mesmo que a criança continuasse vomitando e tivéssemos de nos proteger continuamente.

Eu já tinha o jornal ensopado, e este, pouco a pouco se







despedaçava, e logo me deixaria exposto. Isto não me causava repúdio, e não conseguia entender que no fundo existia em mim um sentimento de ansiedade mesclado com uma ponta de euforia. Talvez o extraordinário dos fatos me tentasse, ou quem sabe houvesse ali uma inexplicável força que comandava minhas vontades e me dirigia para outros prazeres tidos até então em minha mente como abomináveis.

Eu estava quase feliz.

E aquela estátua no meio do corredor? Ainda não a havia notado. Tratava-se de um corpo humano com cabeça de porco, e que de vez em quando se voltava para alguém e dava um sorriso. Mas era uma estátua, e as pessoas tratavam-na como tal, não lhe retribuindo o sorriso, nem o olhar quase apaixonado.

Então me lembrei de que era domingo. Sim, domingo e eu vinha do trabalho. Era isto. O fato deixou-me imensamente perturbado, e jurei nunca mais trabalhar num domingo. Como poderia ter trabalhado se aos domingos a empresa não funcionava?

Agora eu precisava sair dali e me libertar de tudo o que me pudesse fazer lembrar tal sacrilégio. Não era necessário esmiuçar questões religiosas.Domingo é domingo e basta. Por que deixar a casa e se meter com pássaros sanguinários, crianças que vomitam horas seguidas, cães que usam relógios caros, anões entalados em catracas, e tudo aquilo que me rodeava?

Resolvi descer no próximo ponto, e não me interessava onde fosse; eu tinha de romper com aquele mundo estranho, que não me metia medo, e, entretanto não me pertencia, nem eu a ele.

Fiz sinal de parada e aliviado vi que o ônibus logo estacionou abrindo a porta ruidosamente. Virei para agradecer ao motorista e tive um sobressalto. Um macaco usando quepe e gravata estava ao volante e me acenou. Desci às pressas e tropecei, quase indo ao chão. Incrível, era o ponto mais próximo de minha casa.

A chuva havia cessado.

Não ousei virar-me novamente, mas ouvi o macaco rindo seu riso debochado de macaco. Talvez já me tivesse conduzido outras vezes.



# O Estrangeiro

**Regina Ruth Rincon Caires**
**Campinas/SP**

Escada de madeira, avariada. Puída como tudo o que a vista alcança dali. Cassiano, acomodado num degrau, tronco dobrado sobre os joelhos, esfrega o dedo do pé na saliência de um prego pronto a se soltar.

Na cabecinha de onze anos, é um vaivém de imagens que analista nenhum conseguiria ordenar. No peito, é só amargura. Sente-se como um alienígena, pior que isso, um terrestre desfocado. Não tem nada a ver com tudo aquilo. A cidade, o mar, a vida da favela... Tudo lhe é terrivelmente estranho! Nem mesmo estes dez meses o deixaram mais familiarizado. Não se afina, é sempre um vendido!

Bem que avisara o pai... Não é vida para eles! Como poderia uma família da roça, rude, simplória, acostumar-se numa cidade daquele tamanho?! Pode até ser uma cidade linda, maravilhosa, cheia de modernices, mas os problemas que lhes traz a tornam uma cidade madrasta. Que saudade do seu cantinho! Chega a lhe doer no peito!

Sente uma pena tão grande do pai! Está cada dia mais magro, consumido, desesperado. É muito mais difícil do que imaginara! Com a graça de Deus, a mãe havia conseguido colocação na casa de uma dona, lá na cidade. Cuida da roupa e da arrumação da casa. Sai ainda escuro, e volta já à noitinha. Sempre cansada, desgastada.

A irmã, no viço dos seus dezesseis anos, não consegue trabalho. Cuida do barraco, displicentemente, e dorme quase o dia todo. Quando escurece, veste a mesma roupa surrada de todas as noites, e sai. Sempre tem uma amiga para

visitar, um emprego para ver... Sempre arruma motivo para sair, se bem que o pai já não está engolindo tudo isso! Cassiano percebe que o velho fica ainda mais abatido quando, vendo a filha sair, encosta-se à porta do barraco e deixa os olhos correrem pela escada, vendo-a desaparecer na penumbra, lá embaixo. Se pelo menos não pintasse tanto o rosto, não usasse aquela água de cheiro tão forte!

Cassiano entende tudo, não pode afirmar nada, mas tem a liberdade de, pelo menos em pensamento, maquinar suas premissas. Aliás, é isso que faz o tempo todo! A lógica é uma constante. Tem os pés no chão. Não é dado a aventuras. Por ele nunca teriam arredado pé do mato. Lá estava a dignidade. Pobreza não é a morte, pior que ela é a indignidade da vida que levam agora.

Pai teimoso! Não é teimoso... É descabidamente sonhador, só isso! Pensava ter na cidade grande a mola mágica para o sucesso. Não vacilou em vender toda a colheita, pedir as contas, botar os trens num caminhãozinho alugado e rumar para cá. Nem precisa dizer que o dinheiro não deu nem para o começo! Foi suficiente apenas para comprar o barraco. Chegou todo animado e sonhou até com a compra de uma casa! Andava de corretor em corretor, com o dinheiro embolado nos bolsos. Não demorou a se decepcionar e tentar, pelo menos tentar, pôr os pés no chão.

E foi este barraco que conseguiu pagar. Desde então, só Deus sabe da penúria. A comida, minguada, como podia... Agora, com o emprego da mãe, pelo menos pão não falta. Leite? Só no sonho... Perceptível até para olhos menos detalhistas, a fome que os aflige. A magreza cadavérica do pai, o raquitismo de Cassiano, com braços demasiadamente longos, evidenciados pela extrema fragilidade do corpo. As pernas, sequiosas de carne, deixam os joelhos saltados, salientes, desproporcionais. O calção nem lhe para na cintura, vive caído, à altura dos quadris e, consequentemente, quase lhe cobrindo os

joelhos. Figura triste aos olhos! Tremendamente frágil, chegando mesmo a instigar pena.

Mais triste ainda é sua inércia. Passa o tempo todo ali, naquela mesma escada, olhando sem perceber, o sobe-e-desce das pessoas. Às vezes encolhe-se, tomba o corpo de lado para dar lugar a um passante mais descuidado, estabanado. Dali só sai para ir ao barraco pegar um pão, e quando escurece. Nem à escola vai! O pai, aborrecido, decepcionado, achou melhor nem tentar a matrícula. A escola do sertão era tão fraca que Cassiano não tem condição de acompanhar o estudo daqui.

Cassiano até que gostou! Não tem mesmo ideia pra aprender nada, ainda mais aqui! Só faltava ter que ir pra escola! Seria em outra situação e mais uma vez, um peixe fora d'água.

Em meio a tudo isso, nessa aflição, ainda tem o direito de ficar ali, sentado, parado. Graças a Deus não é exigido pra nada! Não tem ânimo mesmo! Se bem que é torturante ficar ali, remoendo todos aqueles martírios na cabeça, mas que fazer?! Dos males, o menor... Duro mesmo deve ser o dilema do pai! Afinal, ele deve se sentir responsável por todo esse transtorno.

Cassiano pensa no pai... Hoje ele saiu cedo, como quase todos os dias. Nem imagina o que ele faz pelas ruas. Diz que vai à procura de emprego, mas... Inutilmente. Sempre volta arrasado, mais desiludido que quando saiu.

No começo, quando chegou, Cassiano ainda se animava em subir, à noite, até o barraco de Dona Guidinha e passar os olhos pela televisão. Mas eram tantas crianças que se juntavam à porta, faziam tanto barulho que mal dava para Cassiano ouvir o som que saia do aparelho. Não podia reclamar, ia contra a corrente e ali no morro, ou se é mais um ou está morto. Cassiano preferiu se calar. Conhecia bem a política do morro e, aos poucos, foi abandonando o passatempo. Agora, bastava escurecer e ele já se deitava.

É isso que não conseguia engolir! A violência da favela. O perigo iminente e latente do morro... É assustador! Coisa comum é ver brigas, tiros, mortes. Nem sabe quantos garotos da sua idade morreram por aqui nestes últimos meses! É rotina... Toda manhã os corpos aparecem jogados, perfurados por balas ou castigados por pancadas. Comum acontecer e difícil suportar... Impossível mesmo! Cassiano fica apavorado, temeroso, perdido.

Sua irmã chega à porta do barraco. Espreguiça o corpo demoradamente. Dormiu até agora. Já é quase noite! Está chegando a hora de Cassiano entrar. Sente vontade de esperar a mãe, ali. Mas, é perigoso, não convém.

O pai está demorando mais que o costume! Cassiano não se sente confortado. Gosta de ter o pai por perto quando a noite chega. Não tem remédio... É noite, e o jeito é entrar.

Cassiano ergue o corpo, olha novamente lá embaixo, no pé da escada. Nada... Nenhum dos dois aponta. Entra no barraco. A irmã, exalando um cheiro de flor, enjoativo, tem um espelho nas mãos e passa, repetidas vezes, o batom nos lábios. É bonita a danada! Cassiano olha-a demoradamente e pensa em como seria bom se ela tivesse metade da beleza em juízo. No mínimo sofreria menos no futuro. Esse tipo de vida nunca acaba bem, sempre deixa marcas e dissabores profundos.

Está assim, pensando, quando ouve a porta do barraco bater. A danada já saiu e ele nem tinha percebido!

Cassiano estremece quando se lembra de que está sozinho. Bem que a mãe podia chegar logo! Olha pela fresta da porta, mas nada vê. Está muito escuro lá fora... Senta-se no banco da cozinha e não consegue ficar sereno. Dentro do peito, a aflição, o desespero, o medo. Não quer ficar sozinho... Por que sua irmã não ficou com ele até a mãe chegar? Menina matreira! Pensa em contar tudo ao pai. Por que ele também não chega?!

Cassiano resolve se deitar. Quem sabe o sono vem e leva toda essa aflição. Amanhã é outro dia...

Bobagem! Nem deitado consegue sossego. A cama é um suplício quando está ansioso! Parece que vem vindo alguém... Ainda bem, é a mãe!

Tem vontade de correr, jogar-se em seus braços, esquecer toda aquela angústia, mas não tem costume! Não quer que ela saiba que sentiu medo. Já está tão baqueada, chega a dar pena! Ele não se acha no direito de levar queixume algum até ela. Tem de ajudá-la, isto sim!

- Cassiano, cadê o pai?
- Ainda não voltou. Saiu cedo e não falou nada...
- E Clarinha?
- Já saiu. Deve ter ido na casa...
- Deixa pra lá, filho... Já comeu?
- Já, mãe.

Nem bem entra e pega na arrumação. Clarinha, ultimamente, tem sido mais desleixada com a casa. Está uma baderna!

Cassiano percebe que a mãe, a todo instante, olha pela fresta da porta. Também está preocupada com a demora do pai. Que será que aconteceu? Nunca faz isso! Sabe que a família se sente desprotegida à noite, sem ele. Seu pai podia ser aventureiro, mas tinha muito cuidado com eles. Não fazia nada, é verdade, mas estava sempre presente. Não tinha vícios, ainda bem! Na situação em que estão agora, seria um caos ainda maior se ele não fosse comedido! Não bebia nunca. Admirável em meio a tantas decepções, o pai mantinha caráter firme feito rocha. Não buscava refúgio em vício algum, nem em seus sonhos se refugiava mais! Hoje tem os pés fincados no chão, os

devaneios se foram... Está sem saída! Se ao menos arrumasse dinheiro para voltarem para o mato! Mas, como?! Talvez até tenha meios para isso, mas o pior de tudo é que perdeu o ânimo! Tem medo agora... Não quer parecer aventureiro, e sofre terrivelmente. Cassiano torce por essa aventura. De voltar... Quer voltar. É tudo o que mais deseja! Que adianta? Nunca terá coragem de conversar isso com o pai. Imagina!

As horas vão correndo. Já é noite alta, o morro está quase todo apagado. E, nada do pai. Que angústia!

A mãe, andando de um lado pro outro, não para de rezar. Cassiano fica mais aflito diante da insegurança da mãe. Ela, adulta, desprotegida, e ele, como se sente?!

A madrugada chega, junto com ela, Clarinha. Cara amarrotada. Entra falando alto, os cabelos num completo desalinho, agitada. É só o tempo de tirar a roupa, e cai na cama. Nem pergunta pelo pai. Pelo jeito nem tem tino para isso. Está esquisita!

Cassiano, apesar de aflito, encolhido sob as cobertas, não resiste ao sono e dorme profundamente.

Acorda sobressaltado com os gritos da mãe. É uma sensação horrorosa! O coração lhe bate na goela, nem sabe para que lado da cama descer as pernas... É terrivelmente assustador!

Num instante está na porta do barraco. Os olhos, ofuscados pela claridade do dia, teimam em não parar abertos. A cabeça, ainda meio atordoada, fica lerda para perceber o que está acontecendo. Chega perto da escada e olha lá embaixo. Vê a mãe, debruçada. Há muitas pessoas por perto, mas percebe que tem alguém deitado no chão. De repente, lembra-se da noite anterior, da demora do pai... Desce as escadas feito um doido, aos trotes. Difícil abrir

caminho por entre as pessoas... Antes não tivesse conseguido.

No chão, estirado, pálido feito cera, olhos fixos e semiabertos, o pai. Cassiano compreende tudo... O pai, morto.

A mãe, ajoelhada ao lado, está calada, perplexa, incrédula. Não chora, apenas olha. Está como que hipnotizada, sem movimentos.

Cassiano sente o chão fugir, a cabeça rodar, não reconhece ninguém entre os curiosos. Todos estranhos... Tão estranhos quanto é aquela cidade, aquele morro, aquele barraco, aquela vida. Sente vontade de gritar, de correr, de entender. Por que tudo aquilo?! O que está acontecendo?!

Quando cai em si, está sozinho. As pessoas se foram, o corpo do pai levado não sabe pra onde... Sua mãe... Sua irmã... Cassiano não sabe de nada...

Agora está ali, sentado. Na mesma escada, no mesmo degrau, apenas com os seus pensamentos. Quem será que o matou? Por quê? O que a vida quis dele? Perguntas e mais perguntas fervilham em sua cabeça. Inutilmente. É apenas mais uma morte, como tantas outras. Sem explicação, sem fundamento. No morro é assim... Ou se é mais um, ou está morto. Ele não quis ser mais um... Foi só isso!



# O Grande Barato

**Cristina Bresser de Campos**
**Curitiba/PR**

Semana passada fui visitar um asilo onde ficam abrigados homens e mulheres. Alguns são acamados, uns são cadeirantes, mas a maioria pode se locomover. Pedi para dar uma volta e conhecer os idosos. Na mesma hora me deixaram muito à vontade e me dirigi para a sala de televisão, onde a maioria dos idosos fica reunida.
Conversava com uma senhora quando ela me interrompeu e perguntou: ¬ Que horas são? São 15h30min, Dona Lucila, a senhora tem algum compromisso? ¬ Não, não, ainda dá tempo...
Passaram 10 minutos e outra senhora, muito agitada, passou e perguntou para uma terceira velhinha: ¬ Que horas são? E a velhinha: ¬ Ainda faltam 20 minutos. Ah, bom! E eu, com medo de estar atrapalhando algo, perguntei para minha interlocutora: ¬ Dona Lucila, porque vocês estão tão preocupadas com o horário? Vocês tomam chá às 16h?
¬ Não, não, é que 16h é a Hora do Remédio!

Eu, sem entender muito bem a importância da Hora do Remédio, continuei a ouvir o que ela contava, quando uma agitação começou a tomar conta do lugar. De repente, aquela sala quase silenciosa e um tanto sorumbática, começou a fervilhar. Velhinhos e velhinhas se movimentavam todos na mesma direção, excitados e falantes.

Uma das moradoras, apesar de idosa, muito ágil chamada Maria Baianinha, conversava com outros voluntários que estavam lá comigo contando histórias. Pois ela os largou falando sozinhos e saiu pelo asilo como se tivesse algo muito importante para fazer. E tinha.

Daqui a pouco passa a Maria empurrando uma cadeira de rodas com uma senhora, na maior velocidade. Quando olho novamente, lá está ela empurrando outra cadeira, com um senhor semiparalisado nela - até agora não sei se de doença ou de medo pela velocidade com que ela o conduzia.

Fiquei muito curiosa e resolvi seguir aquele cortejo animado e canhestro. Virei o corredor e dei de cara com uma fila enorme de moradores do asilo em frente ao ambulatório. Nessas alturas a Dona Lucila já estava lá esperando sua vez.

Eu não me contive e perguntei: ¬ Mas, é algum tipo de remédio específico que vocês tomam aqui, algo para depressão, ou insônia?

Eu, maliciosa, pensei: velhinhos e velhinhas querendo ficar chapados! E ela, com a maior paciência: ¬ Não, minha filha! Eu tomo remédio para pressão, este senhor na minha frente é diabético. Cada um toma o remédio que precisa.

Entendi: o grande barato destes senhores, não é ficar doidão, é ficar vivo!



# O Olhar que Roubou o Mundo

**Kleber Kurowsky**

**Santa Maria/RS**

Aqui, do outro lado, posso escrever. Não que eu tenha algum tipo de gosto particular pelas palavras, mas porque não há muito mais que eu possa fazer além de anotar meus pensamentos na areia cinza e úmida sob meus pés, e que dá a todo infinito que me cerca um ar pantanoso e doente. Já faz um tempo que estou aqui, sozinho, mas o ambiente não me é mais familiar por isso: é tão silencioso, vazio e ameaçador quanto foi nos primeiros dias.

As palavras se desmancham na areia, varridas por um vento que minha pele ignora, e, pouco a pouco, se tornam inidentificáveis, meros espectros daquilo que sonhei que fossem, nada diferentes do mundo que me cerca ou mesmo de mim próprio.

Eu vou continuar a andar, deixar as palavras para trás, em sua ruína rítmica e constante, até que nada mais reste delas. E se um dia alguém passar pelo ponto no espaço que agora deixo para trás, não encontrará nada além da areia que certa vez marcou as solas de meus pés, e que estará, então, desprovida de qualquer sinal humano.

Mas o mundo já foi diferente, e talvez, em algum lugar, ainda seja; talvez eu apenas tenha sido deixado para trás. E agora me pergunto o que eu estaria fazendo caso o mundo não me tivesse sido roubado, arrancado de mim logo agora que começava a entendê-lo… ou pelo menos era isso que eu achava.

Naquela época, antes de morrer o mundo, eu a via todo dia, subindo as escadas do edifício, coberta por roupas que alternavam de corte ou de tecido, mas nunca de cor: preto, sempre preto. Sua boca, de lábios cobertos por batom roxo ou cinza, revelavam um mundo que pulsava em sua vermelhidão

sempre que abertos; sentava na cadeira e passava o resto do dia lutando para se ajeitar numa posição confortável, num eterno descompasso entre seu corpo e o mundo que a abrigava.

Às vezes, ela olhava na minha direção, até mesmo soltava meia dúzia de palavras, que em meus ouvidos produziam senão ecos de uma realidade que eu podia apenas entrever. Mas ela não me via ali, seus olhos me atravessavam, enxergavam algo que estava muito distante: um mundo de noites eternas e de areia fria e úmida. Eu tinha medo de perguntar o que ela via lá, e desconfiava que ela jamais me responderia.

Certa vez, após as palavras certas terem sido pronunciadas na ordem errada, ela virou os olhos na minha direção, e daquela vez ela me viu. Foi breve demais para que eu entendesse o que estava acontecendo, mas longo o suficiente para que eu me perdesse nele. Seus olhos eram escuros e úmidos.

Voltei para casa com a certeza de ter deixado algo para trás. Só agora percebo que eu todo fui deixado para trás… mas o verdadeiro problema estava no que ela havia levado adiante. Foi quando acordei no dia seguinte, os olhos dela ainda espreitando nos fundos de minha mente, que o mundo começou a desaparecer. Ao pisar na calçada para além da porta de minha casa, vi que toda vegetação havia desaparecido: a grama, as árvores, até mesmo as mais convincentes flores de plástico não estavam mais ali, mas ninguém parecia se importar ou sequer perceber que isso estava acontecendo.

Retornei ao prédio em que deixei uma parte de mim, mas a dona do olhar que me assaltou os sonhos já não estava mais ali, e eu nunca mais voltei a vê-la. Ainda me pergunto para onde ela teria ido e para onde teria levado meu mundo… e por que logo eu tinha sido deixado para trás.

No dia seguinte, cada vez mais pedaços do mundo desapareceram e apenas eu percebia suas ausências. Sumiram as estrelas do céu, deixando para trás uma redoma negra e um tanto líquida; desapareceram as águas dos

mares, e em seu lugar ficaram montes de sal e peixes mortos; nunca mais vi gaivotas.

Despertei, e meus móveis não estavam mais ali, corri para fora e o céu não era mais azul, sua cor roubada dali por mãos que eram hábeis o suficiente para arrancá-lo do céu, mas não para voltar a cobri-lo com qualquer coisa que não fosse o cinza estático e rarefeito que agora eu via. Corri para o primeiro que encontrei e gritei "O céu não é mais azul! Alguém roubou o céu"... mas ele só me ignorou, como se eu fosse um louco, nem sequer olhou para cima para testar minhas palavras.

O restante das cores sumiram logo em seguida: desapareceu o vermelho dos tijolos de minha casa, o azul de minhas canetas, o castanho dos cabelos em meu reflexo, sumiram até mesmo aquelas cores esquisitas que você só vê nos sonhos. Sumiram então meus sonhos, as divagações pela rua, os últimos pensamentos desconexos antes de pegar no sono.

Por último, quando nada mais restava do cenário, sumiram as pessoas. Não gradativamente, uma a uma, mas todas juntas, num único suspiro; me abandonaram ali quando eu não estava olhando, buscando formas na areia molhada em que enterrava meus pés.

E quando eu achava que nada mais me poderia ser tirado, sumiu minha forma de ver o mundo, desapareceu o sentido que eu conseguia enxergar no horizonte. Em minhas ideias mesmo o conceito de Eu já começava a naufragar, diluir-se em meio a todo o resto. Do mundo ao qual um dia eu pertenci só me restam essas palavras, que tão cedo terminei de escrever e que já começam a desaparecer nas areias úmidas em que as escrevi.



# O Peso de Ser Livre

**Maria Vaz**
**Vila Flor/Portugal**

O peso de ser
indomesticável.
Pássaro,
Voo,
Liberdade em movimento.
Desses que não pode dar esperança,
porque vive cheio dela.
Coisas de ideal e talvez de ilusão.
Ninguém manda no coração.

https://www.facebook.com/ThePhilosophyOfLittleNothings/

# O Sorriso da Moça

**Hilário Aires**
**Batatais/SP**

A moça do sorriso calmo
é a moça
com a criança no colo
seus olhos ouvem
seus olhos falam
seu olhar não ousa
o mundo se acalma

Ali naquele semblante
tudo acontece
num passo de valsa
e a criança adormece
diante do sorriso calmo da moça

http://poesiatalcoisa.blogspot.com.br



# O Último Bar

**Vinicius Emidio**

**São Paulo/SP**

**Domingo 23h00**

Mas que dia... Eu aqui nesse bar, tão sujo que não consigo sequer enxergar as janelas de tão empoeiradas.

É estranho porem em lugares assim fico intimidado e limito a mexer a cabeça no Máximo 20 graus para os lados.

As únicas coisas que podia ver eram as pequenas e chamativas luzes de LED escrito “Cerveja”, claro o rostos aparente de decepção e tristeza de cada um no local.

Que horrível esse tipo de lugar deveria ter uma grande seta na porta de entrada escrita “autodestruição”.

**Domingo 23h20min**

Ele finalmente chegou Pedro, o cretino me chama pra tomar uma cerveja num domingo em um lugar horrível desses, por amigos assim é que não sinto falta de inimigos cuidando da minha vida.

Cumprimentamo-nos e Pedro não deixa de dizer uma de suas pérolas.

Pedro: - Te deixei esperando muito tempo?  Desculpe-me, é que sua mãe não me dava folga... Como vai Derek?

Derek: - Muito engraçado você, como sempre.

Pedro: - Não esta bebendo nada? Garçonete, duas cervejas, por favor. Mas então... Como vai?

Naquele Momento penso em dizer a verdade, que meu pai esta muito doente, minha situação financeira esta caótica e minha falta de comoção me enoja... Mas prefiro mentir e dizer:

Derek: - Está tudo bem e você?

Pedro: - Sabe como é, vou indo.

**Domingo 23h35min**

Pedro: - Ai, você sabia que nos mentimos cerca de 70 a 120 vezes por dia?

Derek: - Não, não sabia, mas e dai?

Pedro: - E dai que isso faz pensar... Porque mentimos, porque você mente?

Derek: - Eu não sei, talvez para nos mantermos bem emocionalmente para-nos mesmos e para os outros a nossa volta.

Pedro: - Tá mais, por que sempre queremos esconder as coisas?

Derek: - Talvez por que a vida seja difícil.

Pedro: - Talvez? A vida para uns é uma experiência incrível cheia de arco íris e flores bonitinhas e para outros, uma causa sem razão, por quê?

Derek: - O que?... Quer mesmo conversar sobre isso? Quer dizer se vamos, vou precisar de mais uma taça (risos).

**Domingo 23h45min**

Derek: - Pra mim a vida é difícil, pois o mundo é vago e sem pretexto.

Pedro: - E porque acha isso senhor alma corrompida?

Derek: - Me responda você, porque você vive? Como você explica um motivo para estarmos aqui?

Pedro: - Com "aqui" você abrange o mundo ou o porquê de estarmos nesse bar?

Derek: - Os dois.

Pedro: - Você me conhece, além do motivo da faculdade estar nos matando, precisarmos de grana e de um emprego melhor, bem acho que é por isso que vivemos. Já o motivo de estarmos neste bar é porque a cerveja é barata e cinema é caro de mais.

Derek: - É disso que estou falando, sem nexo, a vida parece tão complexa e agradável, mas na verdade ela é muito simples, nascemos, crescemos, lutamos um contra os outros na juventude para que na vida adulta tenhamos um mínimo de conforto, alguns têm família outros não, envelhecemos e bem... Morremos.

Sem motivos claros, estamos aqui para apenas isso.

Pedro: - Apesar de tudo viver tem suas vantagens não?

Derek: - Tipo quais?

Pedro: - Nos temos um copo de cerveja na mão, isso já não basta?

Derek: - Quero um motivo menos superficial.

Pedro: - Ah você quer falar sobre coisas superficiais? Logo você, que não vive um dia sequer sem seu celular ou computador, usa tênis vans, não por que acham eles bonitos e sim por que eles estão na moda, me diga o que é mais difícil, escolher a garota que vai sair pelo tamanho dos peitos dela ou se ela vai te dar no primeiro encontro?

Eu, você, o mundo somos pura superficialidade.

Mesmo assim essas coisas não deixam de serem boas, não é verdade?

**Domingo 23h55min**

Derek: - Essas coisas nos distraíam, pra mim não me basta.

Pedro: - E o que você quer? Que Deus te de os motivos certos?

Derek: - Talvez Deus seja a escolha certa no momento pra preenchermos esse vazio.

Pedro: - Não coloque essa pressão toda nele.

Até por que se nossos pais são nossos exemplos de Deus e nos abandonaram... Como você descreveria Deus?

**Domingo 23h59min**

Ali, Pedro me deixou sem ter muito que dizer, mas como sempre o vazio não era tão grande com quatro taças de cerveja e suas palavras de impacto.

**Segunda 00h00min**

Pedro olhou o relógio em seu pulso, deu uma risadinha de lado, deixou umas moedas sobre a mesa e disse:

Pedro: - Não importa onde iremos chegar psicótico, já é segunda feira e até sexta, vamos morrer cada dia um pouquinho. Até a próxima.

Derek: - Se você está dizendo... Até.

Então, foi embora, eu ali parado no ultimo gole da minha cerveja barata, pego minhas chaves no bolso e risco na mesa de madeira: "A vida não é tão ruim, em uma mesa de bar".

Pois bem, já era hora de ir... Afinal, já é segunda-feira.



# Olhar

**Aldenor Pimentel**
**Uberlândia/MG**

Eles andavam nus. Sempre andaram. E nada de errado viam nisso. Olhar o corpo nu do outro era tão corriqueiro e puro como contemplar o pôr do sol ou responder a um sorriso com outro.

Naquele povoado, não havia escrita, não havia papel. Tudo o que aprendiam registravam no próprio corpo. Tatuavam na pele sinais de fácil compreensão. E aprendiam uns com os outros pelo olhar. Os corpos nus eram como livros abertos, prontos para serem lidos. Assim, tudo era partilhado e nenhum saber se perdia.

Quando alguém morria, repetia-se o ritual. O corpo era exposto na praça central e todo o povoado se reunia para ver. Passavam dias e dias olhando o corpo exposto, até terem certeza de que nenhum sinal tatuado passara despercebido por ninguém. Em seguida, cobriam todo o corpo com fibras de uma árvore e o enterravam onde não pudesse ser visto. Depois de uma vida inteira, sua missão estava cumprida.

Com o tempo, o inevitável contato com outros povos aconteceu. Um deles, em especial, que se instalou pelas redondezas, cobria-se dos pés à cabeça. Não se olhavam nos olhos. Aliás, não se olhavam. Acreditavam que todo olhar é invasivo e, por isso, deve ser evitado.

Pouco a pouco, os mais jovens daquele povoado passaram a sentir vergonha do próprio corpo. Começaram a esconder as partes íntimas, as pernas, o tórax, o abdômen e, no final, já cobriam o corpo todo. Quando,

entre eles, alguém, por deslize, deixava à mostra algum pedaço de pele, os demais desviavam o olhar. E se o distraído não se emendasse, voltando à mesma conduta, era duramente repreendido.

O conhecimento daquele povo, preservado por gerações e gerações, estava ameaçado. Eles já não aprendiam nada novo. E, assim, a extinção de todos eles parecia tão certa quanto o apagamento para sempre dos sinais tatuados, em um passado distante, no corpo dos mais velhos.

Quando morreu o mais velho dos seus anciãos do povoado e um grupo já preparava o seu enterro em um caixão lacrado, um dos jovens decidiu não fechar os olhos para o que acontecia. Ao cair em si, rasgou as próprias vestes, ficando nu diante de seus pares. Aos olhos que o evitavam, gritou para que todos ouvissem:

— Amigos, olhem aqui: sempre andamos nus e isso nunca nos pareceu feio ou sujo. De uma hora para outra, fomos convencidos de que devemos sentir envergonha do nosso corpo e de que nos olhar mutuamente é repulsivo. Com isso, deixamos de aprender com o outro e com tudo aquilo que o nosso corpo tem a oferecer. Assim, negamos a nós próprios. Desfiguramo-nos. Tornamo-nos irreconhecíveis.

Envergonhados, não mais por causa do próprio corpo, mas pelo comportamento que tiveram nos últimos tempos, despiram-se todos, deixando à mostra corpos vazios de tatuagens. Juntos, tiraram de dentro do caixão o corpo do ancião. Toda a sua pele estava tatuada. Ao vê-lo, deram-se conta do quanto ele era sábio e do quanto perderiam se o enterrassem sem lê-lo.

Fizeram o ritual. Todo o povoado reunido olhava cada detalhe do

corpo do ancião coberto de tatuagens. Como era de se esperar, dessa vez, o ritual demorou mais do que o costume. Afinal, havia muito que aprender, ainda mais depois de tanto tempo sem exercitar o olhar para o outro.

Naquele dia, aprenderam muitas coisas. Principalmente, que nunca mais deveriam se envergonhar de quem eram. Nos olhos de cada um, era possível ler o quanto estavam felizes por ainda viverem e do quanto estavam certos de que só estavam vivos porque não deixaram de ser eternos aprendizes.

artedealdenorpimentel.blogspot.com.br



# Outros Caminhos

**Daniela Genaro**
**São Paulo/SP**

Amigos vão,
amigos voltam,
vem caminhando,
sua canção.

A mãe trazida,
nunca esquecida,
entra e fica,
meu coração.

Todos amados
e retornados
em poesia,
declamação.

Tantos partidos,
caros queridos,
sempre lembrados,
recordação.







# Paixão Proibida

**África Gomes**

**Luanda - Angola**

Coração meu!
Hoje decide ir visitar você naquele lugar escuro
Que apagou o seu personagem no futuro
Oh! Meu Deus do céu
Passo dias e noites pensado como-tens indo
Tento sempre procurar teu sorriso em cada canto
E em cada lágrima de pranto
Refugiar o inrefugiado.

Hoje perto de você quero lhe confessar
Que sinto tua falta
Ao passar-me na mente a forma como me deita
Cada toque teu na calada da noite fazia-me desetressar
É triste saber que estas aqui
Mais longe de mim.

Vou partir
Porque com o tempo as magoas já não consigo dividir
Corre,corre,corre como se eu não estivesse aqui
Esse tormento não favorece nosso amor
Por favor!
Vou partir, mais atenção
Sempre estarás no meu coração.

# Perfeita Utopia

**Gerson Machado de Avillez**
**Rio de Janeiro/RJ**

Dr.Jerry Goldstein havia descoberto um mundo de possibilidades infinitas num multiverso ao conseguir em seu laboratório de garagem o que ninguém em seu mundo conseguiu, romper os limites impostos pela seta do tempo. Tão logo percebeu não ter sido o único no multiverso, pois pipocavam cientistas e aventureiros de outras dimensões num clube restrito de realidades que conseguiram alcançar esse patamar alçando voos além realidade. Mas ao contrário de qualquer sociedade minimamente evoluída, Jerry temia publicar seus trabalhos e descobertas pioneiras pois a realidade em que vivia era de opressão de modo distópico, de modo que poderiam usar seus conhecimentos e tecnologias para o mal. Jerry queria assim usar sua 'máquina do tempo' como um meio de alterar sua realidade ainda que temesse que isso não fosse possível. Jerry, queria, simplesmente voltar no tempo e aniquilar os precursores daquela distopia doentia eliminando todos fanáticos, tiranos e genocidas que tornaram aquele mundo um deserto hostil de abiose social. Costumava ler desde criança relatos floridos de um mundo justo onde pairava a igualdade simbiótica a diversidade, mais do que uma palavra, mas imparcialmente em seus direitos individuais. Queria em seu âmago conhecer o extremo contrário daquele espectro distópico, conhecer uma utopia, terra dos primores científicos e éticos.

Pudera compreender o descontento de Dr.Jerry num mundo que fora organizado não por governos, mas por uma espécie de gangues regionais bem tribais o qual para se vagar pelo mundo sem ser saqueado, estuprado e morto deveria ser iniciado num desses grupos de matizes diferentes, mas atitudes iguais. Eram os neonazistas de um lado, a irmandade africana de outro, todos os quais praticavam seus ritos religiosamente como se suas gangues fossem religiões do mal e, as mulheres, relegadas ao papel de reprodutora numa e prostituta noutra. A revolta de Jerry era mais do que justificada, naquela distopia dos infernos ele viu seus pais serem estuprados e mortos quando ainda em tenra idade, ato que o marcou profundamente a ecoar pesadelos até mesmo na fase adulta.

O Ethos daquele mundo era pior que o medieval, perpetrava em seu ímpeto todos elementos que eram narrados em utopias como ultrapassados e reprovados, da escravidão a exploração sexual de homens e mulheres tratados pior do que animais, como a exemplo do que fazia os neothugs que se julgavam herdeiros legítimos da seita de thugs indianos.

Aquele mundo tinha um novo deus soberano, uma espécie de ecumenismo do mal que reunia numa só sintética figura uma entidade que

presentava os instintos humanos mais primitivos, especialmente, o medo. Asmofobos era uma entidade adorada com muito afinco, talvez mais do que os devotos da Santa Muerte e cujo alimento era, normalmente, cristãos como Jerry era em segredo.

Assim maquinou fazer uma espécie de engenharia dimensional onde estudaria as raízes do mal de seu mundo e as extirparia no passado cuidadosamente até formar uma espécie de dimensão benevolente e utópica. Jerry então passou meses estudando sobre a origem daqueles grupos tribais, os nomes que fundaram, os líderes mais importantes, a raiz de todas opressões. Capitalizou dados de todas as falanges e facções que falavam apenas a língua do ódio e cobiça e tornavam aquele mundo um safari para injusticeiros ímpios e arrogantes, mas para sua surpresa notou ser um o manancial dos males naquele mundo.

Quando finalmente concluiu sua pesquisa, Jerry, tinha uma lista de cinco nomes a serem eliminados, nomes estes de fundadores de seitas, gangues e grupos que no futuro alimentaria a distopia, fosse através de um fascismo, autocracia ou totalitarismo. Separou roupas da época, dinheiro e estudou informações de um tempo em que ainda havia televisão e internet. Assim ele adentrou sua máquina, respirou fundo e acionou seus mecanismos o lançando 40 anos no passado.

Ao chegar teve alguma dificuldade em localizar o nome num tempo em que quatro deles ainda eram adolescentes, três problemáticos e um aparentemente certinho filho das elites da época. O quinto era um homem que após ser traído pela esposa entrou para uma seita que fomentou as ideias para ele próprio fundar uma. Este teve certa dificuldade em matar, mas dois dos então adolescentes foram dados como mortos por gangues rivais a que eles pertenciam.

O homem traído fora morto atropelado, os três de gangues a tiros e o engomadinho filhinho de papai fora morto enforcado em seu quarto na universidade.

No dia seguinte ele contemplou as notícias dos jornais, alteradas em relação das noticiadas pela história de modo que ficou animado a retornar a seu tempo, quarenta anos no futuro. Mas ao retornar a seu tempo encontrou apenas desolação onde mesmo a vila onde estava todos haviam sido mortos!

Perplexo notou que seu mundo havia mudado, mas para seu espanto não fora para melhor. Então pesquisou as notícias com afinco e percebeu que o sucessor do homem traído que entrou para seita teve ideias ainda mais agressivas que a dele, já os membros da gangue em que tiveram seus membros que se tornariam muito importantes viram a necessidade de vingança sobre os suspeitos possíveis, as gangues rivais, iniciando assim uma guerra entre eles onde o pacto de vingança tornou-se uma ideia que deu origem aos mesmos neothugs que ao mistificarem suas ideias e passarem





agora até realizar sacrifícios humanos em prol de Kali e agora eles eram os dominantes em boa parte do território.

A corrupção atemporal manifesta-se sempre com o preceito simples, os que estão errados querem assumir o que não fizeram, mas não o que fizeram, enquanto os bons querem assumir o que fizeram, não o que não fizeram, desse modo não havia diferenças entre sacrifícios humanos e bodes expiatórios.

Assim sob o domínio dos neothugs via-se o predomínio da dispersão de riquezas disforme aonde de vez em quando pegam um dos pobres e os exaltam com riqueza e fama, mas o que parecia ser um exemplo de justiça social era apenas um louvor a desigualdade ante os que jamais terão igual oportunidade. Afinal como em muitos tempos no mundo os homens criam as regras, mas se impõe é pela exceção, pois o contrassenso também é dualismo como as desigualdades que criam.

Jerry estava determinado. Por isso tratou de novamente pesquisar sobre aqueles outros homens e assim capitalizou dados cuidadosamente sobre cada um daqueles homens – sim, notou ele que a maioria eram homens -, e sem pestanejar retornou no tempo para igualmente elimina-los cirurgicamente como um tumor no cérebro de uma pessoa.

Voltou no tempo e caçou cada um dos nomes de sua lista assim como alvos secundários dessa vez. Batalhou até que o último nome não mais andasse entre os vivos. Parecia aliviado com as notícias que, no entanto, repercutiam a maldade perpetrada por crimes contra quem inicialmente eram inocentes. Os rumores apontavam que Jerry, agora assassino, seria um serial killer sádico que matava pessoas sem quaisquer critérios a não ser a satisfação no sangue inocente pois na linha temporal daqueles homens eles foram mortos antes de se corromperem, assim ao todos daquele tempo, injustamente.

Mas Jerry acreditava que aquilo se tratava de um bem maior e assim retornou a seu tempo. Mas desta vez encontrou uma grande cidade onde outrora era seu empreendimento nos subterrâneos. Um lugar fortificado onde os cidadãos andavam espreitando armados, pois a polícia não dava conta, ainda que a população tivesse cedido a constante vigilância contra seus limites de privacidade.

Assim Jerry pesquisou com afinco e descobriu que os crimes impunes que cometeu – naturalmente, pois seu perpetrador nunca fora detido — que tanto chocaram criaram uma comoção pública sobre a segurança de todos ante uma polícia ineficaz, de modo que os crimes voltaram a ocorrer por outros criminosos que se sentiam seguros na impunidade, pessoas que muitas vezes não tinham seus nomes descobertos para que Jerry retornasse e os eliminassem. Estaria Jerry se tornando o mal o qual achava combater?

Mas não por menos havia até mesmo vários copycats que veneravam os crimes de Jerry conhecido apenas por ‘Ceifador’ e os repetiam em ciclos







infindáveis ao longo de quarenta anos. Os rumores apontavam até mesmo que surgira uma espécie de grupo de psicopatas apreciador dos crimes perpetrados pelo Ceifador e assim selecionavam vítimas da população mensalmente num culto a Asmofobos, aquele demônio deplorável novamente.

A verdade é que aquele povo era dominado pelo medo num eterno estado policial onde a justiça seletiva era apenas um show na televisão onde havia um programa semanal de audiência global, intitulado 'Operação Lavagem'. No âmago, no entanto eram os mesmos perpetradores dos hediondos que se repetiam, homens que tinha tanto poder quanto crueldade e usavam do medo como instrumento de poder.

Jerry assim compreendeu que o desejo insaciável por controle compreende como objetivo de poder, mas não existe controle absoluto sem ser por um poder absolutamente corrupto, de modo que a proporção desse desejo é a proporção de seu poder corrupto ao compreendê-los como sinônimos (controle e poder), esta é a raiz de todas as tiranias e opressões, pois entende-se que a liberdade individual é um impasse ao controle. Sobretudo a opressão repele a simbiose, opostamente a simbiose que é homogênea apresenta um parasitivismo sendo dual (opressores e oprimidos) e disforme em sua desigualdade. Empatia é inteligência não importa a uma opressão que não pensa, apenas deseja e cobiça.

Jerry ficou deprimido por não saber como contornar o problema a não ser retornar e impedir que ele mesmo cometesse aqueles crimes, talvez ele devesse entregar dossiês a polícia nos tempos em que se corromperam fomentando assim a prisão deles. Mas compreendeu em viés a essência das tiranias que enfrentou em suas raízes. Logo, Jerry deduziu que não deveria atacar nomes, mas sim um modus operandi e assim tentou retornar mais uma vez entregando esses detalhados dossiês anonimamente a polícia de seu tempo e, para sua surpresa, tudo parecia ter dado certo. Os homens até então distantes dos radares da polícia foram presos e desmascarados levando assim a fomentar uma sociedade de justiça transparente e imparcial aos olhos do povo, os servindo.

Jerry ficou poucos meses naquele tempo, mas resolveu voltar ao tempo o qual era oriundo e saber o que encontrar. Voltou, mas ao retornar percebeu não ser seu mundo, pois por obra do caso seu pai não havia conhecido sua mãe e sua mãe havia virado freira de modo que sua linha se extinguiu. Jerry tornou-se um órfão da existência que perplexo ao investigar percebeu que na verdade não havia viajado em futuros alterados, mas apenas alterando os tempos em que viajou a dimensões paralelas que ele mesmo concebeu, Jerry percebeu então que ao invés de sanar as distopias apenas as multiplicou e agora era um homem sem origem e lugar até retornar a distopia que lhe concebeu.

www.gersonavillez.jimdo.com

# Perguntei


**Monica Regina**
**Praia Grande/SP**


Perguntei ao vento
O que é esta angustia em meu peito?
Ele responde rapidamente:
É o que foi e não volta mais

A mesma pergunta
Fiz ao Sol
Ele responde molemente
É a falta de calor que sentes!

Fui até a Lua
E a ela questionei
Ela diz simplesmente
Que é o que o que se foi deixando o vazio no lugar

Nem ao mar deixei de questionar
Quando a onda veio fui logo perguntar
Em sua sabedoria única respondeu antes de ir
É a esperança de que busca reavivar

De tudo que ouvi
Do vento, do Sol, da lua e do mar
Só uma coisa pude pensar
É a saudades que vive a me atormentar


https://www.facebook.com/Monica-Regina-514039415378170/




# Pérolas Adormecidas

**Jean Marcel Kreuzberg**

**São Bento Do Sul/Sc**

A noite até parece uma criança. Uma criança cheia de sonhos assim como a noite em céu aberto cheio de estrelas. O prazer do sonho, a beleza das estrelas e um conjunto de imaginações que através dos sonhos podem levar às estrelas, a um lugar desconhecido, desdenhoso até mesmo para os sonhos.

Uma noite passada, uma noite de chuva, de pingo por pingo que assim como lágrimas caem, o choro do céu em prantos. Se por sofrimento ou alegria choras sob a chuva, que as lágrimas se misturem e deixem fluir uma chuva de alegria, lavando toda a alma e suspirando profundo até amanhecer novamente.

Que noite tão singela, com o nevoeiro deixando suspeitas no ar. Suspeitas de um futuro luar, escondido através da cortina que se espalha e se inflama, e por mais bela cortina que seja, que vai embora e revela a linda lua cheia e as estrelas... ah! As estrelas, que sempre sonhas, mas na distância intocável apenas admira.

Uma noite fechada com um céu obscuro, nuvens que vagam em pensamento, sem ação ou clamor, que se misturam ao céu tornando-se negro-brilhantes ao retoque das estrelas e ao som do luar. E que nuvens que trazem a nova esperança, ao novo mundo um renovado céu impossível de compreender e até imaginar.

Por todas as noites que sonha, que dorme e desejas em uma longa viagem, de céus com nuvens que lhe trazem esperança, curando todas as feridas manchadas. Atende o apelo dos pedidos, de estrelas e luares conspirando a mais pura imaginação de tornar-se noite novamente no mais profundo sono.

https://www.facebook.com/jeanmarcel.kreuzberg

# Poema

**Jardim**
**Niteroi/RJ**

de ti trago memórias
que o tempo cuidou em preservar,
voos de ícaros que ainda amanhecem
no orvalho da minha sede
pela febre do teu corpo
que em mim nunca se extinguiu.

minhas mãos ainda te buscam
ainda que há muito já não te toquem.
me perco em minha insensatez
colhendo alegorias, ilusões,
acorrentado à tua miragem,
quimera de deslumbramento
dos meus infinitos enganos.
à noite, no espelho é o teu rosto que vejo.

são para ti as rubras rosas que trago,
é por ti que pulsa o sangue em minhas veias,
é teu este meu grito mudo.
são para os teus peitos
este toque dos meus dedos.

ecos da tua voz me trazem
tuas palavras agora antigas.
te ouço ainda mesmo que ausente
e me sopras ventos de nostalgia
que vagam pelas esquinas dos meus dias.

o hálito morno de tua respiração
me invade o fôlego
e me torno o avesso do meu avesso.
restaram pequenas palavras
que me sussurravas com tua voz muda
quando me pedias que te ouvisse,
quando me pedias que te tocasse,
quando me pedias:
me beija, me fode.

te trago dentro de mim,
te fiz parte de mim,
caminhas ao lado dos meus passos,
pisando comigo este mesmo chão
e me conduzes ao longo do dia
para algum vago sítio,
para algum improvável lugar.

caminhamos juntos pela mesma estrada
mas há muito já não há mais estrada,
somente o rastro que nossas feridas deixaram.
somente um abismo profundo e negro.
um vazio, implorando aos gritos
que algo o preencha.

http://www.facebook.com/poetajardim



# Poema

**Susana Leonor Neves Campos**
**Guarda - Portugal**

às vezes é verão

às vezes acordo

às vezes tento ouvir

o mundo que me rodeia

às vezes tenho medo

do teu amor

às vezes tenho medo

do teu abraço

às vezes deixo-me

cair

no sonho

de mãos livres

onde estás

às vezes eu tento não acordar

às vezes sinto

te

---

as minhas mãos procuram

o cheiro das flores

que no meu jardim nascem

as minhas mãos procuram

os olhos que me trazem o sol que me aquece

e me fazem sentir viva!

as minhas mãos frias,

regam as flores que plantei

e vejo crescer

as minhas mãos sentem o mesmo frio

que o meu corpo lhes transmite quando não te toco

-----

a brisa acorda os meus sonhos

na vontade de adormecer aqui

nas cores de outono de que tanto aprecio

e

me inspiro

na tua ternura que me comove

e me faz crescer

nas cores translúcidas

do mundo onde vivo

tornam-se claras

na minha pele

e eu

(re) vivo todos os momentos

os momentos em que me sinto

aqui!

https://www.facebook.com/Poesia-da-Susana-266271800084158/



# Poesias Tamancas

**Anna Ribeiro**

**Itajaí/SC**

Tamancos na calçada fax farras e galanteios Não deixa para depois

Declarando-se a sua amada!

*

Na calçada

Fagueiro Tamancos

Em compassos ligeiros

Encanta sua amada!

*

Em caçada de Tamancas somente a solidão! não soa os recados

Apenas, chora o coração

*

Meu bem querer

em batidas das Tamancas

Veio logo me dixer

Que, não quer meu bem querer!



# Poeta Morto

**Maria Ângela Piai (Angel)**
**Capivari/SP**

O corpo do poeta jaz inerte
Regado pelo choro ruidoso das carpideiras
Cercado por preces vazias.
Dorme o poeta morto
Enquanto eu velo teu sono
Num canto qualquer do saguão
Segurando a coroa de flores
Disfarçando os odores da putrefação.

Dorme poeta morto
Que não mais versos fará
Ficarei aqui contigo
Até o coveiro lhe plantar
Feito semente na terra.
Mas tu não florirá.
Escondido atrás das flores
Seguro o meu punhal
Sujo com o sangue seco
Do único golpe mortal

Dorme poeta morto
Inerte sobre a poesia
Nunca mais me chamara
De tua menina.

Nem me fará chorar
Sozinha a te esperar.

Arranquei-lhe o coração
Segurei em minhas mãos
Enquanto ainda batia
Vi a vida que se extinguia
Lambi-lhe o sangue e
Devorei-lhe inteiro.
Tinha gosto do vinho barato
Que me servia no copo
Plástico

Carregarei este segredo
Enquanto minha vida durar
Dorme  poeta morto
Que versos não mais fará.

http://angelpiai-submundopoetico.blogspot.com.br/



# Pranto

O grande produtor pergunta ao pequeno produtor

"o que você faz da vida?"
"eu pranto"

Léo Ottesen

Léo Ottesen -Rio Grande/RS

# Princesa do Alentejo

**Luís Amorim**
**Oeiras, Portugal**

Quando chegou Alentejo
Até lá na distante aldeia
Logo procurou cortejo
De proximidade cheia
Com real princesa
A caminho da ceia
E numa vela acesa
Em coche tão veloz
Que lhe deu certeza
No correr de voz
Atrás dela cantando
E declamando a sós
Então no idealizando
Como seguinte futuro
Que viria caminhando
Ao seu encontro no puro
Romântico par, momento
Sem o vigente muro
Que ainda tinha assento
À de coche, volta
Mas bem na mira intento
Que lhe dera por solta
A liberdade sentida
Qual decisão revolta

Como dessa vez ida
Não teria regresso
Para existência conhecida
Sem permissão de acesso
À princesa anuência
De coração, doce verso
Na sua bela essência
Que era muito preciosa
Como jóia de vivência
Na terra mais vistosa
Em ducado de vila
Engrandecida na prosa
Ou poema de fila
Que tantos faziam
Com princesa a senti-la
A poesia que aplaudiam
Uma feita serenata
Quando alguns diziam
Dar ela por cordata
Sua feliz concordância
E mais ainda na data
Que seria de importância
No além por chegada
Longe da então ânsia
De ceia por abraçada
E juntos no oficial
Solenidade cumprimentada
No aposento ideal

De aldeia realeza
Com Alentejo referencial
Ao sentimento na mesa
Porque de enlace, evento
Tinha sua luz acesa
No cear aos deuses do vento
Para que seu feliz início
De felicidade a contento
Lhes aprouvesse indício
Iluminado na sempre preferida
Comunhão de seu princípio
O par na busca de vida
Que por certo duraria
Como alegria recebida
Todo e qualquer dia.

https://www.facebook.com/luisamorimeditions



# Quase Inteiro

**Maroel Bispo**
**Feira de Santana/BA**

Nunca fui meio verdadeiro,
Abstrato ou meio termo.
Sempre encarei a plenitude,
O todo do ser que sou.
Toda dor, todo intento,
Toda persona, todo amor.
O homem quase inteiro,
É aquele que habita ali.
O homem que grita e foge,
Partindo por estradas Íngremes.
Entrelaço-me nas imagens,
Cópias das pessoas.
Prendo-as nessa redoma,
Extratos de símbolos imaginários.
Resquícios do amor enraizados,
Homem diluído em fragmentos.
Natureza humana em desencanto,
Polos que se excluem e se afastam.
Dualidade de fios não tecidos,
Hoje, partido, me falta a palavra.
Saudades do todo que fui um dia,
Reminiscências fluidas, passadas.
Sou réu de versos que divagam,
Querendo, quiçá, se tornar poesia.

# Reflexão

**Emanuele Sloboda**
**Rio de Janeiro/RJ**

A paz é laboriosa. Evito os revoltosos, desejosos do recebimento do bem e vingativos ao depararem com a retribuição por meio da infidelidade e maledicência. Os bons padecem para corroborar com seu caráter, abnegado e verdadeiro. Muitos de nós, infantilmente, optam pela bondade movidos a interesses porvindouros. Amamos para que sejamos obrigatoriamente amados, cuidamos para que sejamos cuidados, perdoamos para sermos perdoados e vivemos propalando benevolência para garantirmos estadia no céu. O trajeto dos benfeitores é árduo e sinuoso para aferir a fé e o sentimento fidedigno em cada ação. As feridas dilacerantes revigoram a todos que vivem unicamente pelo amor. Os desistentes e amargurados dizem não valer à pena por ter faltado encorajamento para doarem-se. Agem, ambicionando e exigindo um retorno que, muitas vezes, vêm no olhar do próximo, e os nossos, inundados de egoísmo, não permitem aceitar.

www.facebook.com/meandrosl



# Regras

**Dani Rosolen**
**São Paulo/SP**

Eu aprendi a não ser de ninguém
Ser simplesmente só
E não ter dó
Porque assim não dói
Não precisa de obrigada
Não precisa ir obrigada
Muito menos de nada
Muito menos por nada.

https://medium.com/@danirosolen



# Rei Dourado

**Fabíola Cunha**
**Salvador/BA**

No começo a cautela
Desnudávamos como os espanhóis descobrindo o Novo Mundo
Pisando na terra devagar
Mapeando as possibilidades
Sentindo os sabores diversos
Ouvindo sons outros
De uma terra com aroma de beleza.
Diferente dos ibéricos
Descobria-nos sem nos impor
Sem construir templos católicos
sobre a religião pura um do outro
Sem dizimar as autenticidades únicas
Sem escravizar com a vilania da paixão.
Respeitando nossos universos internos
Aprendendo formas múltiplas de viver
Saqueando cores de frutas para pintar um altar pra Viracocha
E na convivência dessas duas formas de vida
Encontramos nosso Eldorado.



# Resumo da Festa

**Jackson Luiz de França**
**Maceió/AL**

O teu sabor tem momento, o teu sabor está em uma só boca.
O teu sabor.
Procurei teu sabor nas outras bocas, não encontrei, procurei você em outros corpos, não era o que eu queria nem a quem queria ter. Esse sentimento vil.
Como amar alguém que nada sente por mim?
Doar-me não se trata de uma qualidade, mas eu sabia que não seria de verdade.
Nesse resumo da festa:
Eu sei que ela tem culpa,
Eu também sou culpado,
Ela não foi sincera, e, eu saí despedaçado.
Não precisava beijá-lo estou desestabilizado.



# Sabor Insano

**Flora Salvador Tito**
**Luanda - Angola**

Deleitei o sabor do seu prato,
Não desejei entrar em pranto,
Não me peças para ir,
Hoje não! Não poderei sair.

Talvez amanhã,
Depois de amanhã,
Ou outro dia qualquer,
Pense no meu querer.

Corpos mergulhando,
Sabores exóticos,
Não me peças para ir,
Que eu não poderei sair.



# Self

**Lucas Santos de Oliveira**
**Niterói/RJ**

Nem precisava ser assim tão foda
Só queria ser alguém mais interessante
Não, não é baixa autoestima (somente)
Trata-se da vontade que existe em mim de ser alguém diferente.
Mas com a mesma cara— que até que nem é tão feia.
Mas um pouco mais alto, já que não curto minha altura.
Desejaria ser mais inteligente também.
Sem precisar ter de nascer de novo,claro. Imagina que loucura?
Eu queria ser mais eu, só que diferente deste aqui.
Alguém que não suasse tanto ao falar no telefone, ou ao ficar nervoso
E que nas fotos "espontâneas" não precisasse forçar pra rir
Talvez querer ser melhor defina essa mudança que tanto quero.
É um saco que mudar pareça algo tão complicado,
Embora carregue o peso de cada aprendizado
Sempre sinto que pra ser melhor preciso começar do zero.
Um dia pra ser genial, descobrir ou inventar uma coisa nova!
Ser alguém que mudaria o mundo, ter o poder que preciso pra mudar meu bairro…
E começarei toda essa revolução do meu ser
Com um poema em prosa.

https://cadaversodestamente.wordpress.com/

# Sem Borracha

**Agoulart**
**Cachoeiro de Itapemirim/ES**

Vamos falar de depressão;
Vamos falar de bipolaridade.
Vamos falar da solidão,
E porque não falar da hereditariedade,

Dos caminhos indiretos;
das portas estreitas,
dos parceiros imperfeitos;
Falemos do plantio e das colheitas.
Não nos esqueçamos de falar das escolhas mal feitas.

Acreditei que meus poemas podiam mudar o mundo
Mas roubaram meu chão e apagaram meus sonhos.
Tiraram meu futuro e não me sinto mais seguro.
Hoje caminho de cabeça baixa e olhos tristonhos.

Mas eu ainda sei que tempestade nenhuma pode apagar o sol.
Mesmo assim me escondo da luz para não ser cobrada.
Também me escondo das trevas,
Para não ser atacada.

Escondo-me, mas se preciso for,
Estarei pronta para qualquer confronto.
Saberei recomeçar do zero, com luzes, cores e sabor;
Posto que, para voltar à vida já estou pronto.

Não existe estrada sem fim
Pois todas me levam onde preciso ir.

A casa está sempre cheia,
E eu brindo a solidão a dois.
Não vou fechar a porta,
Porque a vida está deserta.

Sigo em frente sem pensar
no que será de nós dois.
Abandono-me,
Talvez te encontre depois.

https://www.facebook.com/Poemas-Postais-1120608161343411/



# Sem Você Minha Musa Inspiradora

**Admilson Poeta Magnata**
**Luanda/Angola**

Sem você mergulho na solidão
Sem você luto contra meus pesadelos
Sem você minha voz fica rouca
Sem você fico parado nu tempo e no espaço
Sem você a, solidão
Toma conta do meu coração
Sem você minha música
Já não tem melodia
Não têm ritmo
Sem você meu poema.
Já não tem rima
Sem você meus olhos
Perdeu o, brilho .
Sem você fico louco
Porque foste embora..
Por favor não vai sei escrever .
Uma carta de amor
Desculpa amor eu não sei lêr
Sem você meu mundo fica sem cor
Sem você me transformou num pintor de rua
Um pintor sem tela
Fico como um poeta sem caneta

A procura da sua musa inspiradora
Sem você fico
Mudo
Surdo
Perco a memória
Já gritei
Já chorei
Mais não encontro
O brilho dos seus olhos .
O sabor e dessabore do seu lábios
Volta meu amor
Preciso de ti
Não quero ser escravo da solidão
Da melancolia
Volta para,meus braços.
Transformarei teu amor
Numa linda canção
Sem você eu não consigo enganar a solidão
Sem você minha musa inspiradora
Me tornou. rato asqueroso
Me tornou um pobre sonhador
Sem você minha musa inspiradora
Não consigo alcançar minhas metas.
Não consigo realizar meus sonhos
Sem você eu entro em pânico.
O que hei dizer ao, meu coração

O que hei de, dizer .

A minha loucura

Sem cura

Sem você

Não consigo escrever

Nem pensar

Sem você não sinto o perfume da Aurora.

Não vejo chegar a, prima vera

Não sinto o cheiro das rosas

Sem você as noites

Já não são as mesmas

Sem você as estrelas

Perderam o seu brilho ..

Sem você já não vejo

O pôr do sol. Não contemplo

O desabrochar das flores

Sem você planto rosas no jardim do inferno



# Sobre Ciganas e Leituras de Mão

**Guilherme Pelodan**
**Jacareí/SP**

Me empresta a manivela aí brother. Para dar uma acelerada aqui na internet. Internet de lan house de centro de cidade é foda. Preciso ver e-mail. Mandar mensagem para ela. Porque a cigana me lembrou. Me fez pensar nela. Lembrar do perfume e ter até um pouco de coragem.

Tenho uma história com ciganos. esse povo gosta de mim. eu gosto deles. Plínio Marcos falando do cigano truqueiro da porra e eu me identifiquei. entendi o paranuê da parada toda. o zigue-zigue. o ziriguidum. que tem mesmo. é para ter. sempre teve. e tem que ter. para sobreviver sem moeda no bolso. na casa das notas. no asfalto quente. no eticétera do dia a dia da gente.

Tava andando uma cigana me parou. Você é de espiritualidade filho. é sim que eu sei filho. É sim. Deixa eu ver sua mão filho. Deixa eu ver sua mão. Você tem uma moedinha para a mãe. *Trés bien* véinha. Tem ma moedinha pra molhar sua mão aqui. Me ensina uma oração filho. Me ensina uma oração. Ensina uma oração pra mãe véia. Ensino sim véinha. Ouve essa daqui ó. São Miguel na frente. São miguel atrás. São Miguel na direita. São Miguel na esquerda. São Miguel. São Miguel. Onde quer que eu vá eu sou o seu amor que protege aqui. Anota para mim filho. Anota. Não deu para anotar. Fica bem véinha. Deus vai lhe pagar. Fui andando. Tchau tia. Até mais. Até logo. Até outro dia.

Depois outra cigana me para. Outra ocasião. Nem sei porque lembrei dessa historinha que acabei de contar. a história mesmo é outra. Outra coisa. Negócio outro. Outro momento. Mas é cenário semelhante. Um outro centro de cidade. Os mesmos personagens.

Filho. Deixa eu ler sua mão? Moça. Eu sou poeta de rua. Não tenho dinheiro não. Me deixa ver filho. Você não tem um dinheirinho aí? Dinheiro eu não tenho não. Mas tenho poesia. Eu tenho previsão. Ela diz. Lê um poema para mim. Que eu lhe entrego a canção. ok leio. E li lá. E ela disse. Poema bonito menino.

Moça. Vamos fazer assim. Eu lhe dou um livrinho de poemas desse mais simples. e você me lê a mão. Combinado? Combinado. Aí ela pega a mão. Para ler. Bem rapidinho. Sem muito maracutaia nem trimilique. Para dizer umas coisas. E diz.

Vai viver muito. Mais de 90 anos. Já fugiu da morte e de muito risco de vida. Viajou um bocado. É feliz. Tem comida e tem teto. Mas falta um bocado de paz. Amou uma só vez. Mas teve muita tristeza. Agora tem essa mulher. Que você não acredita muito não. Mas gosta muito de você. Seu caminho é bom. Daqui um mês mais ou menos as coisas vão achar seu lugar. Acredita nela. E acredita no seu coração.

Tá bom. Deixei o poema. Agradeci. ela também ficou agradecida. Virei as coisas e ela já começou a pedir cigarro para o próximo transeunte. E eu achei um barato. Tá certo. Cigano generaliza pra caralho. Diz coisa geral para todo mundo. Coisa repetida. Fugi da morte. Amor uma só vez. Forte e foi forte. Mas no baralho geral da sabedoria de rua tá até bom demais.

Aí decidi parar. Sentar a bunda nessa cadeira sebosa de lan house do centro. E pedir a manivela para fazer o computador funcionar. Vou escrever um e-mail para ela. Quem sabe é tempo. Quem sabe ainda dá. Recuperar aquela inocência perdida e voltar a amar.

https://www.facebook.com/guilherme.pelodan

# Sobre o Tempo

**Luanda Julião**
**São Paulo/SP**

E o tempo de hoje
É o tempo de outrora
E esse instante é a junção do ontem e o agora.
E o amanhã não demora

E o tempo da gente
É um tempo dormente
E que passa por fora
Sem delonga, sem demora
E nos debruça sobre o aqui e o já
É o instante do agora
E a vida rememora

O tempo passa e tudo fica
É o tempo da arte, é o tempo do artista
Na obras literárias, na música, na vida
É o tempo da dor, do esforço, da alegria,
É o tempo da chegada, é o tempo da partida
É o tempo de dentro, que faz parte de mim
E que insufla a memória e advém o porvir

Pois o tempo é além do que se vê e se prevê
E o tempo de dentro
É o contratempo do tempo de fora

É um tempo mais lento ao puro relento
É a duração dos segredos, do amor, dos lamentos
É o tempo do pretérito, das lembranças, dos talentos.
E o tempo do futuro se alonga no passado e mergulha no agora
E o alento da vida revigora

Mas o tempo aqui de fora
É um tempo que passou
Mas que rastros em mim deixou
E eu achei que era tempo perdido
Esse tempo dito antigo

Se em mim o tempo clama e passa devagar
Mas a vida exige a pressa, sem olhar o divagar
E depressa e constante o tempo passa sem parar
E mesmo que dele você corra atrás
Você não o alcança jamais.
Pois ele passa e nada fica
Nos objetos, nas coisas do espaço e na palavra dita

O tempo é como a água que escapa entre os dedos da criança
Ou como o vento que sopra entre frestas sem distância
Sem rascunho, sem ranhura, sem fiança
E nessa longa estrada vazia do tempo
Vou preenchendo-o sem demora
Transformando os instantes em agora
E a vida comemora.

# Sons de Verão

**Francisco Ferreira**
**Conceição do Mato Dentro/MG**

As cigarras voltarão
à vida, renascerão nos campos
e o ofuscarão no auge da melodia
sons das tardes.

Depois de um ano de sepulcro
metamorfosear-se-ão o silêncio
a copular com a vida
morrerão de sons.

Carregarão as tardes
nas frágeis asas de vidro
a bater-se contra os ventos.
Preconizando a boa nova
arrastarão consigo primaveras.

Em seus concertos
pássaros, vidraças se homens loucos
a desentoar a canção.

https://impalpavelpoeiradaspalavras.blogspot.com.br/

# O Tamanduá Bandeira e as Formigas

**Clovis Alessandro Begliomini Begliomini**

**Itapecerica da Serra/SP**

Era uma vez, um Tamanduá Bandeira que passeava pelo campo, ele era muito forte, grande e imponente e adorava comer formigas.

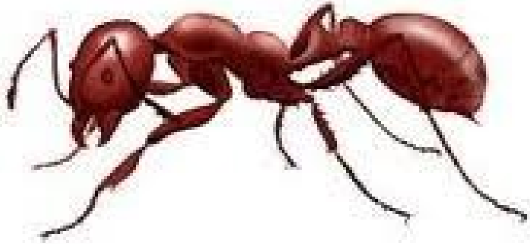


O Tamanduá Bandeira ia de formigueiro em formigueiro destruindo tudo e devorando o máximo de formigas que podia. Após mais um ataque do Tamanduá Bandeira há um formigueiro as formigas exaustas recolhiam os restos de outras formigas mortas e começavam a reconstruir o formigueiro, após alguns dias o formigueiro estava reconstruído, mas o Tamanduá Bandeira não tardava e voltava para atacar o formigueiro matando e comendo muitas formigas, era um pandemônio. As formigas já não suportavam, mais esta situação e haviam se reunido para tentar por fim aquela situação intolerável. Depois de muitas reuniões secretas as formigas chegaram a denominador

comum e propuseram um plano contra o Tamanduá Bandeira. Todas as formigas a partir deste dia ficaram de prontidão sempre aposto para deter o Tamanduá Bandeira. Passado alguns dias as formigas começaram a ouvir estrondos nos chãos e pequenos tremores que ficavam cada vez maiores, era o Tamanduá Bandeira se aproximando, o alerta vermelho foi disparado dentro do formigueiro e todas as formigas ficaram apostos prontas para o ataque do Tamanduá Bandeira.



O Tamanduá Bandeira escalou o formigueiro e disparou sua longa e poderosa língua dentro do formigueiro, destruindo moradias e matando várias centenas de formigas. As formigas em desespero controlado corriam para substituir às formigas mortas em seus postos de batalha, em um tremendo esforço coletivo as formigas começaram a derrubar as pilastras que mantinham o formigueiro de pé, vário formigas morreram soterradas nesta operação, mesmo assim continuavam com muita determinação a por seu plano secreto em prática.



A ponderosa arma do Tamanduá Bandeira contra as formigas, uma longa e poderosa "língua", ficou presa dentro do formigueiro em função do desabamento provocado pelas formigas.



As formigas continuam tenazmente a destruir as colunas de sustentação do formigueiro, com isso a língua do Tamanduá Bandeira foi ficando cada vez mais enroscada dentro do formigueiro. Milhares de formigas foram mortas com a implosão do formigueiro, mas desta vez o Tamanduá Bandeira ficou preso ao formigueiro preso pela sua própria língua por vários dias até que morreu de fome e sede.

# Tipos de Trolls e como Derrotá-los


Lindaiá Campos
Salvador/BA


Em meio a toda uma campanha sobre respeito as mulheres de uma maneira geral, fiquei pensando no que trazer para os leitores e decidi abordar um tema que nunca, repito, nunca aqui em Salvador ser discutido, não com esse olhar. Decidir trazer uma espécie de manual para garota Geek ou pelo menos um pedacinho dele.

**Tipos de Trolls e como derrotá-los**

Trolls são terríveis, não importa onde estejam. Os do Tolkien eram superfortes e, ainda sim, muito entupidos. Os Trolls do Discworld eram rochas gigantes que grunhiam. E, de acordo com as regras do D&D, Trolls continuam ressuscitando se você não detona-os com fogo ou ácido.

Mas há todo um subconjunto de Trolls que, infelizmente, não são ficcionais: as pessoas que existem apenas para espalhar ódio, tristeza e melancolia por todo o universo on-line. Os Trolls da internet vêm implacavelmente atrás das garotas Geek, sabendo que nunca poderemos encontrar os alter egos deles em busca de vingança. Os ataques vão de xingamentos superficiais a uma variedade de discursos de ódio a respeito de gênero e sexualidade. Assim como seus similares em videogames, filmes e livros, os Trolls da internet não são homogêneos. Eles estão até mesmo no zap (já fui uma vítima disso). Cada espécie tem uma característica horrorosa, e contra-ataque. Felizmente, você tem o grimório mágico bem as suas mãos. Colocarei alguns típicos exemplos aqui. Eis ao que deve ficar atenta.

**Troll do Cavalo de Batalha**

Está digitando no celular? Com uma só mão? Na correria? Esses Trolls não ligam. Eles estão com vergonha alheia, mortificados porque você se atreveu a

escrever “comcerteza” quando deveria escrever com “certeza “; porque você esqueceu uma virgula; porque você errou o uso do porquê e por ai vai.

**Trololó Típico:** “Como se eu pudesse levar qualquer coisa do que você diz a sério depois de você colocar dois espaços após o ponto final, sua analfabeta.”

Os famosos do Zap:

**Troll do Rio:**

Este tira o contexto da sua fala, distorcendo a mensagem original, e responde com o fervor de um típico debate político.

**Trololó Típico:** “Naquele tuite que você disse preferir gatos e cachorros parece que na verdade você quer assassinar todos os gatos da face da terra, e eu vou dizer para todo mundo que você é um terrível assassina de gatos.”

**Troll do Cavalo Branco:**

Embora você não precise ou queira ajuda de um Troll no cavalo branco, ele vai cavalgar em seu corcel branco para defende-la dos outros Trolls (já viu um Troll em um cavalo branco? Estranho.) Eles podem virar Trolls bonzinhos que acreditam que mulheres são como máquinas de refrigerante, é só depositar educação, que o sexo cai. Calma ai.

**Trololó Típico:** “Caras deixem a menina em paz! Argh sinto muito. Então, você gostaria de sair mais tarde, ou...? ...Não? Mais eu fui tão legal! Você me deve um encontro. Se não sair comigo, você é uma vaca e eu te odeio.”

**TorGall, o Chefão dos Trolls**

Enquanto os outros Trolls são bem inofensivos, NVR, Tor Gal – o líder de todos os Trolls – podem causar sérios problemas no mundo real. Não vacile: contate as autoridades e avise-os sobre o que está acontecendo. Colete o máximo possível de informação do agressor (o que pode ser bem difícil online, eu sei) e se certifique de catalogar, datar e capturar uma imagem de cada um dos ataques, especialmente ameaças físicas. Você pode fazer uma denúncia pelo site, ou procurar uma delegacia especializada em crimes virtuais, com ou sem

o aconselhamento de um advogado. No site **safernet.org.br**, você pode conferir dicas de prevenção e denúncias contra crimes de internet.

**Trololó Típico:** "Não acredito que uma garota teve a audácia de tentar jogar ou comprar um jogo online. Aqui está o nome do telefone e os endereços dela para vocês falarem na cara dela o quanto a odeiam".

Infelizmente Trolls como esses, dentre tantos outros não citados aqui, são mais comuns do que se imagina. O importante é não alimentá-los, tomar as medidas cabíveis caso precisar (defenda-se!) e o nunca, nunca mesmo deixar de ser você.

**Aprenda a se defender**

Já ouviu o clássico "não alimente os Trolls?" Se existe a tanto tempo, é verdadeiro. Todo tipo de Troll tem algo em comum: sua sede é real. Trolls precisam de um fluxo constante de respostas para as postagens intencionalmente rudes ou provocadoras; senão, seus pontos de vida se drenam lentamente, aqui vão alguns métodos fáceis para permitir que sua voz seja ouvida pelos reinos.

**Contra-ataque 1: Lois Lane, Repórter**

Quase todas as redes sociais têm um sistema para reportar e bloquear usuários que espalham discursos de ódio, incomodam os outros ou posam violento ou ameaçador. Até mesmo painéis velhos de mensagens possuem essa opção, os de fóruns por exemplo possuem moderadores que comandam o Martelo de Batalha Incrustado de Diamantes Anti-Troll de Banimento Permanente. Se estiver sendo trolada, reporte o Troll nos meios apropriados e bloqueio. Se tiver amigos na internet (e você é um nerd, então deve ter um monte), faça com que reportem e bloqueiem seu trollnimigo também.

**Contra-ataque 2: Mia Fey, Advogada de primeira**

Se estiver sendo trolada por algo em que você acredita, pode tornar esse Troll em um grande agente do bem. Em vez de responder diretamente ou em modo

privado ao seu Troll, acrescente um ponto final antes da mensagem em @ no TWitter ou poste sua resposta publicamente no Tumbrl. Agora, quando você despeja conhecimento na sua resposta, isso não se vira para o benefício do Troll; mas faça isso sabendo que pode ter influenciado pelo menos um voyeur do seu feed de notícias. Você pegou o distorcido fluxo de crítica e o transformou em um arco-íris de unicórnios.

**Contra-ataque 3: Jade, Fotografa proficiente**

Logo que as coisas ficarem feias, faça como a protagonista durona do videogame *Beyond Good and Evil* e come a tirar fotos. Esse a função printscreen do seu computador para compilar o máximo possível de imagens de xingamentos, discursos de ódio ou qualquer tipo de ofensa. Se possível, pegue o nome de usuário do Troll e uma imagem de perfil. Se as coisas se intensificarem até que você não se sinta mais segura (e queira recorrer às autoridades), vai ser bom ter um registro do que foi dito e quando.

**Contra-ataque 4: Saffron, Devedora de homens de segunda mão**

Se os Trolls xingarem você de coisas horríveis, usarem linguagem baixa ou argumentos ridículos, primeiro: ria. Trolls não suportam reações positivas e se apequenam ante o som de uma risada feminina, recuando lentamente para escuridão de suas cavernas. Agora, em vez de enfrentar o Troll diretamente, apenas faça com que seu comentário original fique público: retuite, reblog, poste no seu feed com todas as informações das redes sociais do Troll. Não só seus seguidores vão atrás do Troll com a raiva de mil ninjas raivosos (ou piratas, relaxe) como também estará expondo o ódio do Troll para o mundo. Expor o discurso do Troll para o mundo lembra que essas coisas estão acontecendo. Agora que você já sabe já sabe como identificar, lidar e até atacar a miríade de Trolls a que será exposta, siga em frente e post sem medo.

**Tô Loucura pelo dia-a-dia**

Tô louCURA pelo dia-a-dia

"A louCURA é o bálsamo.
Do meu dia_a_dia.
Espelha a essência do meu querer:
_De singular maluquete por ali.
_De estar o nunca desiste por aí.
_ De plural irreverente por aqui.
De ser o que sou e ponto por acolá.
Que reinvento passos de amoresia.
E poemANDO meu universo
Intenso de mais viDA.
Imediatamente em hoje's!"

Beco da Preta
São Luís-Maranhão

# Tu Acordas a Poesia

**Wesley Ribeiro Dias**
**Sobral/CE**

A poesia é uma velhinha senhora
E tu és jovial, és moça galharda
Que quando cicia não muito tarda
Para que à velhinha se rompa a aurora.

A anciã com tua agradabilidade sonora
A pulsar-se novamente não retarda
E não há chama que mais arda
Do que quando a acordas como agora.

Dize algo e ela se espreguiça
E vem lírica, vem cálida, vem castiça.
Ela responde à tua linda eufonia.

Amo-te, moça eficiente e esperta
Que luz à minha vida oferta
Quando acordas brandamente a poesia.



# Um Brinde À Loucura

**Marcos Alberto**
**Cotegipe/BA**

*A Friedrich Nietzsche*

Sei que existe um talvez!...
Onde quase tudo é nada
E nem todo tempo é tempo.
As horas passam caladas,
Não falam de um porto no futuro,
Tampouco esperam por mim...
De repente – livre e casual.
Sem  premissa, teorema,
Preâmbulo ou coisa igual –
Um verso despenca do poema.
Carregado de metáforas,
Atinge e fere a noite vazia...
E a madrugada desta sorte
Sangra nos braços do poeta...

Uma esquina não me basta!
Sem pressa, pouco a pouco...
Assistido sob olhos alheios,
Pego o silêncio em minhas mãos.
E logo ali...  excitados
Em meio a completo enleio,
Cachorros e gatos se abraçam.
Desde e sempre, através...

Dada tamanha situação,
Vi-me alongado em teorias
Mastigando idéias extravagantes.
Então, em trajes de neon,
Desatinado, louco por vaidade –
Atiro pedras na razão...

Achado entre cada manhã.
Decomposto. Prenhe de noites –
Procurava terminar o dia
Acariciando o copo farto.
E mais tarde, cheio de mim,
Vomitavas palavras frias
Antes de abraçar o pôr-do-sol:
 – Senhores! Ergam as taças...
Um brinde à loucura!
Não prossigam em linha reta.
Bastam!... para trás!...
Mais à frente estão os lúcidos,
Lendo o horóscopo chinês
Com suas verdades coloridas...



# Um Homem de Deus

**Ligia Diniz Donega**
**Ribeirão Preto/SP**

Outro dia, por acaso, passeando pelos canais da TV, deparei-me com um documentário. O tema: Betinho, o sociólogo Herbert de Souza.

Iniciam o programa com a volta dele ao Brasil, depois de um exílio, em 1979, ao som de Elis cantando O Bêbado e a Equilibrista.

A Jornalista o define como "um Brasileiro que abraçou sonhos", combateu a fome e falou abertamente sobre a AIDS, quebrando tabus. Um corpo frágil mas uma força de gigante.

Eu sabia algumas coisas sobre a trajetória dele, mas nunca havia visto um programa sobre ele. Confesso que além da admiração, senti-me muito pequena e egoísta.

Em 1986, Betinho contraiu o vírus da AIDS. Naquela época pouco se sabia sobre o comportamento desta síndrome e as transfusões de sangue eram feitas sem teste algum. Seus dois irmãos, Henfil e Chico Mário, também foram infectados da mesma maneira.

Ao assistir suas entrevistas, vi um homem de olhar sereno, voz suave e uma lucidez e equilíbrio extraordinários. Ele fala que a AIDS o ensinou que o que temos de mais precioso é a vida e o tempo, e que temos que emprega-lo da melhor maneira possível todos os dias. Fiquei pensando, um homem que já nasce marcado com a hemofilia e ainda por cima é infectado por um vírus mortal, numa época onde nem tratamento existia (os coquetéis vieram muito depois), era para ser revoltado ou se entregar à má sorte e esperar o dia de morrer. Ao invés disso, fez exatamente o que disse: empregou o tempo que lhe restava para fazer o seu melhor. Tinha pressa.

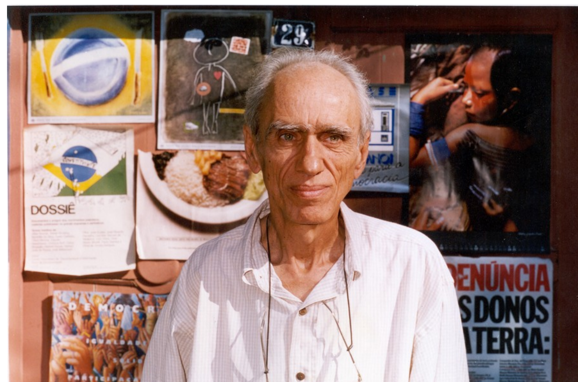
Vi um homem declarando seus pensamentos sobre a vida, a doença, com muita calma. Era um ser especial, iluminado.

Betinho tornou-se um porta voz dos aidéticos, com uma campanha para esclarecer as pessoas sobre a doença. Em 1993, foi considerado o homem de ideias do ano. Lutou pela reforma agrária, viajou pelo Brasil e através do que viu, fundou a ação pela cidadania e miséria com campanhas de arrecadação de alimentos que mobilizavam o país, como o Natal sem fome. Considerava-se um homem comum, um libertário, dizia que a liberdade é um bem fundamental que não pode ser sacrificado em nome de nada.

Um militante, intelectual, ativista, sobrevivente, o que não perdeu a esperança. Para mim, um exemplo de cidadão voltado para o bem a ser seguido e sempre lembrado. Um lutador incansável que só se entregou no final, quando já estava muito debilitado pela doença. Um pequeno grande homem que escolheu a maneira mais coerente de viver o tempo que lhe era concedido. E sem medo. Nem da discriminação, nem da morte.

Ele disse: "Estou bem com Deus. Se não estiver bem com Ele, pelo menos estou bem comigo".

Grande Betinho. Pessoas assim são raras. Cumpriu esplendidamente sua tarefa, em tão pouco tempo, e sem reclamar. Deus estava tão bem com ele que planejou tudo direitinho. Queria-o em Seus braços e levou cedo nosso brilhante homem. Mas antes deu-lhe tempo e inspiração para realizar tudo que Ele queria. Assim é a vida.



# Um Sorriso Desarma

**Isabel C S Vargas**
**Pelotas/RS**

O sorriso é a porta de acesso à alma.
Derruba barreiras intransponíveis
Criadas pela intransigência e incompreensão.
Sorrir é dar as boas vindas sem palavras.

A criança sorri inocente e natural
Conquista, enleva, cativa
Anula qualquer mau humor
Cria alegria ao seu redor.

Um sorriso estabelece uma conexão afável
Entre dois seres que se encontram
Podem ser conhecidos ou estranhos
Assim iniciam muitos relacionamentos.

Ao enfermo muitas vezes basta um sorriso,
A criança machucada quer um sorriso e um afago
O idoso entristecido o que mais deseja é um sorriso
De acolhimento, gratidão ou carinho.

O estranho não se sente assim
Ao ser recebido com um sorriso

Pelas pessoas que o recebem
Ao adentrar um ambiente.

Quem trabalha com pessoas
Em ambientes de tensão
O melhor presente que pode ofertar
É um sorriso de compreensão.

Sorriso não é bem material
Sorriso não é remédio
Mas é o bálsamo mais desejado
Por todos que estão angustiados.

Quem desejar viver em paz e harmonia
Não aceite uma provocação, não retruque
Nem use palavras ásperas.
Coloque seu melhor e mais lindo sorriso no rosto.



# Vida Ecológica

**Paulo José Carneiro Pires**

**Guarulhos/SP**

Mais um dia Elias acordou, puxou o lençol de tecido reciclado, pega o chinelo de material reciclado. Vai até o banheiro, fecha a porta de madeira reciclada, pega sua escova de dentes põem a pasta de dente natural. Penteia o cabelo com sua escova de plástico reciclável, vai até o quarto se arrumar.

No outro banheiro da casa ,Cláudia faz tudo igual, não esquecendo que usou o desodorante que não tem CFC. Vai para ao quarto, Elias pega sua camisa, calça e meia de algodão e sapato de couro ecológico .Ela põem a blusa e saia de algodão e põem o sapato de couro ecológico. Vão tomar café, pegam o leite que está num plástico biodegradável ,embalagem de margarina em material reciclável.

Tudo ia bem até que Cláudia diz:

-Elias como pode andar com esse carro poluindo tanto.?

-Mas meu carro não está poluindo, está em ordem.Onde você viu poluir??

-Ah, foi a Márcia que disse.

E você vai acreditar no que os outros dizem?

-É que você anda tão esquisito.

-Eu?

-É. Anda lavando o carro com aquele detergente que não é biodegradável, jogando óleo no esgoto. Benzinho, vê se tem consciência.

-Você que anda comendo comida com colesterol, jogando óleo no ralo ,comprando coisas que não vem em embalagens de plástico reciclável. E além do mais você tem gastado muita água em seu banho.

-Quero te bater ,seu lixo tóxico...

-Sua biodiversidade.

-Agenda 21...

- Tá de ONG é...??

-Não... seu biodegradável.

-Não ..material reciclável.

Chega a empregada para interromper, para contrariar o casal ecológico.

-Patroa,é melhor comprar detergente antigo que esse biodegradável não limpa nada. Esse lixo de plástico biodegradável, não dá pra por nenhum lixo, arrebenta.E tá na hora de pega meu ordenado, não quero em títulos ecológicos como de carbono ,etc não aceitam na padaria e em nenhum lugar.



# Visão da Alma

**JackMichel**
**Belém/PA**

Na capela abandonada é silente a paz.

Os vitrais coam a luz tíbia
do último raio de sol
da tarde que morre...
os bancos ebúrneos e a penumbra interior
formam um ambiente inefável:
por tudo o alvor do mármore
e a cinza da tarde.

Detrás do sacrário paira uma nuvem
de estranho incenso
e diante do altar,
tendo na fronte a unção
e na face o livor dos desolados,
ergo a urna onde repousam – sacrossantas –
as cinzas do passado morto.

https://www.facebook.com/escritoraJackMichel/



# Zero.:

**Evandro Alves Maciel**
**São Paulo/SP**

**Zero.:**

(...)
ao que se deu, portanto,
uma fome de rasgar o ventre
ou era o silêncio da faca
tangenciando o intangível
(...)

I
ontem acabou
antes do tempo
a má sorte das palavras...
guardam mais
do que
ofertam
louvadas sejam!

mas me vingo
continuamente
nos interstícios
vaporando

silêncios
que as
fazem
gritar gritar gritar gritar!

o eco
sobrante é
aquiescência.
em quê
pareceria mentir
quando a verdade
emplumada
de alfabetos
é o simples choque
das pedras nos muros
dos socos nas facas
das caras nos muros
redondezas
de um interminável círculo
que não fecha?

II
o tempo acabou
antes de ontem

a má sorte das palavras...
a fé nos coroou
a grande missão é
a omissão
louvada seja!

mas me vingo
continuamente
nos interlúdios
salmodiando
grunhidos
que me
fazem
calar calar calar calar!

o eco
sobrante é
aquiescência.
em quê
pareceria corar
quando a vergonha
enfunada
de certezas
é o bom sinal
dos muros erguidos
do sangue vazado

das caras sem caras?
redondezas
de um interminável círculo
que não fecha.

III
perde-se
o horizonte
ganha-se
a vertigem

o sal é o sol do mar
mas se seca o mar
que sal?
que sol?

perde-se
o vértice
ganha-se
o vórtice
os pés são a mão do chão
se some o chão
que pés?
que mãos?

IV

ao tempo
avante!
presto!

ao ontem
adiante!
presos!

a saber: é sempre meia noite no paraíso dos doidos
e os fantasmas estarão à espreita
cuidado ao sair de casa
cuidado ao sair da cama
cuidado ao subir escadas
cuidado ao abrir os olhos

ao que se deu, portanto,
uma fome de rasgar o ventre
ou era o silêncio da faca
tangenciando o intangível.

V
(...)

https://www.facebook.com/Evandro.Alves.Maciel

# Dia dos Vampiros 2017

Há 16 anos salvando vidas


**Liz Marins (Liz Vamp)**

**São Paulo/SP**





O Dia dos Vampiros é uma Campanha criada pela cineasta, atriz e escritora Liz Marins, criadora e intérprete da personagem "Liz Vamp" em 13 de agosto de 2002 e que a partir de 23 de setembro de 2003 se tornou lei na capital paulista. Atualmente esta data é comemorada também em outras cidades do Brasil e exterior. Na Eslovênia, país que também já celebrou a Campanha, até o ícone das interpretações vampíricas, o eterno "Drácula", Sir Christopher Lee, esteve presente. A Campanha por lá foi realizada em 2011 dentro do contexto de um grande festival de cinema fantástico, o Grossmann Fantastic Film and

Wine Festival.

O “Dia dos Vampiros”, é uma data e CAMPANHA de luta por três causas VITAIS:

*-Incentivo à doação de sangue*

*-Luta contra preconceitos e discriminações*

*-Incentivo à diversidade artística*

A falta de qualquer um dos itens citados acima causa MORTES diariamente.

Diariamente pessoas morrem em hospitais por falta de sangue. Se cada pessoa apta a doar sangue, dedicasse anualmente um pouquinho do seu tempo para doar uma pequena bolsinha de sangue , não existiria mais mortes por falta deste líquido vital nos hospitais. Apenas uma “picadinha”, menos de uma hora e uma única bolsa sanguínea, ajudam a salvar até 4 vidas!

Intolerância, preconceito e discriminação são as maiores causas das piores atrocidades cometidas do homem ao próprio homem. Se somarmos o fanatismo, egocentrismo e ambição a isto, teremos as respostas do “porque” a existência humana e a natureza que a supre está falindo... Devemos e podemos lutar contra isto! Contra todo tipo de preconceito e discriminação! É por isso que doamos o nosso sangue e ajudamos a salvar vidas “vestidos a caráter”, vestidos de “monstros”. Provamos assim que “na aparência física não está tatuada a índole de um ser”.

A arte está diretamente ligada à educação e cultura. A diversidade artística é necessária para não nos submetermos a lavagens cerebrais de uma mídia que adere à vontade de poderosos que não possuem interesse algum em ter um povo mais inteligente, pois é claro que uma sociedade mais inteligente iria substituir a maior parte daqueles que atualmente estão no poder. O desvio de verbas públicas e ignorância também são causadores de mortes.

Obrigado a todos que contribuíram e contribuem com o seu sangue, presença, arte, ou de alguma forma para esta CAMPANHA!

A Campanha e incontáveis vidas que foram beneficiadas por ela, pela presença e contribuição de vocês, agradecem.

Divulgaremos na página do Dia dos Vampiros no Facebook e no site as entidades e empresas que tiverem interesse em apoiar a Campanha do Dia dos Vampiros, doando objetos para sorteio, ajudando e/ou patrocinando a impressão de folhetos e/ou cartilhas de conscientização, entre outros importantes apoios.

Vídeo de 10 anos da Campanha: https://www.youtube.com/watch?v=3l6_XPeLI3E

Página no Facebook: https://www.facebook.com/DiaDosVampiros

Evento no Facebook: https://www.facebook.com/events/2024105930948536

Site: www.diadosvampiros.com.br

Link da lei em São Paulo: Fonte: Diário Oficial de São Paulo (D.O.M.; São Paulo, 48 (166), quinta-feira, 4 de setembro de 2003)

http://goo.gl/DuRwBi



# LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:




*"Revista Varal do Brasil"* - uma revista criada na Suíça pela escritora brasileira Jacqueline Aisenman, que por sete anos uniu escritores num varal cultural que se estendeu por todo o mundo. Esta revista é a "Mãe" da LiteraLivre.

Leiam as edições:

http://varaldobrasil.ch/leia-as-revistas/






*"Casa Brasil Liechtenstein"* - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

https://www.facebook.com/casabrasil.li/




Coloque-se no mapa com o PoemAPP
Com o aplicativo gratuito PoemApp - O Mapa da Poesia do Brasil, é possível divulgar e localizar os poetas, editoras, eventos literários e pontos de poesia de sua cidade ou de qualquer lugar do Brasil.
Disponível também no www.poemapp.com.br

Link do aplicativo para Android:

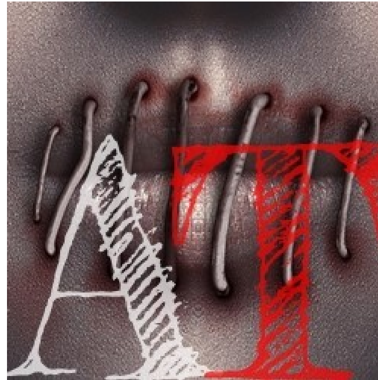
https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.poem_app






*"Mulheres Audiovisual"* - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portifólio e participe:

http://mulheresaudiovisual.com.br/




A Arte do Terror é um projeto independente criado pelos autores, Faby Crystall, Donnefar Skedar e Carlos Henrique Fernandes Gomes, com o intuito de divulgar contos de Terror escrito por autores independentes.

O projeto é totalmente gratuito e digital. Em cada volume o autor pode disponibilizar seu conto de Terror que irá para o volume criado e publicado pelo selo independente Elemental Editoração.

Todos os volumes são digitais e o leitor pode fazer o download gratuitamente nos principais sites de livros no mundo todo.

Acesse o site para ler os e-books e saber mais sobre como participar:

http://aartedoterror.wixsite.com/home



**Leia e baixe gratuitamente e-books com coletâneas de vários autores.**

Rosimeire Leal Da Motta Piredda - Escritora e Poetisa.

E-BOOKS GRATUITOS EM PDF

REVISTAS LITERÁRIAS

http://www.rosimeiremotta.com.br/e-books-gratuitos.htm




Não deixe de participar da próxima edição!!

O prazo para envio é até 15/08

Envie seu(s) texto(s) o quanto antes.

Também aceitamos, fotos, desenhos, tirinhas, etc..

Confira o regulamento no site!

Os textos enviados fora do prazo serão reservados para edições posteriores.




http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre